

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado



Dissertação

**Investigação das interferências linguísticas e das modalidades tradutórias na
tradução para o português brasileiro do conto “Tenth of December”**

Clara Peron da Silva Guedes

Pelotas, 2015

Clara Peron da Silva Guedes

**Investigação das interferências linguísticas e das modalidades tradutórias na
tradução para o português brasileiro do conto “Tenth of December”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Isabella Mozzillo
Coorientadora: Roberta Rego Rodrigues

Pelotas, 2015

Clara Peron da Silva Guedes

Investigação das interferências linguísticas e das modalidades tradutórias na
tradução para o português brasileiro do conto “Tenth of December”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em
Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 23 de novembro de 2015

Banca examinadora:

Profa. Dra. Isabella Mozzillo (Orientadora)
Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Roberta Rego Rodrigues (Coorientadora)
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Profa. Dra. Beatriz Viégas-Faria
Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Profa. Dra. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dedico este meu trabalho ao meu esposo Hugo e ao meu filho Davi.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Isabella Mozzillo, por ter apoiado meu projeto de pesquisa e por ter incentivado essa interface entre Línguas em Contato e Estudos da Tradução. Obrigada pelas sugestões e pela condução do desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço à minha coorientadora Profa. Dra. Roberta Rego Rodrigues, pelos encaminhamentos no desenvolvimento deste trabalho. Obrigada pelas conversas enriquecedoras e pelas revisões minuciosas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas por ter contribuído com o aumento do meu conhecimento.

Sou grata à Profa. Dra. Beatriz Viégas-Faria pelas contribuições feitas por ocasião do exame de qualificação e pelos exemplos fornecidos para a versão final desta dissertação.

Agradeço à Profa. Dra. Sabine Gorovitz pelas contribuições efetuadas com relação a esta pesquisa na banca de qualificação.

Agradeço às professoras Isabella Mozzillo, Roberta Rego Rodrigues, Beatriz Viégas-Faria e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard pela disponibilidade para ler esta dissertação e para participar da minha banca de defesa do Mestrado.

Sou grata aos colegas da turma de Mestrado em Letras 2014, em especial à Letícia Cardozo, pelos conhecimentos e momentos compartilhados.

Sou muito grata ao meu esposo pelo apoio incomensurável e pelo grande incentivo.

Sou grata à minha família – mãe, pai, avó, irmão, sogro, sogra e cunhadas – pela torcida e pelas orações.

A Deus, louvor e gratidão por esta conquista.

“Linguística Aplicada é uma expressão que se usa para abranger todas essas aplicações da teoria e das categorias da Linguística Geral (...). A Teoria da Tradução é, essencialmente, uma teoria de Linguística Aplicada”.

(CATFORD, 1980, p. 21)

Resumo

GUEDES, Clara Peron da Silva. **Investigação das interferências linguísticas e das modalidades tradutórias na tradução para o português brasileiro do conto “Tenth of December”**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

A teoria de Línguas em Contato foi desenvolvida a partir da investigação e da descrição de fenômenos linguísticos resultantes do contato entre idiomas em sujeitos e sociedades bi ou multilíngues. Atualmente, pesquisas relacionadas a tal abordagem abarcam diversos temas, dentre eles, a tradução. No entanto, a relação entre o contato linguístico e a atividade tradutória parece ser pouco investigada no meio acadêmico-científico. Em contrapartida, desde que a Linguística ampliou seu objeto de análise, os estudos tradutórios têm se valido do prisma dos fenômenos linguísticos, para além da investigação literária. Nesse sentido, esta dissertação pretende tecer vínculos entre a área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, e o campo multidisciplinar do conhecimento, Estudos da Tradução, ambos pertencentes à grande área de Letras e Linguística. Para tanto, tem por objetivo investigar as interferências linguísticas baseadas nos fenômenos descritos por Weinreich (1970) e as modalidades de tradução propostas por Aubert (1998), contidas na tradução do conto “Tenth of December” (SAUNDERS, 2013) para o português brasileiro, realizada por José Geraldo Couto, com o título “Dez de Dezembro” (SAUNDERS, 2014). A fim de obter a quantificação total dos dados pesquisados, os sintagmas nominais do texto fonte foram selecionados e classificados de acordo com rótulos criados para cada categoria de interferências linguísticas e de modalidades de tradução presentes no texto meta. Subsequentemente, foram salvos em arquivo TXT e anotados no programa *Notepad++*, em um arquivo de extensão XML, o qual, combinado com a folha de estilos (XSL), permite obter a quantidade total de cada categoria, em números absolutos, em um arquivo HTML. Os resultados encontrados após a investigação do *corpus* apontam para a prevalência de interferências linguísticas na direção do inglês estadunidense, ou seja, os sintagmas nominais estão mais próximos da língua fonte. Com relação às modalidades de tradução, as opções adotadas indicaram um menor distanciamento do texto traduzido com relação ao texto fonte. No entanto, a pequena diferenciação, em números percentuais, entre as categorias mais próximas da língua fonte e as da língua meta, denota certa aproximação linguística, no *corpus* analisado, entre o português brasileiro e o inglês estadunidense. Do mesmo modo, a classificação das modalidades mais recorrentes no *corpus*, segundo a escala proposta por Aubert (1998), demonstra certa equivalência entre os textos fonte e meta. A partir das análises quantitativa e qualitativa de cada categoria de interferência linguística e de modalidade de tradução, foi possível tecer paralelismos entre ambas. Essa investigação permite relacionar a área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, à área multidisciplinar do conhecimento, Estudos da Tradução.

Palavras-chave: interferências linguísticas; modalidades de tradução; Línguas em Contato; Estudos da Tradução, equivalência.

Abstract

GUEDES, Clara Peron da Silva. **Investigation of the linguistic interferences and of the translation modalities in the Portuguese translation of the tale “Tenth of December”**. 2015. 143 f. Thesis (Master Degree in Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

The theory of Languages in Contact was developed from the investigation and from the description of linguistic phenomena that result from the contact between languages in bi or multilingual persons and societies. Currently, research related to this approach includes various themes, among them, translation. However, the relation between linguistic contact and translation seems to be scarcely investigated in academic and scientific fields. On the other hand, since Linguistics amplified its analysis object Translation Studies have been investigated the phenomena from the linguistic point of view in addition to the literary one. Thus, this thesis aims at linking Languages in Contact and Translation Studies, both belonging to the greatest area Linguistics and Literature. In order to do that, it aims at investigating the linguistic interferences based on the phenomena described by Weinreich (1970) and the translation modalities proposed by Aubert (1998) in the translation of the short story “Tenth of December” (SAUNDERS, 2013) to Brazilian Portuguese, done by José Geraldo Couto, “Dez de Dezembro” (SAUNDERS, 2014). In order to achieve the total amount of the investigated data noun phrases of the source text were selected and classified according to the tags created to each category of linguistic interferences and of translation modalities present in the target text. Then, the data were saved on TXT file and annotated within Notepad++ software, on a XML file. Combined with the stylesheet (XSL) the annotation of the text allows to achieve the total amount of each category, in absolute numbers, on a HTML file. Results found after the investigation of the *corpus* show the prevalence of linguistic interferences in North American English direction, that is, the noun phrases are nearer to the source language. Concerning the translation modalities the options selected indicate little distance between the translated text and the source text. However, the small differentiation in percentage between the categories nearer to the source language and the ones nearer to the target language demonstrate some linguistic proximity, in the analyzed *corpus*, between Brazilian Portuguese and North American English. Equally, classification of the translation modalities more present in the *corpus*, according to the scale proposed by Aubert (1998), shows some equivalence between the source text and the target text. Based on quantitative and qualitative analyses of each category of linguistic interference and of translation modality, it was possible to trace parallelisms between both of them. This investigation allows to relate Languages in Contact and Translation Studies.

Keywords: linguistic interferences; translation modalities; Languages in Contact; Translation Studies; equivalence.

Lista de Figuras

Figura 1	Quadro dos rótulos das interferências linguísticas	75
Figura 2	Quadro dos rótulos das modalidades de tradução	76
Figura 3	Categorias de interferências linguísticas anotadas no arquivo de extensão XML	79
Figura 4	Categorias de modalidades tradutórias anotadas no arquivo de extensão XML	80
Figura 5	Folha de estilos relativa às interferências linguísticas (XSL)	81
Figura 6	Folha de estilos referente às modalidades tradutórias (XSL)	82
Figura 7	Quantificação de dados com relação às interferências linguísticas (HTML)	83
Figura 8	Quantificação de dados referentes às modalidades de tradução (HTML)	84
Figura 9	Gráfico com as porcentagens relativas às categorias de interferências linguísticas	100
Figura 10	Gráfico com as porcentagens relativas às categorias de modalidades de tradução	115

Lista de Tabelas

Tabela 1	Número total e percentual de manifestações das categorias de interferências linguísticas	86
Tabela 2	Número total e percentual de manifestações das categorias de modalidades tradutórias	103
Tabela 3	Relação entre as categorias de interferências linguísticas e de modalidades tradutórias	119

Sumário

1	Introdução	12
2	Revisão de literatura	18
2.1	Línguas em Contato	18
2.1.1	O desenvolvimento da teoria de Línguas em Contato	18
2.1.2	Conceitos relacionados ao contato de línguas	24
2.1.3	A disciplina acadêmica e as pesquisas na área de Línguas em Contato	27
2.2	Bilinguismo e tradução	28
2.2.1	Algumas definições de bilinguismo	29
2.2.2	O bilíngue e o tradutor: habilidades	33
2.2.3	A tradução como contato de línguas	39
2.3	Interferências linguísticas e modalidades de tradução	45
2.3.1	Interferências linguísticas	46
2.3.2	Modalidades de tradução	55
2.3.3	Pesquisas sobre interferências linguísticas e modalidades de tradução	62
3	Metodologia	65
3.1	Corpus	65
3.2	O autor: George Saunders	67
3.3	O tradutor: José Geraldo Couto	68
3.4	Método	71
4	Resultados	85
4.1	Análise das interferências linguísticas	85
4.2	Análise das modalidades de tradução	103
4.3	Relações entre as interferências linguísticas e as modalidades tradutórias	117
5	Conclusões	120
	Referências	123
	Anexos	131
	Anexo A: Categorias de interferências linguísticas	132
	Anexo B: Categorias de modalidades de tradução	136
	Anexo C: Entrevista com José Geraldo Couto	140

1 Introdução

O termo Línguas em Contato foi cunhado por Uriel Weinreich em 1953. Tal expressão deu nome a seu livro **Languages in Contact: Findings and Problems**^{1,2}. A referida obra apresenta questões relacionadas ao bilinguismo, ao sujeito bilíngue e aos fenômenos gerados pelo contato de línguas. A partir da análise e da comparação das estruturas lexicais, fonológicas e gramaticais de idiomas distintos, porém em longa relação, o pesquisador observa os tipos de desvios das normas dos pares envolvidos e descreve as interferências resultantes nos níveis do sistema linguístico.

Há vertentes que consideram Línguas em Contato como um campo da Sociolinguística (MONTEIRO, 2010; MCCLEARY, 2007; POPLACK, 1997; SANKOFF, 1980), já que estudos realizados na área podem estar relacionados às consequências da interferência e dos fenômenos de contato entre idiomas na sociedade, o que pode ocasionar mudanças no sistema linguístico.

No entanto, Línguas em Contato pode também ser compreendida como uma área de especialidade da Linguística Aplicada, que estuda as interferências geradas pelo contato dos idiomas, em especial, no ensino de línguas estrangeiras e no uso de duas ou mais línguas por falantes bilíngues ou multilíngues. Essas considerações podem se referir tanto a fenômenos que ocorrem em um ambiente formal de aprendizagem, como a sala de aula, quanto a questões presentes no dia-a-dia dos falantes (MOZZILLO e BERNARDI, 2015; ANGELIS e DEWAELE, 2011; BAKKER e MATRAS, 2013; UCHÔA, 2008).

Línguas em Contato pode também ser considerada como uma disciplina autônoma (BOYD, 2014; PAULASTO, MERILÄINEN, RIIONHEIMO e KOK, 2014. *Vide* ainda os programas dos cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Pelotas)³, imbuída de teoria própria, a qual abarca diversas questões relacionadas ao contato de línguas, dentre

¹ Todas as traduções de termos, títulos de livros, bem como de citações originalmente escritas em inglês, apresentadas nesta dissertação, são de minha responsabilidade.

² Línguas em Contato: descobertas e problemas.

³ Informações retiradas dos respectivos sites:

<<http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/docs/lpdisproj.pdf>>

<<http://wp.ufpel.edu.br/ppgl/disciplinas/>>. Acesso em 01 jun. 2015.

elas línguas de prestígio e desprestígio, políticas linguísticas, planejamento linguístico, entre outras.

No presente trabalho, entende-se Línguas em Contato como uma teoria linguística, proposta por Weinreich a partir da análise do contato entre os idiomas. Embora o linguista também discorra a respeito das questões extralinguísticas e sociais em sua obra, nosso foco corresponde ao estudo linguístico. Também considera-se o aspecto de uma área de especialidade da Linguística Aplicada, uma vez que as interferências linguísticas presentes no conto traduzido “Dez de Dezembro” são investigadas sob o prisma de tal abordagem, com relação ao texto e ao tradutor, aplicando a teoria ao texto traduzido. Portanto, não se considera a vertente Sociolinguística, visto que não são levadas em conta as questões sociais da língua e suas consequências na comunidade linguística.

Torna-se importante destacar que o termo interferência linguística, nesta dissertação, engloba um sentido amplo, não sendo considerado um fator degradante, com conotação de erro, pois se pressupõe que nenhum tradutor desenvolve seu trabalho com o objetivo de cometer enganos e desvios da norma padrão da língua. Assim, interferência designa a influência de um idioma sobre o outro. Neste caso, do inglês sobre o português e vice-versa. Optou-se por manter tal denominação por ser referente à terminologia da área de Línguas em Contato.

Durante o ato de tradução, o tradutor é responsável por fazer escolhas que produzam um bom texto na língua meta, procurando evitar inadequações e, ao mesmo tempo, tornando a tradução compreensível à cultura meta (VENUTI, 1995, p. 18). Dentre as opções tradutórias, há aquelas que são mais próximas da língua fonte e que tornam a tradução do texto mais perceptível, pois esta é mais facilmente notada como proveniente de outra língua e de outra cultura. Há, também, escolhas que tentam adequar o mais possível o texto fonte a uma produção fluente na língua meta.

Porém, entre estes dois extremos do *continuum*, há outras alternativas, classificadas segundo o nível de distinção entre o texto fonte e o texto meta selecionado para a análise, dentre os diversos possíveis (AUBERT, 1998, p. 102). Considerando esta gradação, Aubert (1998) propõe um modelo descritivo que permite medir o grau de diferenciação do sistema linguístico das línguas fonte e meta. Essa escala vai de um – quando o texto traduzido está mais próximo da língua fonte – até treze – que representa a maior aproximação da língua meta.

As modalidades tradutórias postuladas pelo autor podem ajudar a verificar as estratégias mais empregadas pelos tradutores a fim de solucionar problemas específicos. Além disso, permitem identificar o grau de aproximação ou distanciamento dos textos fonte e meta, já que tornam possível quantificar a porcentagem referente a cada modalidade. Assim, os resultados em números percentuais encontrados no texto traduzido, segundo a classificação na escala de um a treze, representam a maior proximidade ou o maior distanciamento com relação ao texto, à língua e à cultura fontes.

Esta dissertação analisa as interferências linguísticas – baseadas nos fenômenos de interferência descritos por Weinreich (1970) – adaptadas para o contexto tradutório, e as modalidades de tradução (AUBERT, 1998) contidas na tradução do conto “Tenth of December” (SAUNDERS, 2013) para o português brasileiro. A partir dos dados obtidos, é possível elaborar pressupostos sobre o grau de aproximação entre o texto escrito em inglês estadunidense e o texto traduzido para o português brasileiro, e traçar paralelos sobre como a aproximação ou o distanciamento de ambos pode interferir nas opções tradutórias e, conseqüentemente, no resultado do texto traduzido. Essa interface permite traçar relações entre o contato de línguas e a tradução, isto é, entre as áreas de Línguas em Contato e Estudos da Tradução.

Para tanto, os sintagmas nominais (SNs) contidos no texto fonte e suas traduções no texto meta foram selecionados e classificados. Subseqüentemente, foram analisados com relação às interferências linguísticas e às modalidades tradutórias, anotados no *software Notepad++* e salvos em um arquivo XML. Tal procedimento permite, por meio da combinação da folha de estilos (XSL) – a qual contém informação dos rótulos criados para cada categoria de interferências e de modalidade – e do arquivo XML quantificar o total de categorias de interferências linguísticas e de modalidades tradutórias, em números absolutos, geradas em um arquivo de extensão HTML, o qual também contém as porcentagens relativas a cada categoria encontrada.

Embora uma das teorias que norteia o trabalho possa não ser considerada como atual, já que a primeira publicação do livro de Weinreich data de 1953, ela é revisitada e revigorada. As descrições dos fenômenos linguísticos coletados *in loco* pelo pesquisador, na referida ocasião, e descritos com base na língua falada foram adaptadas como categorias de interferências linguísticas encontradas no texto

traduzido, isto é, uma produção escrita, a partir de fenômenos compatíveis aos relatados por Weinreich (1970). Tal procedimento permite sua atualização, validando-a como embasamento teórico desta pesquisa. A opção por esse referencial teórico específico se deve ao fato de ser a primeira obra a tratar das interferências linguísticas e seus desdobramentos.

Com o entrelaçamento entre as análises das categorias de interferências linguísticas e das modalidades tradutórias, pretende-se alavancar e reforçar pesquisas que relacionem a área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, e a área multidisciplinar do conhecimento, Estudos da Tradução, que parecem ser pouco estudadas em conjunto no meio acadêmico-científico.

Espera-se, como consequência, contribuir com tradutores em formação e profissionais, na medida em que a reflexão das escolhas tradutórias a partir da ótica da interferência linguística, fenômeno comum ao sujeito bilíngue, pode ajudar a aprimorar a consciência linguística do profissional de tradução. Tornar o tradutor ciente de que as línguas com as quais trabalha influenciam uma a outra, de maneira ampla, e podem causar interferências em suas escolhas tradutórias, auxilia a sua formação, fazendo que realize traduções mais aceitáveis⁴ na língua e na cultura metas.

A partir da investigação comparativa, cotejando o texto fonte e o texto meta, objetivou-se investigar as interferências geradas pelo contato das línguas e das culturas estadunidense e brasileira no texto traduzido, segundo os moldes descritos por Weinreich (1970). Também pretendeu-se analisar as escolhas feitas pelo tradutor do conto publicado em português brasileiro, com relação às modalidades de tradução propostas por Aubert (1998).

Para que tal exame fosse possível, foi realizada a classificação, a quantificação e a descrição das ocorrências dos tipos de interferências ocasionados pela relação entre o inglês estadunidense e o português brasileiro. O mesmo procedimento foi adotado com relação aos tipos de modalidades tradutórias presentes no texto meta. Tal análise teve por objetivo identificar o grau de proximidade do texto escrito em inglês estadunidense e do texto traduzido para o português brasileiro, de acordo com o postulado nas modalidades tradutórias

⁴ Com relação às discussões acerca da adequabilidade e da aceitabilidade da tradução conferir TOURY, G. **Descriptive translations studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

(AUBERT, 1998), com o intuito de verificar se a aproximação ou o distanciamento do texto fonte e do texto meta influencia nas interferências linguísticas e nas escolhas de tradução.

Esses procedimentos foram adotados a fim de verificar as hipóteses desta pesquisa. Por serem sintática e morfologicamente distantes, acreditou-se que o inglês estadunidense e o português brasileiro exerceriam pouca interferência um sobre o outro, no que diz respeito ao desvio das normas padrão da língua culta. Entretanto, com relação a questões linguístico-culturais, poderia haver influência de um idioma sobre o outro. Com relação às modalidades de tradução, por se tratar de um conto rico em expressões idiomáticas e referências culturais, era esperada a ocorrência de um grande número de categorias de Transposição, Modulação, Adaptação e Empréstimo, dependendo da agenda do tradutor, pois se o objetivo fosse apresentar a cultura fonte, esta última categoria seria recorrente. Almejou-se encontrar relações entre as categorias de interferências linguísticas e as de modalidades de tradução.

Neste capítulo introdutório são apresentados o tema desta pesquisa, a justificativa para que seja realizada e os objetivos gerais e específicos do trabalho, bem como a visão geral de cada capítulo contido nesta dissertação de mestrado.

No segundo capítulo, será apresentada a teoria de Línguas em Contato, base para a investigação das interferências linguísticas. Será abordado o surgimento da teoria, seu desenvolvimento como disciplina acadêmica e área de pesquisa, bem como alguns dos seus principais conceitos. Também serão tratadas as especificidades do indivíduo bilíngue e do tradutor, apontando as diferenças e as similaridades entre esses sujeitos. Para tanto, serão expostos conceitos e habilidades características do bilíngue e do tradutor. Neste trabalho, as denominações “sujeito bilíngue” e “indivíduo bilíngue” são empregadas para descrever pessoas que possuem repertório em mais de uma língua.

Desse modo, será traçado um paralelo entre contato de línguas e tradução. Ao final, serão descritos e exemplificados os tipos de interferências linguísticas, baseadas em Weinreich (1970), e de modalidades de tradução, postulados por Aubert (1998). Além disso, serão apresentadas pesquisas anteriores que abordaram tais temas.

O terceiro capítulo apresentará a metodologia adotada nesta pesquisa, o *corpus* selecionado, o autor do conto e seu tradutor. Serão explicitados os

procedimentos necessários a fim de atingir a quantificação dos dados que serão analisados qualitativamente no capítulo posterior.

No quarto capítulo serão apresentados os resultados obtidos. Os dados quantitativos serão expostos em tabelas e gráficos, assim como serão discutidos, exemplificados e analisados de forma qualitativa. Também serão apontadas relações entre as interferências linguísticas e as modalidades tradutórias.

O quinto capítulo trará as conclusões relativas à aproximação ou ao distanciamento do texto escrito em inglês estadunidense e o texto traduzido para o português brasileiro a partir das interferências linguísticas e das modalidades tradutórias presentes na análise do *corpus*. As considerações permitirão traçar um paralelo entre a distância ou a proximidade dos textos, das línguas e das culturas fonte e meta relativamente às interferências linguísticas encontradas.

O Anexo A apresentará as categorias de interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970) com exemplos do próprio pesquisador e algumas adaptações ao contexto tradutório. O Anexo B trará as modalidades tradutórias propostas por Aubert (1998) seguidas de exemplos contidos no texto do referido autor. No Anexo C será apresentada uma entrevista com o tradutor do conto objeto desta pesquisa, José Geraldo Couto. As informações contidas nas respostas por ele fornecidas permitiram corroborar alguns pressupostos descritos nas análises qualitativas dos sintagmas nominais e confirmaram a coerência do tradutor em relação à agenda específica da tradução de “Tenth of December”.

A conscientização a respeito de prováveis interferências provenientes do contato de línguas que ocorre durante a tradução pode ser uma aliada do tradutor, que ficará mais atento a possíveis desvios ocasionados por tal relação e à influência de um idioma sobre o outro. Somado a isso, se ele estiver ciente das modalidades tradutórias das quais pode lançar mão, poderá desenvolver um trabalho menos suscetível a inadequações e armadilhas, logrando, ao final, um texto meta bem aceito pela cultura na qual será inserido.

2 Revisão de literatura

2.1 Línguas em Contato

Nesta seção, é apresentada uma das teorias linguísticas que servem de base para o desenvolvimento desta pesquisa, a teoria de Línguas em Contato, proposta por Uriel Weinreich. É traçado o histórico deste campo de estudo, bem como são apresentados conceitos relacionados à área e a seu desenvolvimento como disciplina acadêmica e linha de pesquisa.

2.1.1 O desenvolvimento da teoria de Línguas em Contato

A teoria de Línguas em Contato foi proposta por Uriel Weinreich a partir dos resultados obtidos em pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico, com a finalidade de produzir sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado, respectivamente, ambas realizadas sob a orientação de André Martinet. O nome foi escolhido por ocasião de um curso ministrado por Martinet na Universidade de Columbia, Estados Unidos. Os dados utilizados no trabalho de Weinreich foram coletados na Suíça, entre os anos de 1949 e 1950, por meio de parceria estabelecida com apoio do *American Council of Learned Societies*¹ (WEINREICH, 1970, p. x).

O livro resultante desses estudos, intitulado **Languages in Contact: Findings and Problems**, escrito por Weinreich em 1953, reeditado seis vezes e, atualmente, esgotado nas livrarias, teve o prefácio escrito por Martinet. Nesta parte da obra, o pesquisador destaca que houve uma época em que o progresso das pesquisas na área da Linguística necessitava que cada comunidade de fala fosse considerada homogênea. Entretanto essa não é a realidade. Hamers e Blanc (2004, p. 20) ressaltam que a língua não é mais homogênea que a sociedade, já que o

¹ Consulado Americano de Sociedades Letradas.

comportamento verbal varia de acordo com as dimensões sociais, uma vez que o falante é quem produz sentido por meio da linguagem. Assim, a variação é inerente à linguagem humana.

Portanto, comunidades linguísticas são heterogêneas, já que a diversidade de línguas começa dentro do próprio sujeito. Martinet destaca que “cada indivíduo é um campo de batalha para confrontar tipos e hábitos linguísticos, e, ao mesmo tempo, uma fonte permanente de interferência linguística”² (MARTINET, 1970, p. vii).

Ainda no prefácio, destaca-se que o sujeito bilíngue, em uma situação ideal, deveria abandonar um sistema linguístico homogêneo e assumir outro também totalmente homogêneo, de maneira semelhante ao que acontece entre indivíduos travando uma conversa em uma única língua. Nesse caso, ocorreria a adequação ao léxico e à forma de expressão de acordo com o interlocutor, utilizando-se um repertório linguístico único. O mesmo seria esperado em conversas envolvendo bilíngues. Entretanto, Martinet (1970, p. viii) questiona se tal pressuposto é realmente possível e aponta que pode haver casos intermediários no *continuum* que separa uma língua da outra, pois, segundo ele, o contato leva à imitação e, conseqüentemente, à convergência entre os idiomas. Weinreich baseou suas pesquisas nessas considerações e questionamentos.

Nas palavras de Odlin (2005, p. 334), o livro “**Languages in Contact** (1953), de Uriel Weinreich, [é] um trabalho que olhou para a influência translinguística mais de perto que qualquer investigação anterior”³. Segundo o autor, tal obra serve como referência para avaliar as mudanças e a continuidade das pesquisas relacionadas à transferência linguística. O pesquisador declara que transferência linguística e influência translinguística são termos utilizados de forma intercambiável, já que a transferência é a influência resultante das similaridades e diferenças entre a língua alvo e alguma outra língua já adquirida. Tal fenômeno pode afetar todos os sistemas linguísticos, desde a pragmática e a retórica, incluindo a semântica e a sintaxe, bem como a morfologia e a ortografia, até a fonética e a fonologia (ODLIN, 2005, p. 333-334).

Gorovitz (2012, p. 77) destaca que “ainda que as situações de plurilinguismo não sejam um fenômeno recente, foi somente a partir da obra de Weinreich que os

² Texto original: “each individual is a battle-field for conflicting linguistic types and habits, and, at the same time, a permanent source of linguistic interference”.

³ Texto original: “Uriel Weinreich’s *Languages in Contact* (1953), a work that looked at cross-linguistic influence more closely than any previous investigation had”.

linguistas começaram a sistematizar o fenômeno do contato para entender a mudança das línguas”. À época da publicação, Martinet (1970, p. ix) apontou que

precisávamos de uma pesquisa detalhada de todos os problemas envolvidos em e conectados com o bilinguismo, realizada por um acadêmico bem informado das tendências linguísticas atuais e com larga experiência pessoal com situações bilíngues. Aqui está⁴.

As passagens supracitadas demonstram a importância e o prestígio dessa obra inaugural e basilar para os estudos sobre Línguas em Contato.

De acordo com Weinreich (1970, p. 1), duas ou mais línguas estão em contato quando são usadas alternadamente pela mesma pessoa. Assim, o indivíduo é considerado o *locus* do contato. A prática de usar dois idiomas de modo alternado é chamada de bilinguismo e o sujeito envolvido nessa dinâmica é chamado de bilíngue. Os desvios das normas de uma das línguas, ou de ambas, causados pelo contato entre elas, são denominados interferência. Tal termo implica a reorganização de padrões que resultam da introdução de elementos estrangeiros em domínios linguísticos mais estruturados de um idioma (*idem*, 1970, p. 1).

Segundo o pesquisador (1970, p. 3), as diferenças e similaridades entre as línguas em contato devem ser estudadas nos domínios fonético, gramatical e lexical, a fim de determinar a interferência decorrente dessa relação. Outro aspecto importante a ser considerado são os fatores extralinguísticos, dentre eles, a facilidade de expressão verbal do falante; a proficiência relativa em cada uma das línguas; os tópicos de especialidade e os tipos de interlocutores; a maneira como cada um dos idiomas foi aprendido; e a atitude do falante em relação a eles.

Hamers e Blanc (1990, p. 6) entendem línguas em contato como “o estado psicológico de um indivíduo que usa mais de uma língua, assim como o uso de dois ou mais códigos nas relações interpessoais e entre grupos”⁵. Os pesquisadores corroboram o pressuposto por Weinreich (1970, p. 3) ao destacar que os sociolinguistas demonstraram como o comportamento monolíngue varia de acordo com parâmetros tais como a relação com o interlocutor, a posição social do falante e

⁴ Texto original: “we needed a detailed survey of all the problems involved in and connected with bilingualism by a scholar well informed of current linguistic trends and with a wide personal experience of bilingual situations. Here it is”.

⁵ Texto original: “the psychological state of an individual who uses more than one language as well as the use of two or more codes in interpersonal and intergroup relations”.

da língua, e o tópico da conversa. Segundo eles, essas variáveis são aplicáveis a situações de contato de língua.

Devem ser levadas em conta, também, as características de grupos bilíngues, já que a interferência pode ser maior quando a situação de contato ocorre em comunidade. Nesse sentido, é relevante analisar o tamanho do grupo e sua homogeneidade sociocultural; o predomínio de certos comportamentos de fala dentro desse grupo; as atitudes e os estereótipos relacionados a cada língua e sua respectiva cultura; a tolerância do grupo em relação à mistura das línguas; e sua atitude em relação ao bilinguismo (WEINREICH, 1970, p. 3-4).

Para o linguista, somente em um contexto psicológico e sociocultural amplo o contato de línguas pode ser mais bem compreendido. Assim, estudos puramente linguísticos sobre línguas em contato devem ser interligados a investigações extralinguísticas sobre o bilinguismo e aos fenômenos a ele relacionados, já que a relação entre os idiomas e a interferência resultante podem ser explicadas com mais detalhes por meio do comportamento de fala do sujeito bilíngue, o qual é condicionado pelas relações sociais (WEINREICH, 1970, p. 4).

Selinker (1972, p. 211) afirma que a proposta de Weinreich é investigar as identificações interlinguísticas relacionadas ao bilinguismo como ocorrências fonêmicas nas duas línguas, ou como relações gramaticais nos dois idiomas, ou como características semânticas nos dois sistemas linguísticos, realizadas pelo falante em uma situação de contato de línguas. Entretanto, tal concepção ignora “questões referentes às estruturas psicológicas dentro das quais pressupomos que ‘identificações interlinguísticas’ existem”⁶ (*op. cit.*). Isso se deve ao fato de que Weinreich estava interessado em estudar as relações de interferência nas situações de contato de línguas em seu âmbito linguístico e social. Portanto, não considera questões sobre o processamento do cérebro bilíngue.

Tomando como base os pressupostos da teoria estruturalista, que distingue fala e língua, é possível perceber em uma enunciação quais elementos não pertencem a determinado idioma, pois todo evento de fala está inserido em uma língua definida. Portanto, o tipo de interferência linguística mais comum e fácil de identificar é a transferência, já que essa é geralmente percebida pelo falante ou pelo pesquisador como uma produção referente a outro sistema linguístico. Assim sendo,

⁶ Texto original: “questions regarding the psychological structures within which we assume ‘interlingual identifications’ exists”.

os elementos que não se enquadram em uma dada língua podem ser classificados como empréstimos. Porém, essa é apenas uma das manifestações do fenômeno. A interferência pode ocorrer em todos os níveis linguísticos, seja ele fonético, lexical, sintático ou semântico (WEINREICH, 1970, *passim*).

Odlin (2005, p. 334) destaca que Weinreich enfatiza os padrões negativos de interferência, propondo que a transferência negativa é mais interessante que a positiva. De acordo com o autor, a primeira é caracterizada pelas formas híbridas e pelas divergências da forma canônica da língua meta. Já a segunda é definida como “influências facilitadoras que podem emergir de similaridades translinguísticas”⁷ (*op. cit.*). Possivelmente, as duas formas de interferência são igualmente importantes. Entretanto, as negativas parecem ser mais perceptíveis e, portanto, mais facilmente identificadas. Weinreich (1970, *passim*) não classifica os tipos de interferência como negativos ou positivos, apenas os descreve, apontando os desvios da norma padrão resultantes do contato entre línguas.

Embora as unidades básicas da língua, em teoria, não sejam mensuráveis, na prática, a sobreposição de sons e significados é comum a um indivíduo bilíngue cuja proficiência não é muito elevada. De acordo com Weinreich (1970, p. 8), a interlíngua do bilíngue apenas aumenta esta sobreposição e, conseqüentemente, “os paralelismos particularmente extensivos entre as línguas que estão em contato longo e intensivo”⁸ (*op. cit.*). Assim, a identificação entre os sistemas linguísticos que o sujeito bilíngue possui leva à redução de normas das línguas, sendo esta a raiz de muitas formas de interferência.

Desta maneira, ao traçar um paralelo entre o fonema [p] em russo e o fonema [p] em inglês, o falante bilíngue tende a pronunciar *pull* (“puxar”) à maneira russa, [pul], ao invés de [phul]. A identificação entre os semantemas *nogá* (“pé de mobília”, em russo) e *foot* (“pé”, em inglês), pode levar o bilíngue a produzir a frase *I have long feet* (“eu tenho pés compridos”). Já a identificação com a ordem das palavras poderia levá-lo a violar a gramaticalidade de sentenças em inglês e a construir a frase *I him see* (“eu o vejo”), perfeita em russo, mas não gramatical em inglês, cuja ordem canônica é sujeito + verbo + objeto (WEINREICH, 1970, p. 8).

⁷ Texto original: “facilitating influences that may arise from cross-linguistic similarities”.

⁸ Texto original: “the particularly extensive parallelisms between languages which have been in long and intensive contact”.

Weinreich (1970, p. 11) faz uma distinção entre a interferência na fala e a interferência na língua. De acordo com o autor, no primeiro caso, ela é decorrente do conhecimento pessoal a respeito de outro sistema linguístico. Já no segundo, é possível observar interferências que ocorreram frequentemente na fala de bilíngues e acabaram se tornando um hábito estabelecido, não dependendo mais do sujeito bilíngue para que aconteçam. Dessa forma, o que era considerado empréstimo passa a fazer parte da língua e pode não ser reconhecido como uma palavra estrangeira por falantes nativos mais novos.

O pesquisador afirma que tal distinção teórica é necessária para “entender o que o contato de línguas significa para um indivíduo que o experiencia, já que aquilo que o linguista historicista sabe ser um efeito da interferência de outra língua pode não o ser para o usuário da língua”⁹ (WEINREICH, 1970, p. 11). Portanto, os questionamentos sobre a interferência na fala são distintos daqueles relacionados à interferência na língua, os quais estão atrelados à percepção e à motivação de empréstimos, ou seja, à integração de elementos fonéticos, semânticos e estilísticos estrangeiros. Nesta pesquisa, interessa a interferência na fala, ou seja, a individual. Isso se deve ao fato de que são analisadas as interferências linguísticas expressas no texto escrito traduzido.

O contato entre línguas também está ligado ao contato entre culturas, uma vez que todo sistema linguístico está inserido em uma comunidade repleta de representações e significados próprios. Portanto, é possível traçar alguns paralelos entre os dois domínios. Ao âmbito linguístico interessa a relação entre os fatores estruturais e não estruturais que promovem ou impedem as interferências. Os fatores não estruturais derivam do contato da língua com o mundo, o qual ocorre a partir da familiaridade do indivíduo com o sistema linguístico, do valor simbólico que esse apresenta, bem como das emoções que ele pode despertar (WEINREICH, 1970, p. 5).

Com relação aos estudos culturais, as mudanças socioculturais que podem ocorrer envolvem, assim como as mudanças linguísticas, a adição de novos elementos, a eliminação de alguns e a modificação e reorganização de outros. Nesse sentido, Weinreich (1970, p. 6) afirma que “antropólogos investigando a

⁹ Texto original: “to understand what language contact means to an individual who experiences it, for what the historical linguist finds to be an effect of interference from another language may not be one to the user of the language”.

aculturação estão incitados a incluir evidências linguísticas, desenvolvidas por linguistas, como índices da totalidade do processo de aculturação”¹⁰. Portanto, na visão do autor, linguistas e antropólogos devem trabalhar com a premissa de que o indivíduo é o *locus* do contato entre línguas e entre culturas, e se unir aos psicólogos, a fim de alcançarem o entendimento sobre o resultado da interferência gerada por meio do contato linguístico e cultural nos âmbitos individual e social.

2.1.2 Conceitos relacionados ao contato de línguas

Conforme a definição de Weinreich (1970, p. 1), considera-se que duas línguas estão em contato quando são usadas de maneira alternada pelo mesmo indivíduo, caracterizando uma situação de bilinguismo e relação entre idiomas e culturas. Devido ao processo de globalização que vivemos de maneira acelerada e crescente, a troca entre sujeitos, sociedades e culturas vem aumentando. O deslocamento e/ou a migração é a base para que ocorra o contato entre línguas, que se dá “na mente de indivíduos que entram em contato em determinado lugar” já que “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas povos” (COUTO, 2009, p. 50).

O contato entre sistemas linguísticos ocorre, portanto, como resultado de uma interação na qual um indivíduo se relaciona, como falante e/ou ouvinte, com uma ou mais línguas distintas de sua língua materna ou primeira língua¹¹. Um dos motivos mais comuns para que tal fato aconteça é a relação histórica entre países vizinhos, principalmente em regiões de fronteira, mas também para além delas. Outro fator que leva à aquisição de mais de uma língua é o intercâmbio de informações, comércio e viagens (CALVET, 2007; COUTO, 2009; GOROVITZ, 2012; GROSJEAN, 2008).

Há muito mais línguas no mundo do que países. Segundo Calvet (2007, p. 69), o número de idiomas existentes no planeta figura entre quatro e cinco mil, com uma média de 30 por país. Na maioria deles, portanto, dezenas de línguas são

¹⁰ Texto original: “anthropologists investigating acculturation are urged to include linguistic evidence, developed by the linguists, as indices of the total acculturative process”.

¹¹ Nesta dissertação de mestrado, os termos “língua materna” e “primeira língua” são equivalentes.

usadas não apenas em seu espaço territorial, mas também no espaço ideacional dos falantes.

Calvet (2007, p. 81) afirma que “todos sabem que hoje em dia não há necessariamente coincidência entre uma língua e as fronteiras de um estado”. De fato, as fronteiras só existem se são percebidas como uma construção coletiva, ou ao serem vivenciadas, pois, segundo Gorovitz (2012, p. 75), somente transitando de um território para outro é possível notá-las. De acordo com a pesquisadora,

se por um lado o fenômeno é configurado por fatores geográficos, a exemplo das situações de fronteiras transnacionais em que populações e línguas coabitam permanentemente, por outro, refere-se à crescente mobilidade dos sujeitos e dos grupos para além dos limites territoriais de seus países (GOROVITZ, 2012, p. 75).

Couto (2009, p. 51-54) estabelece quatro tipos de contato gerados pelo deslocamento de indivíduos. O primeiro é caracterizado pela chegada de um povo a um território no qual já há uma comunidade linguística estruturada. Nesse caso, podem-se formar ilhas linguísticas, a fim de manter a língua do povo migrante, ou, ao contrário, pode haver o apagamento gradual do idioma nativo no decorrer das gerações. Assim, aproximadamente na terceira geração, a língua materna do grupo imigrante poderá ter sido abandonada.

A segunda situação é representada por conquistadores que, geralmente, implantam sua língua e sua cultura na sociedade dominada, o que pode resultar na formação de línguas crioulas, ou seja, no surgimento de um novo sistema linguístico decorrente da mistura dos idiomas do colonizador e do colonizado.

O terceiro caso é definido como o deslocamento de dois povos com sistemas linguísticos distintos para o mesmo território, que não pertence a nenhum deles. Como consequência, surgem os *pidgins*, línguas utilizadas para comunicação básica e negócios, e os crioulos, considerados *pidgins* desenvolvidos.

A quarta condição ocorre quando há o deslocamento de falantes para regiões com línguas distintas de forma temporária ou sazonal. Inclui também as regiões fronteiriças, principalmente quando separadas por acidentes geográficos. Nessa situação, cada grupo fala sua própria língua.

De acordo com Couto (2009, p. 55), alguns fatores podem influenciar nos resultados gerados pelos quatro tipos de contato, entre eles, a quantidade de indivíduos que se deslocam, pois, se o grupo for grande, a tendência é a

manutenção da própria língua; e o tempo de permanência no novo território, pois, se este for curto, quase não ocorre interferência. Ainda são consideradas a intensidade do contato; a relação de poder entre os povos; a resistência cultural, que pode fazer com que a cultura e a língua estrangeiras sejam assimiladas de forma mais demorada; e a semelhança tipológica entre as línguas envolvidas, o que facilita o processo de assimilação.

Possíveis resultados do contato de línguas, conforme Couto (2009, p. 55-56), são as línguas duomistas, que possuem o vocabulário de uma língua e a gramática de outra; as línguas indigienizadas, que entram em determinado sistema linguístico de cima para baixo, por meio de sujeitos cultos, e fazem parte apenas desse círculo social; e as línguas reestruturadas, ou seja, aquelas que estão em um entre-lugar do crioulo e não crioulo, chamadas de “semicrioulos” (HOLM, 2000¹² *apud* COUTO, 2009, p. 56). Podem ocorrer, ainda, a regramaticalização, na qual se conserva parte do vocabulário original, porém usando-o no contexto de outra língua, sendo denominada por Couto (2009, p. 56) como anticrioulo; e a relexificação, responsável pelo desenvolvimento da maioria das línguas duomistas e crioulos.

Já do ponto de vista individual, Couto (2009, p. 57) classifica fenômenos que decorrem da interferência entre duas ou mais línguas na produção do bilíngue. Entre eles podemos citar a alternância de código (*code-switching*), ou seja, o uso de elementos linguísticos de idiomas distintos na mesma sentença, e a atrição, quando uma das línguas sofre grande influência da outra, de modo negativo, com tendência à obsolescência, ou desuso, o que pode desencadear a glototanásia, isto é, a morte do idioma mais fraco.

Portanto, o contato ao longo do tempo muda as línguas envolvidas. De acordo com Siemund e Kintana (2008, p. 7), “qualquer que seja o tipo de material transferido em uma situação de contato de línguas, esse material, necessariamente, experimenta algum tipo de mudança através do contato”¹³. Quando dois idiomas entram em contato, alguma interferência, por menor que seja, resulta de tal relação, mudando de certa maneira as características fonológicas, lexicais, sintáticas e/ou semânticas dos sistemas linguísticos utilizados por indivíduos bi ou multilíngues.

¹² HOLM, J. A. **An Introduction to pidgins and creoles**. U.K.: Cambridge, 2000.

¹³ Texto original: “whatever kind of material is transferred in a situation of language contact, this material necessarily experiences some sort of modification through contact”.

2.1.3 A disciplina acadêmica e as pesquisas na área de Línguas em Contato

Foi a partir da vontade de entender e de sistematizar as diversas formas de bi e multilinguismo que Uriel Weinreich cunhou, em 1953, a expressão contato de línguas em seu livro **Languages in Contact**, dando ao fenômeno *status* de disciplina acadêmica e área de pesquisa. Em sua obra, o linguista passou a abordar o assunto com ênfase no indivíduo e nas suas escolhas. Sob essa ótica, o contato de línguas caracteriza uma situação em que a presença de duas línguas afeta o comportamento linguístico do falante/ouvinte (GOROVITZ, 2012, p. 77).

As pesquisas desenvolvidas na área estudam fenômenos linguísticos presentes em qualquer situação de contato, dentre eles políticas linguísticas (ALTENHOFEN, 2004), ensino de línguas (DAHLET, 2003), planejamento linguístico (CALVET, 2007), interferência linguística (MELLO, 2005; UCHÔA, 2008), línguas de prestígio e desprestígio (VIEIRA e MOURA, 2000), preconceito linguístico (OLIVEIRA, 2000), bilinguismo/multilinguismo (MELLO, 2001), alternância de códigos (GROSJEAN 1982, 2008; HAMERS e BLANC, 1990), identidade (ALFARO e FREIRE, 2012), e tradução (GOROVITZ, 2012).

Uma das questões centrais das pesquisas sobre línguas em contato, segundo Gorovitz (2012, p.77), é a manifestação da coexistência em uma mesma região, país, ou indivíduo, de duas ou mais línguas, resultando em diferentes tipos de produção linguística, e a maneira como essa presença simultânea de dois ou mais idiomas afeta o comportamento do falante.

De acordo com Chardenet (2004, p. 79), ao se considerarem as relações entre os idiomas, do ponto de vista de sua difusão, podem ser realizadas pesquisas voltadas às políticas linguísticas de ensino de línguas estrangeiras, “as quais fundamentam em levantamentos as práticas dos falantes, para orientar a estruturação de domínios geopolíticos”. Outra possibilidade é a pesquisa a partir de um ponto de vista micro, o da didática, “que toma por objeto as necessidades e as condições de passagem de uma língua 1 a línguas 2, 3...” (*op. cit.*).

A educação bilíngue, certamente, é um fator que propicia o contato de línguas, estando sancionada por lei, pois “o uso de línguas estrangeiras é encarado como um direito do cidadão, a mesmo título que seus outros direitos sociais, e não

como privilégio de alguns grupos sociais” (VIEIRA e MOURA, 2000, p. 114), ainda que o ensino de língua estrangeira em escolas regulares possa ser questionado.

Sob essa ótica, diversas pesquisas relacionadas à política de ensino de línguas estrangeiras e ao uso da língua materna no ensino da segunda língua têm sido desenvolvidas. Tais investigações se mostram valorosas, pois, como afirma Mello (2005, p. 179), “a proficiência na primeira língua auxilia no desenvolvimento tanto da L1 quanto da L2 porque os conhecimentos linguísticos e conceituais transferem-se de uma língua para outra”. Tal afirmação corrobora o conceito de transferência positiva apresentado por Odlin (2005, p. 334).

Outras áreas de interesse têm sido investigadas, tais como o bilinguismo individual, considerando as condições linguísticas e psicológicas envolvidas na produção do sujeito bilíngue, e o funcionamento do cérebro do indivíduo bilíngue. Alguns pesquisadores proeminentes nestes dois últimos campos de estudo merecem ser citados, dentre eles François Grosjean, Josiane Hamers, Michel Blanc e Michel Paradis.

Torna-se importante lembrar que o contato entre as línguas ocorre, necessariamente, no pensamento dos bilíngues envolvidos na comunicação. Nesse sentido, é possível pensar a tradução, assim como a interação humana, como uma atividade na qual duas línguas estão em contato, pois seu objetivo é colocar sistemas linguísticos, indivíduos e culturas em relação (GOROVITZ, 2012, p. 76).

Durante o ato tradutório, a presença de dois códigos implica, tanto para o tradutor, como sujeito bilíngue, como para o leitor “um processo comparativo marcado pela tomada de consciência da maneira como as línguas apreendem a realidade e a expressam” (GOROVITZ, 2012, p. 76), marcando a relação e a interferência da língua e da cultura fonte sobre a língua e a cultura metas e vice-versa.

2.2 Bilinguismo e tradução

Na presente seção, são abordados temas e conceitos importantes para esta pesquisa, quais sejam, algumas definições de bilinguismo, habilidades do sujeito bilíngue e do tradutor, e a tradução como contato de línguas, com o objetivo de

mostrar a relação entre os estudos de Línguas em Contato, área de especialidade da Linguística Aplicada, e os Estudos da Tradução, campo multidisciplinar do conhecimento, ambos agrupados na grande área Linguística, Letras e Artes.

2.2.1 Algumas definições de bilinguismo

De maneira geral, bilinguismo pode ser definido, segundo Grosjean (2008, p. 164), como o uso de duas ou mais línguas diariamente, em qualquer uma das quatro habilidades linguísticas, por um mesmo sujeito. O conceito de bilinguismo, de acordo com o pesquisador, tem sido apresentado de forma inadequada, pois a maioria dos indivíduos pensa que este é um fenômeno raro, que acontece em países nos quais há duas línguas oficiais, tais como Canadá, Suíça e Bélgica. Porém, “é difícil encontrar uma sociedade que seja genuinamente monolíngue. O bilinguismo não é apenas mundial, é um fenômeno que existe desde o começo da linguagem na história humana”¹⁴ (*id.*, 1982, p. 1).

Muitos acreditam que ser bilíngue é apresentar o mesmo grau de fluência na escrita e na fala com relação a dois idiomas, o que possibilitaria a tradução sem treinamento prévio. Contrariando as expectativas, porém, “o bilinguismo está presente em quase todos os países do mundo, em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais. Na verdade, estima-se que metade da população mundial seja bilíngue” (GROSJEAN, 2008, p. 163). Hamers e Blanc (1990, p. 6) ressaltam que “na visão popular, ser bilíngue é igual a ser capaz de falar duas línguas perfeitamente”¹⁵. Entretanto, os estudos atuais contrariam tal concepção.

Para Grosjean (2008, p. 164), classificar como bilíngues somente os indivíduos que possuem proficiência elevada, de modo a serem considerados monolíngues em duas comunidades de fala distintas, descarta outros sujeitos que utilizam e se comunicam regularmente nas duas línguas, em variado grau, ainda que não possuam fluência nativa. Essa visão era difundida por alguns pesquisadores, tais como Bloomfield, ao afirmar que “casos onde este aprendizado perfeito de

¹⁴ Texto original: “it is difficult to find a society that is genuinely monolingual. Not only is bilingualism worldwide, it is a phenomenon that has existed since the beginning of language in human history”.

¹⁵ Texto original: “in the popular view being bilingual equals being able to speak two languages perfectly”.

língua estrangeira não é acompanhado pela perda da língua nativa, resultam em bilinguismo, controle semelhante ao nativo de duas línguas”¹⁶ (BLOOMFIELD, 1961, p. 56). Outras definições de bilinguismo, desde então, foram propostas, entre elas, habilidade de produzir enunciados significativos em mais de uma língua; domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas em outro idioma; e uso alternado de diversas línguas (GROSJEAN, 2008, p. 164).

Os propósitos que levam os bilíngues a adquirir outra língua são variados, assim como os motivos que desencadeiam a necessidade de uso de outro idioma. Como consequência, o nível de fluência alcançado depende da necessidade de uso de determinado sistema linguístico, estando relacionado ao domínio específico no qual ele é utilizado. A dificuldade em compreender que sujeitos bilíngues usam as línguas para diferentes finalidades é um obstáculo ao entendimento do bilinguismo e traz consequências negativas para os bilíngues (GROSJEAN, 2008, p. 165).

Weinreich (1970, p.1) define o bilinguismo como “a prática de usar duas línguas alternadamente”¹⁷, dando ênfase ao uso da língua. Grosjean (2008, p. 166) classifica o bilinguismo como “o fato de duas ou mais línguas estarem em contato na mesma pessoa”. Segundo Hamers e Blanc (1990, p. 12), o uso não mostra a dimensão do bilinguismo, mas é a expressão de uma ou mais dimensões do fenômeno, já que esta noção implica que o indivíduo bilíngue tenha capacidade de rememorar ambas as línguas, demonstrando uma competência mínima em cada uma delas. Portanto, o uso certificaria que o sujeito domina mais um ou outro idioma.

Hamers e Blanc (1990, p. 6) distinguem bilinguagem, que seria o bilinguismo individual, e bilinguismo, considerado social. De acordo com os autores, o primeiro termo refere-se ao “estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como um meio de comunicação social”¹⁸. Já a definição de bilinguismo inclui a concepção de bilinguagem, mas “refere-se igualmente ao estado de uma comunidade linguística na qual duas línguas estão em contato”¹⁹ (*id.*

¹⁶ Texto original: “cases where this perfect foreign-language learning is not accompanied by loss of the native language result in bilingualism, native-like control of two languages”.

¹⁷ Texto original: “the practice of alternately using two languages”.

¹⁸ Texto original: “psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as a means of social communication”.

¹⁹ Texto original: “refers equally to the state of a linguistic community in which two languages are in contact”.

1990, p. 6). Como resultado, dois códigos podem ser usados na mesma interação (*op. cit.*).

É possível traçar um paralelo entre a definição de bilingualidade e a interferência na fala (WEINREICH, 1970, p. 11), que é individual e está relacionada ao conhecimento pessoal, bem como a de bilinguismo e a interferência na língua (*op.cit.*), que tem consequências no sistema linguístico de uma sociedade. É importante salientar que Weinreich fundamenta-se no uso dos idiomas, enquanto Hamers e Blanc baseiam-se nas questões psicológicas da linguagem. Estes dois últimos autores enfatizam que bilingualidade e bilinguismo são fenômenos multidimensionais e devem ser estudados como tal.

De acordo com Flory e Souza (2009, p. 23), o bilinguismo pode ser investigado a partir de diferentes perspectivas “como a linguística, a cognitiva, a sociolinguística, a neurolinguística, somente para dar alguns exemplos”. Além disso, segundo as pesquisadoras, a definição de bilinguismo é multifacetada e não consensual. Por isso, para elas, é importante especificar o critério adotado ao se definir o bilinguismo e se classificar o indivíduo bilíngue, já que pesquisas referentes à determinada situação de bilinguismo não terão resultados necessariamente válidos em outros tipos de considerações a respeito do mesmo tema (*id.*, 2009, p. 28).

Assim, é possível classificar os bilíngues considerando a organização cognitiva, ou seja, há bilíngues equilibrados, os quais possuem o mesmo grau de competência em ambas as línguas, ou há bilíngues dominantes, cuja competência em uma das línguas, geralmente a materna, é maior. A idade e o contexto de aquisição também podem levar a diferentes funcionamentos cognitivos (HAMERS e BLANC, 1990, p. 8).

Os pesquisadores propõem, ainda, a diferenciação entre o bilinguismo infantil e o bilinguismo na adolescência ou idade adulta. No primeiro caso, ele ocorre simultaneamente ao desenvolvimento geral da criança, “no momento quando os vários componentes do desenvolvimento ainda não atingiram a maturidade e podem, portanto, ser influenciados pela sua experiência”²⁰ (HAMERS e BLANC, 1990, p. 10).

Com relação à aquisição bilíngue simultânea, considera-se que a criança possui duas línguas, a L_A e a L_B . Nos demais casos, em que o aprendizado de outro idioma ocorre de forma consecutiva, ou seja, após já se ter adquirido um dos

²⁰ Texto original: “at the time when the various developmental components have not yet reached maturity and can therefore be influenced by his experience”.

sistemas linguísticos, mesmo ainda na primeira infância, diz-se que o indivíduo possui uma primeira língua, a língua materna, L₁, e uma segunda língua, L₂. Tal nomenclatura é utilizada em todos os casos de aprendizado consecutivo de língua estrangeira. O bilinguismo simultâneo ocorre de maneira não intencional, por meio do aprendizado informal. Já o consecutivo, embora possa resultar de contato informal, também é decorrente de aprendizado intencional, como o ensino bilíngue em escolas (HAMERS e BLANC, 1990, p.10).

No que diz respeito à influência sociolinguística, a relação de poder entre os dois idiomas, que também reflete a relação de poder entre duas comunidades, deve ser considerada. Hamers e Blanc (1990, p. 172) pontuam que em uma situação de contato de línguas, ambas variam de acordo com a função e a natureza da relação entre os grupos. Como consequência, as percepções dos falantes, os valores e normas relacionados a tal idioma também mudam. Dessa maneira “segue-se que as atitudes linguísticas e os usos variam nos espaços social, geográfico e histórico, como uma função dessas relações e percepções”²¹ (*idem*, 1990, p. 172).

Grosjean (2008, p. 171-172) ressalta que os neurolinguistas se interessam pela organização da linguagem na mente bilíngue e como esta difere da monolíngue. As pesquisas relativas a essa área costumam estudar os bilíngues afásicos, ou seja, aqueles que por algum motivo apresentam problemas relacionados à linguagem. Há também investigações com bilíngues não afásicos buscando verificar em qual hemisfério cerebral ocorre o processamento linguístico do indivíduo bilíngue.

Os estudos relativos à perspectiva linguística do bilinguismo estão ancorados nas interferências geradas pelo contato dos dois idiomas no sujeito bilíngue, uma vez que, segundo Grosjean (2008, p. 166) a desativação de um deles raramente é total. De acordo com o pesquisador, as investigações atuais têm examinado as semelhanças existentes entre a alternância de código e o empréstimo, e o impacto desses nas línguas envolvidas.

Alguns estudiosos consideram ainda o contexto situacional. Hamers e Blanc (2004, p. 20) destacam que a estrutura social está presente em toda interação linguística. Assim, todo ato de comunicação e interação através da linguagem pode ser mapeado de forma atrelada à estrutura social.

²¹ Texto original: “it follows that language attitudes and uses vary in social, geographical and historical space as a function of these relations and perceptions”.

Segundo Grosjean (2008, p. 166), os bilíngues encontram-se em um *continuum* que os induz a diferentes modos de expressão na vida diária. Assim, em um dos extremos tem-se o modo monolíngue, no qual o contato se dá apenas com outro monolíngue. No outro, o modo bilíngue, no qual a interação ocorre com outro bilíngue. Neste caso, há a possibilidade de uso de um dos idiomas separadamente, ou da mistura dos dois, por meio da alternância de código ou do empréstimo. Entre os dois extremos, há pontos intermediários, como os bilíngues que nunca misturam os códigos ou como os indivíduos que têm conhecimento limitado de uma das línguas (*op. cit.*).

Grosjean (2008, p. 164-165) ressalta que há diferentes motivos para que os indivíduos se tornem bilíngues. Esses fatores “criam diversas necessidades linguísticas para as pessoas que estão em contato com duas ou mais línguas, levando-as a desenvolver competências nessas línguas, na medida em que as necessidades assim exigem”. Dentre eles, cita o movimento de grupos por causa de relações políticas, sociais ou econômicas, como as situações de contato geradas pelo deslocamento de indivíduos, definidas por Couto (2009, p. 51-54); o federalismo político e o nacionalismo; e fatores culturais e educacionais.

2.2.2 O bilíngue e o tradutor: habilidades

A maioria da população mundial pode ser considerada bilíngue, uma vez que consegue se expressar, em variado grau de proficiência, em uma das quatro habilidades linguísticas em outra língua, ou seja, consegue compreender o que ouve ou lê, ou se faz entender em uma conversa com indivíduos que falam idiomas distintos, ou por meio do código escrito, como afirmado anteriormente. A regra, então, é o bilinguismo ou o multilinguismo, ou seja, duas ou mais línguas existindo, convivendo e interferindo uma na outra em um mesmo território e dentro do mesmo indivíduo (COUTO, 2009, p. 49). Entretanto, nem todo bilíngue é capaz de exercer a atividade tradutória fluentemente.

Hamers e Blanc (1990, p. 224) afirmam que a tradução requer a decodificação da mensagem em uma língua e sua recodificação em um sistema linguístico distinto. Portanto, esta é uma área na qual o processamento bilíngue é

relevante e a bilinguagem é pré-requisito para a profissão. Certamente, a condição primeira para que um indivíduo possa traduzir é ser bilíngue, mas essa não é a única habilidade necessária, pois, como afirma Grosjean (2008, p. 164), “poucos bilíngues são capazes de interpretar ou traduzir proficientemente”.

Isso decorre do fato de serem necessárias, além do conhecimento lexical equivalente nas duas línguas, outras habilidades específicas. Segundo Grosjean (2008, p. 165), “certos domínios e tópicos são cobertos pelo léxico de uma língua, outros pelo léxico da outra língua, e alguns poucos pelas duas”, conseqüentemente, conclui-se que “interpretar e traduzir quando não dominam o vocabulário apropriado e as habilidades necessárias é, portanto, algo que os bilíngues consideram difícil”. Assim, é possível afirmar que todo tradutor é bilíngue, mas nem todo bilíngue é capaz de realizar uma tradução de forma proficiente.

Segundo Lörcher (2012, p. 5), embora os bilíngues possuam competência nas duas línguas, normalmente, ela é desigual. Portanto, um indivíduo pode ser mais competente em determinado assunto em um dos idiomas. Além disso, “bilíngues, frequentemente, carecem de consciência metalingüística e metacultural necessárias para traduzir um texto na língua fonte efetivamente para uma língua e uma cultura metas”²² (*idem*, 2012, p. 5). Outra característica é que “a competência dos bilíngues em duas línguas não necessariamente inclui a competência de transferir significados e/ou formas de uma língua para outra”²³ (*op. cit.*).

Hamers e Blanc (1990, p. 245) destacam que a atividade tradutória é realizada por meio de “mecanismos gerais de processamento bilíngue e só pode ser realizada por bilíngues que processam as duas línguas de tal forma que a mensagem permaneça intacta à medida que o código é alterado”²⁴. No entanto, não parece ser possível manter a mensagem de um texto intacta. Não seria plausível afirmar que o texto em si carrega uma mensagem, pois, como afirma Tymoczko (2007, p. 283), o significado do texto não reside nele mesmo, mas inclui o significado que o tradutor, como leitor, transpõe para o processo de tradução.

²² Texto original: “bilinguals often lack the meta-lingual and meta-cultural awareness necessary for rendering a source-language text effectively into a target-language and culture”.

²³ Texto original: “bilinguals’ competence in two languages does not necessarily include competence in transferring meanings and/or forms from one language into the other”.

²⁴ Texto original: “general mechanisms of bilingual processing and can only be performed by bilinguals who process the two languages in such a way that the message remains intact while the code is changed”.

Segundo a autora, é difícil para o tradutor determinar qual é o significado do texto para o seu público “original” e ainda mais complicado é reproduzi-lo para outros leitores em um contexto diferente (TYMOCZKO, 2007, p. 286). Portanto, “descrever a tradução como a transferência ou a preservação do significado não é uma maneira apropriada de formular o objetivo da tradução e a tarefa do tradutor”²⁵ (*id.* 2007, p. 288).

Ainda com relação à mensagem do texto, Arrojo (2003, p. 103) declara que

nenhuma tradução, mesmo aquelas que pretenderem o contrário, conseguirá preservar intactos os significados originais de um texto, técnico ou literário, ou de um autor, mesmo porque esses significados serão sempre apreendidos ou considerados dentro de uma determinada perspectiva ou de um determinado contexto.

A concepção defendida por Hamers e Blanc (1990) privilegia o conteúdo do texto traduzido, corroborando a concepção de Jakobson de que na tradução interlinguística não há equivalência completa entre as unidades de código, isto é, entre palavras ou grupos idiomáticos de palavras. Entretanto, as mensagens podem servir como interpretações adequadas dessas unidades ou de mensagens estrangeiras. Portanto, a tradução, segundo Jakobson, é a busca da equivalência na diferença (*id.*, 1999, p. 67).

O conceito de equivalência na tradução tem muitas definições. Durante as décadas de 1960 e 1970 os linguistas descreviam e analisavam as traduções com ênfase nos tipos de equivalência, buscando um efeito normativo (VENUTI e BAKER 2004, p. 4). Segundo os autores, a “equivalência tem sido compreendida como [...] uma noção variável de como a tradução está conectada ao texto estrangeiro”²⁶ (*idem*, 2004, p. 5).

Ainda segundo os pesquisadores, à época, a tradução geralmente era percebida como um processo de comunicar um texto estrangeiro por meio do estabelecimento de uma relação de identidade e analogia. Assim, a literatura relativa à equivalência é normativa e tem o intuito de fornecer ferramentas analíticas para descrever traduções, bem como padrões para avaliá-las (VENUTI e BAKER, 2004, p.121).

²⁵ Texto original: “describing translation as the transfer or preservation of meaning is not an appropriate way to formulate the goal of translation and the task of the translator”.

²⁶ Texto original: equivalence has been understood as [...] a variable notion of how the translation is connected to the foreign text.

Nida (2004, p. 129) marca a diferença entre a equivalência formal – aquela que é focada na mensagem, tanto na forma quanto no conteúdo, isto é, em que há uma busca pela correspondência a cada sentença – e a equivalência dinâmica – interessada na relação entre o receptor e a mensagem, que deve ser a mesma existente entre os leitores “originais”. Tal fato é praticamente impossível, como discutido anteriormente.

Segundo Jakobson (1999, p. 67), não há equivalência completa entre as unidades de código. Portanto, ao se traduzir de uma língua para outra mensagens são substituídas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras. Assim, segundo o autor, o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte linguística. Dessa forma, “a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes” (*op. cit.*). Já de acordo com Vinay e Darbelnet (2004, p. 88), a equivalência da mensagem está centrada na identificação e na semelhança entre as situações.

Nesta dissertação de mestrado, o termo “equivalência” é utilizado com o intuito de expressar que o texto fonte e o texto meta possuem características linguísticas semelhantes, especialmente no que diz respeito ao léxico, já que a análise do *corpus* é focada nos sintagmas nominais (SNs). Construções sintáticas também são consideradas, uma vez que há casos de inserção de preposições ou artigos nos SNs, bem como de modificação da ordem lexical. Tal equivalência é baseada na gradação proposta por Aubert (1998) de acordo com as modalidades tradutórias mais encontradas, as quais estão agrupadas em uma escala de um a treze que explicita maior aproximação ou distanciamento do texto, da língua e da cultura fontes.

Com relação ao bilinguismo e à tradução, Lörscher (2012, p. 3) pontua que o fato de a alternância e a mistura de códigos ocorrerem entre os bilíngues é a razão fundamental para que os Estudos da Tradução se interessem pelo bilinguismo. Os fenômenos supracitados, isto é, a alternância e a mistura de códigos, também estão intimamente relacionados ao contato de línguas.

O pesquisador acrescenta que a questão principal é se, e até que ponto, os dois idiomas do sujeito bilíngue favorecem ou dificultam a tradução, e afirma que a competência tradutória que os tradutores profissionais possuem é resultante de um processo que nunca se encerra. Tal processo, segundo o autor, baseia-se na

predisposição para traduzir que todo indivíduo possui, como uma característica inata, e que pode ser desenvolvida se for treinada (LÖRSCHER, 2005, p. 5).

Bell (1993, p. 40) considera que o tradutor profissional deve ser um bilíngue proficiente, com conhecimento das línguas fonte e meta, e *expert*. Outras qualidades necessárias, segundo o autor, são as competências comunicativa, gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica. Assim sendo, o tradutor deveria possuir

conhecimento das opções disponíveis para a expressão de todas as três macrofunções da língua e conhecimento de e habilidade para usar as opções disponíveis para transformar as sentenças em atos de fala, em conformidade com as regras base da comunidade para a produção e a interpretação de uma gama de atos comunicativos (*i.e.*: discurso)²⁷ (BELL, 1993, p.42).

As macrofunções mencionadas por Bell (1993, p. 42) são baseadas nas funções da linguagem propostas por Halliday (1985, p. 53 *apud* BELL, 1993, p. 42). Elas englobam a função ideacional, ou seja, a expressão de uma experiência; a função textual, isto é, a transmissão dessa experiência em um texto coerente e compreensivo; e a função interpessoal, a qual retrata a interação com o leitor.

Ademais, como argumenta Lörscher (2012, p. 3), “nos Estudos da Tradução, algumas vezes presume-se que os bilíngues têm uma abordagem específica para traduções e/ou estão em posse de uma competência especial para traduzir”²⁸. Espera-se, ainda, que o profissional da área de Tradução tenha um bom conhecimento de mundo, pois, como destaca Britto (2003, p. 91) em entrevista concedida ao livro **Conversas com Tradutores**,

o bom tradutor é aquele que na infância foi leitor de enciclopédia e dicionários. Esse interesse quase indiscriminado com relação a todos os assuntos possíveis é uma qualidade muito boa para quem pretende se tornar tradutor profissional.

Britto (2003, p. 92) acrescenta que “certa base teórica é desejável para o tradutor, ainda que talvez não indispensável” e afirma que “o tradutor que tem

²⁷ Texto original: “knowledge of the options available for the expression of all three macrofunctions of language and knowledge of and ability to use the options available for making clauses count as speech acts in conformity with the community ground-rules for the production and interpretation of a range of communicative acts (*i.e.* discourse)”.

²⁸ Texto original: “in translation studies it is sometimes assumed that bilinguals take a specific approach to translations and/or are in possession of a special competence for translating”.

alguma reflexão teórica relacionada a seu trabalho dificilmente cairá numa série de armadilhas em que caem muitos tradutores”.

Nas palavras de Arrojo (2003, p. 104),

aprender a traduzir – pressupondo-se obviamente que esse aprendizado já conta com um trânsito adequado entre as línguas envolvidas – é um processo extremamente complexo que, infelizmente, não se realizará com um mero arquivo de listas de palavras, mas sim, com um aprendizado mais amplo das características do que em seu tempo e lugar seja considerada uma leitura ‘aceitável’ da realidade.

Alguns pesquisadores, como Alves (2000, p. 114), destacam ainda a importância da reflexão sobre a natureza e os aspectos cognitivos da tradução. Segundo o autor, “quanto mais consciente for o tradutor, maior será o grau de qualidade do texto de chegada” (*idem*, 2000, p. 128).

Assim, como já mencionado, um bom tradutor é aquele profissional que, além de dominar as línguas fonte e meta, sabe refletir sobre suas escolhas tradutórias de maneira consciente, amparando-se em fontes seguras de pesquisa. Nesse sentido, Ferreira (2013, p. 14) afirma que, em um *continuum* bilíngue, há o não tradutor em um extremo, e o tradutor proficiente em outro. Dessa maneira, o grau de competência tradutória é “avaliado a partir das tomadas de decisões durante o processo tradutório” (*op. cit.*).

Essa competência, como discutido anteriormente, envolve mais que conhecimento linguístico, lexical e gramatical, mas abarca conceitos culturais e pragmáticos, códigos sociais e habilidades específicas, como as acima referidas, relacionadas à tradução. O tradutor do conto analisado nesta dissertação, José Geraldo Couto, afirma que o conhecimento linguístico e cultural tanto do idioma fonte como do meta desempenha uma influência positiva no ato tradutório. Ou seja, quanto mais o tradutor conhecer sobre a cultura e a língua utilizadas na produção do texto fonte, mais apto será para compreendê-las em sua plenitude e desdobramentos. Por outro lado, quanto maior for o seu conhecimento com relação à cultura e à língua de chegada, mais apto será para expressar de modo satisfatório a obra original em outro contexto, para outro público (comunicação pessoal)²⁹.

Além disso, o tradutor precisa fazer prova de um grande conhecimento literário, para identificar e hierarquizar os traços “marcados” e “não marcados” no

²⁹ Informações fornecidas por José Geraldo Couto via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

texto de partida. Isso se deve ao fato de que, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 82), o que as pessoas dizem, na verdade, é bastante diferente do que elas pensam dizer, e ainda mais distinto do que elas acreditam que deve ser dito. Essa diferença é ainda menos marcada nos textos escritos, embora ainda esteja presente. Assim, há certos elementos na língua que não estão marcados, já que não são interpretáveis a menos que haja referência a alguma menção anterior ou que alguma característica da situação seja inferível.

2.2.3 A tradução como contato de línguas

A tradução é uma atividade que não é a simples transposição de palavras de uma língua para outra. Ela envolve leitura, compreensão, reescrita e mediação cultural (ECO, 2007, p. 226). Aubert (1998, p. 99) destaca que a tradução, assim como qualquer outro ato de comunicação, ocorre entre indivíduos e grupos sociais, tendo lugar entre culturas, ideologias e concepções distintas de mundo, pois “se faz com textos e discursos” (*op. cit.*).

Segundo Munday (2012, p. 14), apesar de a prática tradutória ter se iniciado nos primórdios da história da humanidade, a tradução obteve *status* de disciplina acadêmica somente na segunda metade do século XX. Batalha e Pontes (2007, p. 19) afirmam que os Estudos da Tradução anteriores ao ano de 1960 são considerados como pertencentes a uma fase pré-linguística, já que não abordavam o tema sob o viés acadêmico. Posteriormente, houve um maior interesse por parte dos estudos realizados na academia com relação à tradução, o que desencadeou diferentes abordagens linguísticas a fim de explicar a atividade tradutória (*id.*, 2007, p. 19).

De acordo com os autores, até a década de 1980, os Estudos Linguísticos da Tradução estavam ancorados na descrição de fenômenos linguísticos, voltados para a comparação entre pares de idiomas (BATALHA e PONTES, 2007, p. 23). Porém, quando a Linguística ampliou os estudos para além das estruturas sintáticas e começou a investigar os textos, segundo Aubert (1998, p. 100), “a distinção língua/linguagem tornou-se mais difusa”. A partir de então, os Estudos da Linguagem passaram a constituir mais que a mera descrição de uma língua

específica e englobaram os discursos e suas questões culturais, ideológicas e psicossociais, bem como suas condições de produção, temas comumente abordados pela Linguística Aplicada (*idem*, 1998, p. 100).

Segundo Aubert (1998, p. 100), essa tendência teve forte efeito sobre os Estudos da Tradução, já que, a princípio, os Estudos Literários formavam sua base. De acordo com o autor, embora a linguística seja recém-chegada nesse campo, ganhou forte posição institucional e se tornou uma segunda matriz, adquirindo “relevância de uma abordagem técnica, não em contraposição, mas em relação de complementaridade às abordagens mais textuais” (*id.*, 1998, p.101). Jakobson (1999, p. 67) já destacava, em 1974, data da primeira edição traduzida de seu livro, que “a prática generalizada da comunicação interlinguística, em particular as atividades de tradução, devem ser objeto de atenção constante da ciência linguística”.

Atualmente, segundo Batalha e Pontes (2007, p. 67), há uma perspectiva interdisciplinar que permite que a tradução se estabeleça como campo privilegiado na relação entre linguagem e pensamento, como um “elemento fundamental em todo ato de comunicação entre os homens e entre as diferentes culturas” (*op. cit.*).

De acordo com a tabela das áreas de conhecimento, elaborada pelas associações científicas representativas da grande área de Linguística, Letras e Artes, a saber: ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), ABRALIN (Associação Brasileira de Letras e Linguística), ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Linguística) e ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil), a tradução está inserida na área Linguagens e Interfaces, a qual procura abranger atividades que estabelecem um diálogo com outras grandes áreas do conhecimento³⁰.

Os Estudos da Tradução não constam na tabela das áreas do conhecimento do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – nem na da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior³¹. Entretanto, é inegável que fazem parte da grande área de Linguística, Letras e Artes, apesar de se tratar de um campo interdisciplinar de ensino, como afirma

³⁰ Tabela consultada no site: <<http://www.abralin.org/noticia/areaconhecimento/tacanexo02.php>>. Acesso em 06 jun. 2014.

³¹ Tabelas consultadas nos respectivos sites:

<<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/1AreasConhecimento_042009.pdf>. Acesso em 25 nov. 2014.

Munday (2012, p. 25), para quem os Estudos da Tradução têm potencial para estabelecer relações com disciplinas tais como Linguística, Estudos da Linguagem, Línguas Modernas, Literatura Comparada, Estudos Culturais, Filosofia, Sociologia, História e Escrita Criativa, além da possibilidade de se desenvolverem pesquisas multidisciplinares entre essas áreas. É possível, ainda, se relacionar com as áreas de Diplomacia, Lógica, Neurociências, Tecnologia da Informação – ligada a trabalhos de localização de *software*, *database* – entre várias outras (comunicação pessoal)³².

Sobral (2003, p. 201-214), ao desenvolver postulados sobre a condição e a ação do tradutor no posfácio do livro **Conversas com Tradutores**, classifica o tradutor como um linguista aplicado. Segundo o autor,

o tradutor convive diariamente com a tarefa de levar em conta, ao mesmo tempo, a interação discursiva concreta refletida no texto a ser traduzido; o contexto imediato em que se insere, a interação, a que esse texto remete; o nível do contexto social propriamente dito, incluindo a relação entre línguas e culturas, o público a que o texto pretende dirigir-se etc, e o horizonte social e histórico mais amplo [...] (SOBRAL, 2003, p. 214).

Nesse sentido, é possível afirmar que a Tradução, campo multidisciplinar do conhecimento, pode ser considerada um ramo da Linguística Aplicada. Partindo desse pressuposto, podemos pensar a Tradução como relacionada à área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, pois, como afirma Gorovitz (2012, p.76), é possível ver a atividade tradutória como um tipo de contato linguístico, um momento em que duas línguas estão em contato, seja sob a perspectiva de uma sobreposição, uma alternância, uma mistura, ou ainda uma ampliação.

A tradução é responsável por colocar línguas, textos, homens e culturas em relação. Tal afirmação contraria a noção ingênua de que o ato de traduzir é uma travessia de fronteiras, que simplesmente converte palavras de um idioma para outro, como se o texto fonte apenas cruzasse a divisa de um país ao se transformar no texto meta, com a transposição estanque das palavras do texto considerado original (GOROVITZ, 2012, p. 76). Essas fronteiras linguísticas, na verdade, são construídas pelos usuários da língua, por meio de sua relação com as normas linguísticas e seus usos (*op. cit.*).

³² Informações fornecidas pela professora Beatriz Viégas-Faria no exame de qualificação, em 6 de abril de 2015.

Segundo José Geraldo Couto, “sempre há um grau de perda e de traição nessa passagem, mas é preciso haver um esforço por parte do tradutor para que essa perda e essa traição sejam menores” (comunicação pessoal)³³. Entretanto, para além da perda, é possível afirmar que traduzir “coloca em presença duas línguas por meio de um processo que, apesar de comparativo, contrastivo e diferenciador, é principalmente de ampliação” (GOROVITZ, 2012, p. 81). Por isso, assim como afirma Gorovitz (2012, p.76), “podemos considerar que no exato momento da tradução duas línguas em enunciação estão em contato”. Ela acrescenta que

perceber a tradução como uma variação, em que os signos que articulam a mensagem lhe pertencem somente de forma transitória (ao passo que eles pertencem de forma permanente à língua enquanto estrutura de formalização e enquanto código específico), é colocar o foco na relatividade das escolhas, em que as supostas equivalências são atos inaugurais e factuais, uma variação sempre tributária da dinâmica textual em que o nível semântico, no qual a tradução opera não se situa nem na língua nem na fala (texto/discurso), mas na intercessão das duas, no contato (GOROVITZ, 2012, p. 83).

Quando dois sistemas linguísticos entram em contato podem interferir um no outro, de maneira positiva ou de forma a prejudicar o produto final, uma vez que “a tradução integra na língua as marcas subjacentes da presença da outra língua com a qual está em contato” (GOROVITZ, 2012, p. 81). Dessa forma, o tradutor é tido como um ponto de contato das tensões entre vozes, como um mediador, como propõe Eco (2007, p. 226), ao afirmar que “escolher a orientação para a fonte ou para o destino permanece um critério a ser negociado frase a frase”.

Segundo o autor, uma tradução pode ser *target* ou *source oriented*, isto é, orientada para o texto fonte ou para o texto meta, e conseqüentemente, para seus leitores. Assim, o tradutor pode optar por proporcionar aos leitores se identificarem com certa época ou certo ambiente cultural, ou seja, aquele do texto fonte, ou tornar a época e o ambiente acessíveis ao leitor da língua e da cultura metas, atualizando o texto segundo seus receptores (ECO, 2007, p. 199).

No caso da tradução do conto objeto de análise desta dissertação de mestrado, o tradutor José Geraldo Couto declara que, na agenda específica desse trabalho, houve uma tentativa de aproximação da cultura estadunidense, já que nela

³³ Informações fornecidas por José Geraldo Couto via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

estão envolvidos os narradores e personagens do livro. Entretanto, também foi feito um esforço em buscar correspondências no sistema linguístico-cultural brasileiro (comunicação pessoal)³⁴.

O contato entre os sistemas linguísticos do texto fonte e do texto meta, bem como todo o contexto e culturas envolvidos no processo de tradução, então, é evidente. Não é possível converter o texto de uma língua para outra sem que haja uma relação de troca semântica e lexical. Assim, alguma interferência, por menor que seja, tende a resultar desse contato.

Weinreich (1970, p. 1) define interferência como as instâncias de desvio das normas em qualquer uma das línguas, como resultado do contato. Grosjean (2008, p. 166) conceitua interferência como “um desvio próprio do falante da língua que está sendo usada no momento da conversa, devido à influência da outra língua ‘desativada’” e acrescenta que os desvios podem ocorrer em todos os níveis da linguagem, *i. e.*, fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmático, isto é, no uso da língua, bem como em todas as modalidades, seja falada, seja escrita, ou seja de sinais.

Quando estão no modo monolíngue, segundo Grosjean (2008, p. 166), os bilíngues adotam a língua de seu interlocutor monolíngue e desativam o outro idioma. Nesse caso, as interferências podem ser caracterizadas em uma das seguintes maneiras: estática, “que reflete traços permanentes de uma língua em outra (tais como sotaque permanente, os acréscimos significativos de determinadas palavras, estruturas sintáticas específicas, etc)” e dinâmica, “aquela passageira, momentânea de uma língua sobre outra (como no caso de um erro acidental na sílaba tônica da outra língua, o uso momentâneo de uma estrutura sintática tirada da língua não usada)” (*idem*, 2008, p. 166-167).

Se o indivíduo não possui competência equilíngue, desvios como generalizações excessivas, simplificações, hipercorreções ou evitação de palavras ou expressões são estratégias utilizadas, decorrentes da interlíngua (GROSJEAN, 2008, p. 167). De acordo com Selinker (1972, p. 214), a interlíngua é classificada como “a existência de um sistema linguístico separado, baseado no *output* observável que resulta de uma tentativa de produção de uma norma da língua meta

³⁴ Informações fornecidas por José Geraldo Couto via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

de um aprendiz”³⁵, ou seja, é um sistema linguístico intermediário entre a língua materna e a língua em aquisição (L2/LE).

Segundo Grosjean (2008, p. 167), os desvios e interferências são mais perceptíveis no modo monolíngue, porém também ocorrem no modo bilíngue, no qual os sujeitos bilíngues interagem entre si. Neste caso, são notáveis os empréstimos, isto é, a integração de um idioma no outro. O pesquisador destaca outro tipo de empréstimo, o *loanshift*, que consiste em “utilizar uma palavra da língua base e estender o seu significado ao de uma palavra da outra língua” ou em “rearranjar palavras na língua base segundo um padrão proveniente da outra língua, criando assim, um novo sentido” (*id.*, 2008, p. 169).

É importante destacar que, neste trabalho, o termo interferência não tem o sentido de erro. Pode sinalizar desvios da norma padrão, mas denomina, mais especificamente, a influência lexical e sintática da língua fonte sobre a língua meta, isto é, do inglês sobre o português e vice-versa.

Traçando um paralelo entre o rearranjo lexical e a produção de sentido que pode ser realizada pelo indivíduo bilíngue e a atividade tradutória, pode-se citar Venuti (1995, p. 18), quando este argumenta que

[a] tradução é a substituição forçada da diferença linguística e cultural do texto estrangeiro por um texto que será inteligível ao leitor da língua meta. Essa diferença pode nunca ser totalmente removida, é claro, mas necessariamente sofre uma redução e uma exclusão de possibilidades – e um ganho exorbitante de outras possibilidades específicas para a língua de tradução³⁶.

Tal ganho de possibilidades está ligado à expansão linguística que pode ser ocasionada pela tradução, pois, como afirma Eco (2007, p. 200), “certas traduções obrigam uma determinada língua a confrontar novas possibilidades expressivas (até mesmo com novas terminologias)”. Ottoni (2005, p. 27-28) argumenta que “traduzir é se libertar de sua língua materna, sair dela e a ela retornar. Esse movimento só ocorre porque os significados são produzidos e transformados”. Isto é, o tradutor interfere nos dois sistemas linguísticos, já que produz e transforma significados da

³⁵ Texto original: “the existence of a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner’s attempt production of a TL norm”.

³⁶ Texto original: “translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target-language reader. This difference can never be entirely removed, of course, but it necessarily suffers a reduction and exclusion of possibilities – and an exorbitant gain of other possibilities specific to the translating language”.

língua fonte na língua meta. Assim, o tradutor participa de uma atividade que engloba não apenas a língua, mas também a linguagem. Ele acrescenta que “tanto a tradução como o ensino de línguas põem em funcionamento o fenômeno da linguagem na sua totalidade” (*idem*, 2005, p. 25).

Batalha e Pontes (2007, p. 74) ressaltam que “vistas pelo prisma de sua interface cultural, as línguas se incorporam aos diferentes universos linguísticos, revitalizando-os e ampliando a visão de mundo que eles veiculam”. Nesse sentido, a tradução é entendida como ampliação, assim como propõe Gorovitz (2012, *passim*).

Desse modo, a tradução deixa de ser vista como uma passagem a partir da comparação em busca da equivalência e passa a ser considerada como uma realização particular de escolha dentre formas possíveis. Assim,

não se parte mais de pares de língua, mas de repertório bi- ou multilíngue, a partir do qual o falante produz um falar bilíngue em que faz escolhas a cada momento da sua produção, sempre em função de circunstâncias específicas e de dinâmicas de interação (GOROVITZ, 2012, p. 83).

O ganho linguístico por meio da tradução ocorre, portanto, pelo contato que acontece entre as línguas fonte e meta, mediado pelo tradutor e pautado nas suas escolhas de tradução. Da mesma forma que o postulado por Weinreich (1970, p. 1), de que o indivíduo é o *locus* do contato, o tradutor, como sujeito bilíngue, é o espaço da relação entre as duas línguas, os dois textos e as duas culturas. Estão em suas mãos as opções tradutórias que revelam a interferência que promove a expansão do sistema linguístico e do conhecimento de mundo do leitor, ou as estratégias que demonstram a não aceitabilidade do texto traduzido na língua e na cultura metas.

2.3 Interferências linguísticas e modalidades de tradução

Nesta seção, são apresentadas as interferências linguísticas estudadas por Weinreich (1970) e seus resultados nos sistemas linguísticos. São descritas, também, as modalidades de tradução postuladas por Aubert (1998). Esses são os aportes teóricos que fundamentaram a análise dos dados obtidos nesta pesquisa.

Ao final, serão apontadas algumas pesquisas anteriores que tratam dos temas interferência linguística e modalidades de tradução.

2.3.1 Interferências linguísticas

Em seus estudos sobre línguas em contato, Weinreich (1970, *passim*) observou os fenômenos decorrentes da interferência gerada pelo contato entre idiomas, pois, segundo ele, os fenômenos da fala e os impactos que geram nas normas de ambas as línguas envolvidas no contato são de interesse dos linguistas. De acordo com o pesquisador, as diferenças entre os idiomas, sejam elas de grande ou de pequena proporção, devem ser estudadas exaustivamente, com relação a todos os domínios linguísticos, isto é, fonético, gramatical e lexical, como pré-requisito para a análise das interferências (*id.*, 1970, p. 1-2).

O pesquisador afirma que, se os sistemas fonético e gramatical de duas línguas forem comparados e suas diferenças delineadas, pode-se obter uma lista de formas potenciais de interferências em determinada situação de contato. O empréstimo lexical também é passível de explicação por meio da investigação dos pontos de contato entre os idiomas. Entretanto, o autor alerta que um relato completo das interferências relacionadas às situações de contato de línguas, dentre elas a difusão, a persistência e o apagamento, somente se torna possível se os fatores extralinguísticos também forem analisados. Ainda assim, é preciso ter em mente que nem todas as formas potenciais de interferência se materializam (WEINREICH, 1970, p. 3).

Odlin (2005, p.336) destaca que “sejam positivas ou negativas, as similaridades e as diferenças entre as línguas têm naturalmente levado professores e pesquisadores a fazerem previsões”³⁷ e acrescenta que, no livro **Languages in Contact**, as semelhanças são vistas como fatores que auxiliam os aprendizes de língua, e as diferenças, como elementos que dificultam o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, como mencionado anteriormente. Porém, segundo ele, prever que elemento pode dificultar o aprendizado devido à interferência gerada pelo

³⁷ Texto original: “whether positive or negative, the similarities and differences between languages have naturally led teachers and researchers to make predictions”.

contato de línguas é um desafio. Há casos em que as comparações translinguísticas falham ao antecipar qual elemento poderia realmente ser obstáculo ao processo de aquisição da língua estrangeira e outros em que as dificuldades previstas não se materializam (*op. cit.*).

De acordo com Weinreich (1970, p. 7), as interferências ocorrem devido à identificação interlinguística, ou seja, são motivadas pelas similaridades existentes entre os idiomas em relação. Elas podem ser verificadas em fonemas semelhantes entre as duas línguas, mas que não possuem traços fonéticos iguais em ambos os sistemas linguísticos; em relações gramaticais, tais como a ordem das palavras, que pode ter uma função denotativa em uma das línguas e ser apenas uma questão estilística na outra; bem como no plano do significado, já que um semantema pode não ter um vocábulo correspondente em um dos idiomas e ser utilizado de maneira equivocada.

Segundo o autor, é interessante analisar se os dois sistemas fonéticos e semânticos do bilíngue convergem em um único sistema. Weinreich (1970, p. 9) acredita que os sujeitos bilíngues reatestam os fatores linguísticos dos sistemas coexistentes, separando-os em traços característicos de um idioma e de outro, ao invés de fundi-los. No que diz respeito ao signo linguístico, que em termos saussureanos se divide em significante e significado, o pesquisador afirma que pode haver uma união dos dois sistemas, pois

uma vez que ocorre uma identificação interlinguística entre semantemas de duas línguas em contato, torna-se possível para o bilíngue interpretar dois signos cujos semantemas, ou significados, ele identificou como um signo composto com um significado único e dois significantes, um em cada língua³⁸ (WEINREICH, 1970, p. 9).

Dessa forma, o indivíduo pode tratar os semantemas “livro” e *book* como um signo composto (*livro* = /livro/ e *book* = /buk/). Ou, ao contrário, pode identificar “livro” como sendo correspondente a *book* (/livro/ = /buk/). Há ainda o caso em que o significante imediato da forma /livro/ não é o objeto em si, mas a palavra *book* (/livro/ = /buk/ = “livro”) (*id.*, 1970, p. 9-10).

³⁸ Texto original: “once an interlingual identification has occurred between semantemes of two languages in contact, it becomes possible for the bilingual to interpret two signs whose semantemes, or signifieds, he has identified as a compound sign with a single signified and two signifiers, one in each language”.

Weinreich (1970, p. 11) faz uma diferenciação entre a interferência na fala e a interferência na língua, como dito anteriormente. A primeira é resultante do conhecimento individual do bilíngue a respeito dos idiomas, estando relacionada à percepção da outra língua e à motivação do empréstimo. Já a segunda decorre do estabelecimento do hábito do fenômeno de interferência que acontece com frequência na fala dos sujeitos bilíngues. O que é relevante, neste caso, é a integração dos elementos estrangeiros nos sistemas fonético, gramatical, semântico e estilístico.

Segundo Grosjean (1982, p. 289), dependendo do tópico da conversa, do interlocutor e da intenção, o bilíngue pode usar uma língua ou outra, utilizar empréstimos ou mudar de código durante a conversa. Portanto, “a língua do bilíngue pode se desviar daquela dos monolíngues, ou por causa da falta de fluência, ou porque as duas línguas têm tido influência permanente uma na outra”³⁹(*op. cit.*). Desvios, neste caso, remetem à interferência linguística.

O pesquisador destaca que, embora aconteçam desvios, geralmente, eles não interferem na comunicação, pois os bilíngues desenvolvem suas línguas de acordo com o nível de fluência exigido pelo meio em que vivem. Assim, as interferências na produção dos bilíngues são comparáveis aos desvios que todos os falantes produzem, até mesmo na língua materna (GROSJEAN, 2008, p. 167-168).

Venturi (2006, p. 127) destaca que a influência da língua materna é consequência do julgamento consciente do aprendiz das semelhanças entre a primeira língua e a língua meta. De acordo com a autora, “a interferência é observada, principalmente, quando há a substituição ou a adaptação de uma palavra ou expressão da língua materna para a língua alvo” (*op. cit.*). Os dois autores supracitados enfatizam, assim, a interferência individual, mais comum, e responsável por desencadear a interferência na língua quando ocorre frequentemente em uma comunidade de fala.

Com relação à interferência lexical, alvo das considerações do presente trabalho, Weinreich (1970, *passim*) aponta que são várias as formas como um sistema vocabular pode interferir no outro. Venturi (2006, p. 127) afirma que “o léxico constitui um dos elementos mais importantes na descrição de uma língua, tornando-se, portanto, mais suscetível de influência por fatores intra ou

³⁹Texto original: “the bilingual’s language may deviate from those of monolinguals either because of lack of fluency or because the two languages have had a permanent influence on one another”.

extralinguísticos”. Pode ocorrer, desse modo, a transferência de morfemas de uma língua para a outra; ou os morfemas de dado idioma podem ser usados com função diferente do morfema do outro sistema linguístico, com o qual tenha identificação de conteúdo; ou, no caso de vocábulos compostos, ambos os processos podem ser combinados (WEINREICH, 1970, p. 47).

No que diz respeito aos vocábulos simples, de acordo com Weinreich (1970, p. 47), o tipo mais comum de interferência é a transferência direta da sequência fonêmica de uma língua para outra, “de forma a se assemelhar fonemicamente a uma palavra potencial ou real na língua de destino”⁴⁰ (*id.*, 1970, p. 47). Palavras não compostas, nesse contexto, referem-se ao ponto de vista do sujeito bilíngue que as pronuncia. Portanto, compostos que são transferidos sem análise, formando uma única palavra foneticamente, se encaixam nesta categoria. Por exemplo, certas interjeições, como na pronúncia ítalo-americana de *that’s all right!* (“está tudo bem”) como *azzoraiti* (*op. cit.*)⁴¹. Em português brasileiro, um exemplo é a pronúncia de *really* (“sério?” / “é verdade?”), cujo [r] é retroflexo, como *hilly* (“montanhoso”), com [r] aspirado⁴².

Outra forma de interferência é o uso de palavras da língua que sofreu influência em concordância com o sistema da língua estrangeira. Quando as duas línguas possuem semantemas parcialmente semelhantes, a interferência consiste na identificação e no ajuste das unidades de conteúdo a fim de alcançar a congruência completa. Por exemplo, na língua yakut, o semantema *tahym* originalmente designava o “nível da água”. Após a interferência do vocábulo russo *úvoren*, que expressa o conceito de “nível”, seja abstrato, seja concreto, *tahym* passou a se referir a todos os tipos de níveis, tanto com relação à água, quanto à habilidade etc. (WEINREICH, 1970, p. 48). Um exemplo em português brasileiro é o verbo “deletar” que, originalmente, era utilizado apenas na área da Computação e da Tecnologia da Informação. Atualmente, no entanto, é utilizado em todas as áreas com o mesmo sentido (“apagar”).

⁴⁰ Texto original: “as to resemble phonemically a potential or actual word in the recipient language”.

⁴¹ Este e todos os demais exemplos de interferências linguísticas foram retirados de Weinreich (1970, p. 47-53).

⁴² Os exemplos apresentados como interferências da língua inglesa sobre a língua portuguesa foram fornecidos pela tradutora e professora Dra. Beatriz Viégas-Faria, em comunicação pessoal, em 27 de maio de 2015. Com exceção dos exemplos de cognato, transferência analisada, reprodução, criação de empréstimo e transferência e tradução.

O pesquisador destaca ainda que, normalmente, dois vocábulos de uma língua se juntam conforme o modelo do outro idioma. Assim, X e Y, por exemplo, passam a ser representados por um único signo Z. Neste processo, a expressão de um dos signos é utilizada enquanto a outra, X ou Y, é descartada. É o caso dos semantemas ídiches para “ponte” e “chão”, os quais foram fundidos com *brik* aos moldes do bielorusso *most*, passando a expressar o conteúdo combinado. Como consequência, o primeiro vocábulo foi descartado. Um exemplo em português brasileiro é a expressão *she is red hair* (“ela é ruiva”) no qual os vocábulos *red* e *hair* foram fundidos e passaram a expressar uma única palavra, “ruivo/a”.

A mudança no conteúdo dos signos homófonos pode ainda levar ao desuso de um deles, como no caso do vocábulo italiano *fattoria* que incorporou o significado de “fábrica”, não sendo mais utilizado para expressar seu sentido original “fazenda” (WEINREICH, 1970, p. 48). Um exemplo do português brasileiro é o vocábulo “sucesso”, que originalmente expressava um acontecimento, seja positivo, seja negativo. Com a interferência de *success*, atualmente, tem apenas uma conotação positiva.

Uma situação intermediária entre a transferência da palavra e a ampliação semântica é o ajuste do conteúdo dos signos a um grau considerável de homofonia. Nesse caso, o resultado é a dilatação da função semântica da palavra na língua de destino. Como consequência, se houver uma lacuna no significado, estabelece-se uma homonímia, mas, se ocorrer uma extensão gradual do significado, gera-se uma polissemia (WEINREICH, 1970, p. 49).

Um tipo mais leve de interferência lexical é o cognato, sem efeito de mudança de sentido. Um exemplo é a palavra em espanhol *Europa* que se tornou *Uropa* em Tampa, na Flórida. (WEINREICH, 1970, p. 49-50). Um exemplo muito semelhante pode ser citado no caso do português brasileiro, pois a palavra *Europe* do inglês refere-se à “Europa” no português, tendo a mesma raiz.

No que diz respeito às palavras compostas ou às frases, de acordo com Weinreich (1970, p. 50-52), há três tipos de interferência possíveis. São elas: todos os elementos podem ser transferidos de forma analisada; todos os componentes podem ser reproduzidos por extensões semânticas; ou alguns deles podem ser transferidos enquanto outros são reproduzidos.

A transferência de palavras compostas analisadas ocorre quando os elementos do composto, ou a frase, são adaptados aos padrões de formação de

palavras ou às regras sintáticas da língua destinatária. Um exemplo em português brasileiro é *taxi driver* traduzida como “motorista de táxi”. Nesse caso há a inversão da ordem sintática das palavras e, conseqüentemente, a adição da preposição “de”, a fim de adequar a expressão ao sistema linguístico do idioma em questão.

A reprodução é caracterizada por vocábulos nativos que podem ser transformados em estruturas compostas, frases ou, até mesmo, em provérbios. Como exemplo, pode-se citar a transferência de *conscientious objectors* (“objetores de consciência”), que os falantes do idioma espanhol falado na Flórida tomaram como empréstimo de forma a recompor os elementos segundo as regras da sua língua: *objetores conscientes*. Exemplos em português brasileiro são os compostos envolvendo adjetivos, já que, em inglês, esses precedem os substantivos. Em português, no entanto, é possível – e até desejável em alguns casos – que haja a inversão de tal ordem, como em *beautiful woman* traduzido como “mulher bonita”.

O autor denomina este tipo de interferência traduções de empréstimos (*loan translations*), o qual ainda é subdividido em três. Há a tradução de empréstimo propriamente dita, na qual o elemento é reproduzido palavra por palavra, por exemplo, “estar direito”, em português, nos moldes de *to be right*, em inglês. Também ocorre a rendição de empréstimo (*loan rendition*), quando o modelo composto apenas fornece indícios para a reprodução, assim como no caso do alemão *halb-insel* (“meio ilha”), baseado no latim *paen-insula* (“quase ilha”); bem como “duplo cego” em português brasileiro, termo utilizado na área médica que designa experimentos com um grupo controle e um grupo que ministra placebos, no entanto, nenhum dos grupos sabe se o medicamento que está tomando é verdadeiro ou não. Tal expressão é proveniente de *double blind*.

Outra subdivisão é a criação de empréstimo (*loan creation*), termo usado para configurar a geração de uma palavra nova pela necessidade de atender à designação disponível em uma língua de contato, um exemplo é a palavra ídiche *mitkind* estimulada pelo vocábulo inglês *sibling* (“irmãos”, de gêneros diferentes). No caso do português brasileiro, pode-se citar a palavra “gênero”, que anteriormente designava apenas uma unidade de taxonomia biológica, e passou a se referir ao que antes era definido como sexo de um ser humano, isto é, feminino ou masculino. Desse modo, pela interferência de *gender*, com uma designação antes disponível apenas em inglês, “gênero” passou a designar o sentimento em relação à sexualidade.

Há também a ocorrência da transferência de alguns elementos paralelamente à tradução de outros. Por exemplo, a expressão em espanhol *pelota de fly*, criada a partir da inglesa *fly ball* (“bola voadora”). Um exemplo em português brasileiro é a expressão “dropar a onda”, que significa descer a onda, proveniente de *drop into a wave*.

É possível identificar, ainda, palavras cujas raízes são transferidas e os afixos derivados são reproduções, como no caso do francês-suíço *de-stopfe*, que significa “desplugar”. O mesmo acontece em português com relação à *unplug*.

Por fim, há o caso em que um único componente do composto é transferido e reproduzido simultaneamente. Um exemplo deste tipo de interferência é a palavra ítalo-americana *canabuldogga* (“bulldog”), na qual um elemento do composto, *dog*, é transferido e também reproduzido – *cana*. Um exemplo em português brasileiro é o vocábulo *darlinzinho*, o qual apresenta a palavra *darling* (“querido” / “querida”) juntamente ao diminutivo “zinho”, que tem conotação afetiva em português brasileiro, como uma reprodução.

De acordo com Weinreich (1970, p. 52-53), todas estas considerações se aplicam às questões concernentes aos nomes próprios que, normalmente, são transferidos de uma língua para outra, como o nome ucraniano *Vladimir*, nos moldes do ídiche *Lúdmir*. Em português brasileiro, um exemplo é “Daiana” baseado em *Diana*, com pronúncia semelhante.

Algumas vezes, os nomes analisáveis de lugares são traduzidos, é o caso de *Cape Town* para o africâner *Kap-stad*. O mesmo exemplo pode ser citado para o português brasileiro “Cidade do Cabo”.

Em outras situações, os híbridos podem ser decorrentes das transferências de apenas um elemento. Por exemplo, o nome alemão *Darkendorf*, no qual a primeira parte do vocábulo tcheco *Darkovice* foi adotada, porém, traduzindo o final para o alemão. No caso do português brasileiro, um exemplo é “Nova York”, com a tradução apenas da primeira parte do nome composto.

No que diz respeito a nomes de pessoas, o mais comum é a ocorrência de transferências diretas e traduções. Já no caso de nomes intraduzíveis ou não passíveis de análises, pode acontecer uma pseudotradução, ou seja, a substituição de um nome antigo por outro novo com a mesma consonante inicial, como no caso do ídiche *Moshe* traduzido para o inglês pelos equivalentes *Morris* e *Morlon*. Em português brasileiro, o mesmo vocábulo ídiche é traduzido como “Maurício”.

Nesta dissertação de mestrado, como já explicitado no capítulo introdutório, algumas formas de interferências linguísticas foram adaptadas ao contexto tradutório com base nos fenômenos acima exemplificados em Weinreich (1970), uma vez que sua descrição foi realizada tendo como foco a língua falada. Entretanto, este trabalho analisa os sintagmas nominais contidos na tradução do conto “Tenth of December”, isto é, uma produção escrita. Assim, os fenômenos linguísticos acima apresentados foram nomeados segundo sua característica principal e considerados como categorias de estudo. As categorias adaptadas, suas descrições e adaptações estão anexadas ao final do texto (Anexo A).

Para o referido autor (1970, p. 54), as consequências da transferência ou da reprodução de uma palavra em determinado campo semântico ao qual ela passa a pertencer decorre mais comumente da interferência do que da transferência ou da sua reprodução propriamente dita. O linguista afirma que somente os empréstimos mais concretos, como no caso de vocábulos que designam objetos novos ou importados, podem ser considerados meras adições ao vocabulário.

Excetuando o caso acima descrito, a transferência e/ou a reprodução de palavras estrangeiras pode afetar o vocabulário já existente de três maneiras. A primeira delas é por meio da confusão de uso entre as palavras antigas e as novas, o que geralmente é restrito aos primeiros estágios do contato. Mesmo não havendo transferência, signos específicos de uma língua podem ser confundidos em outro idioma se este não possuir uma subdivisão semelhante no conjunto de especialidade. Outra consequência é o descarte, o que ocorre quando o conteúdo de um vocábulo é totalmente coberto pela palavra emprestada. Pode decorrer tanto da reprodução quanto do empréstimo (WEINREICH, 1970, p. 55).

O último caso é a especialização que, segundo o pesquisador (1970, p. 55), afeta tanto a palavra antiga quanto o empréstimo, se ambos continuarem a ser usados na língua. Ela pode se desenvolver mesmo se o vocábulo transferido e a forma estabelecida forem da mesma família, formando um *doublet*⁴³. Uma das maneiras de especialização das palavras emprestadas é o estilo. Assim, em algumas situações de contato, os empréstimos são utilizados no extrato culto da língua de destino. Entretanto, na maioria das vezes, o elemento transferido ocupa a

⁴³ Relativo à duplicação do significado.

posição coloquial do idioma, adquirindo uma conotação pejorativa que não possui na língua materna.

O vocabulário de uma língua, segundo Weinreich (1970, p. 56), é considerado o domínio de empréstimo por excelência, já que é estruturado de maneira menos rígida que os domínios fonético e gramatical. A necessidade de designar objetos, pessoas, lugares e conceitos novos é uma causa universal da inovação lexical. Fatores linguísticos internos, tais como a baixa frequência de uso de certas palavras, também desencadeiam o fenômeno.

Além disso, de acordo com o autor (1970, p. 57), a homonímia, a necessidade de utilizar vocábulos sinônimos, especialmente nos campos semânticos ligados à afetividade; o desejo de se expressar por meio de eufemismos ou o uso de palavras de baixo calão podem ser citados como causas de empréstimos. Ao investigar quais inovações em uma língua são empréstimos, o linguista é capaz de elucidar o que um idioma adquiriu do outro em uma situação de contato.

De acordo com Weinreich (1970, p. 59–61), o sujeito monolíngue precisa expandir seu vocabulário por meio de transferências e empréstimos que são transmitidos a ele. Já o indivíduo bilíngue possui na segunda língua uma fonte constante de inovação lexical, estando mais apto a aceitar empréstimos vocabulares a fim de designar objetos e conceitos novos.

Ademais dos motivos supracitados, os bilíngues podem se utilizar de empréstimos por perceber que seus campos semânticos estão insuficientemente diferenciados; por causa dos valores sociais atribuídos a um dos idiomas; para alcançar um efeito cômico ou por omissão. O pesquisador destaca que o empréstimo de um vocábulo pode ser explicado por uma ou por diversas das causas de interferência lexical enumeradas anteriormente.

O indivíduo bilíngue dispõe de escolhas de mecanismos de interferência lexical, uma vez que uma palavra simples pode ser emprestada por meio de transferência analisada ou reproduzida como um composto híbrido. Em uma instância específica, uma palavra existente pode repelir uma transferência homófona. Neste caso, para evitar a homonímia, a tradução do empréstimo ou a ampliação semântica é preferível (WEINREICH, 1970, p. 61).

Uma língua com muitas restrições nas formas das palavras também pode ser mais resistente à transferência direta e favorecer a ampliação semântica ou a tradução de empréstimo. Tal resistência seria decorrente da diferença da estrutura

entre o idioma receptor e a língua fonte (WEINREICH, 1970, p. 61). O autor destaca que se deve sempre considerar que “palavras transferidas podem ser fonemicamente adaptadas à língua receptora”⁴⁴ (WEINREICH, 1970, p. 61) e que o grau de resistência a transferências, bem como a preferência pela tradução de empréstimo são resultantes de fatores socioculturais.

2.3.2 Modalidades de tradução

A tradução não é a simples transposição de palavras equivalentes de uma língua para a outra, pois cada vocábulo carrega consigo marcas culturais que, muitas vezes, não podem ser expressas apenas com o grafema, mas envolvem conotações que relatam as ideologias e as crenças da sociedade na qual está inserido. Nesse sentido, o tradutor relaciona seus conhecimentos linguísticos aos extralinguísticos e produz um texto traduzido com a maior adequação possível à língua e à cultura metas, sem deixar de retratar os sentidos inferíveis no processo de produção de leitura (CORRÊA, 2003, p. 129).

Questões relativas à tradução têm sido vistas ingenuamente como controversas, e discussões acerca da possibilidade ou impossibilidade da mesma, divergências entre tradução livre e tradução literal, bem como considerações a respeito da posição ocupada pela tradução técnica e pela literária estão sempre em pauta. A crença que muitos têm de que a boa tradução é aquela mais fiel ao original, ou seja, a mais literal possível, se perpetua até a atualidade (BARBOSA, 2004, p. 11-12).

Porém, a abertura dos estudos linguísticos a outras áreas do conhecimento para além do foco na descrição de uma língua específica, a saber, o discurso e as relações culturais, sociais e psicológicas envolvidas, teve grande impacto nos estudos tradutórios, que eram, a princípio, baseados nos Estudos da Literatura, como explicado no tópico 2.2.3. A partir de então, a Linguística se tornou como que uma segunda matriz para os Estudos da Tradução, revelando a importância de uma

⁴⁴ Texto original: “transferred words can be phonemically adapted to the recipient language”.

abordagem mais técnica, não em contraposição, mas em complementaridade à abordagem com tendências mais textuais (AUBERT, 1998, p. 100-101).

Neste sentido, Aubert (1998, *passim*) propõe um modelo descritivo que permite que o grau de diferenciação linguística entre o texto fonte e o texto meta seja medido e quantificado, possibilitando a preparação e a organização de dados para um tratamento estatístico, caso desejado. Segundo Corrêa (2003, p. 104), as modalidades de tradução de Aubert proporcionam, através da comparação entre o texto original e o texto traduzido, “a classificação gradativa dos tipos de tradução e a possibilidade de demonstrar de forma gráfica o distanciamento e/ou aproximações linguísticas”.

As modalidades de tradução postuladas por Aubert (1998, *passim*) foram originadas a partir de Vinay e Darbelnet (1958, *passim*), os quais, segundo o autor, propuseram um conjunto de procedimentos técnicos da tradução, iniciando do grau zero até o grau mais distante do texto fonte. Entretanto, de acordo com o pesquisador, tal modelo, apesar de bastante popular, apresenta certas limitações (*id.*, 1998, p. 102).

Bastianetto (1996, p. 14) afirma que foi nos estudos estilísticos e na linguística estrutural de Saussure que Vinay e Darbelnet basearam seus estudos sobre tradução. Para os autores, mesmo que o léxico seja traduzido com palavras equivalentes corretas, ainda assim, as sentenças podem não apresentar o mesmo estilo da língua meta, ressoando como uma construção estrangeira, o que pode ser considerado questão de norma (VINAY e DARBELNET, 2012, p. 84). Como consequência, certas vezes, a tradução literal é clara, mas não representa a maneira como algo seria produzido na língua meta (*op. cit.*).

Portanto, o objetivo da obra é analisar o funcionamento das partes do sistema linguístico que possibilitam expressar as ideias relativas à outra língua. Segundo Bastianetto (1996, p. 16), “desta análise vai resultar uma teoria da tradução com base na estrutura linguística e na psicologia de seus falantes”. Batalha e Pontes (2007, p. 38) afirmam que “o estreito vínculo estabelecido por esses autores [Vinay e Darbelnet] entre a teoria e a prática coloca a noção de equivalência com o texto fonte no centro da reflexão, balizando a atividade tradutora”.

Os pesquisadores tratam da língua e da fala com base em Saussure. Assim, as noções de língua estão relacionadas às questões de léxico e de gramática, enquanto que a fala concerne ao estilo. Outro fator importante ao tradutor, de acordo

com os autores, é distinguir entre o que é obrigatório e o que é opcional na língua, isto é, aquilo que é imposto como norma e o que é passível de escolha como melhor tradução para determinada mensagem (BASTIANETTO, 1996, p. 17).

Segundo Barbosa (2004, p. 13), o trabalho de Vinay e Darbelnet se sobressai pelo fato de ter sido o primeiro a descrever os procedimentos técnicos da tradução, em 1958, dando atenção a estes enquanto desdobramento da relação de oposição entre tradução livre e literal. A autora destaca que eles foram os primeiros a publicar um compêndio de tradução que reivindicou uma posição científica e conclui que “é como resposta à pergunta: não sendo literal, como deveria ser a tradução, que, a meu ver, surgem no estudo da tradução descrições de procedimentos técnicos” (BARBOSA, 2004, p. 21).

Barbosa (2004, p. 23) ressalta que o objetivo, segundo Vinay e Darbelnet, é produzir um texto idêntico ao que seria feito por um cérebro monolíngue, propondo o afastamento da tradução puramente literal, que nem sempre tem como resultado a forma mais fluente.

Para tanto, os autores fazem uma diferenciação entre a tradução direta ou literal, a qual pode ser realizada com a tradução elemento por elemento. Isso ocorre quando há um paralelismo estrutural entre os pares de idioma e também um paralelismo metalinguístico, ou seja, quando as duas línguas possuem conceitos paralelos. No entanto, nos casos em que tais paralelismos não são verificados, certos efeitos estilísticos não podem ser traduzidos para a língua alvo sem prejudicar a ordem sintática ou lexical. Nesse caso, é necessário utilizar métodos mais sofisticados de tradução, chamados de tradução oblíqua (VINAY e DARBELNET, 2012, p. 84).

Segundo Vinay e Darbelnet (2012, p. 85-86), os procedimentos técnicos de tradução direta englobam empréstimo, que consiste em copiar ou utilizar o próprio vocábulo do texto fonte no texto meta, a fim de preencher uma lacuna metalinguística da língua meta; decalque, ou seja, a utilização de palavras já existentes na língua meta, respeitando sua estrutura sintática; isto é, a tradução de um empréstimo adaptando-o às regras sintáticas da língua meta; e tradução literal ou palavra por palavra, mais comum quando a tradução ocorre entre línguas da mesma família e da mesma cultura.

Porém, Barbosa (2004, p. 64-65) descreve algumas diferenças entre a tradução literal e a tradução palavra por palavra. De acordo com a autora, a primeira

mantém a fidelidade semântica, adequando os termos à morfossintaxe e à gramática da língua meta. Já a segunda ocorre quando se mantém a mesma categoria gramatical, na mesma ordem sintática, apresentando sinônimos interlinguísticos.

No que diz respeito à tradução oblíqua, são descritos os procedimentos de transposição, no qual há substituição da classe gramatical da palavra, sem alterar a mensagem do texto; modulação, que é a mudança de ponto de vista na expressão da mensagem nas línguas envolvidas; equivalência, utilizada em casos nos quais os dois idiomas apresentam a mesma situação por meios estilísticos e estruturais distintos; e adaptação, que consiste na substituição de uma situação extralinguística inexistente na língua meta por outra equivalente e configura-se como limite extremo da tradução (VINAY e DARBELNET, 2012, 88-91).

Ao descrever tais procedimentos, Vinay e Darbelnet declaram que, em um determinado segmento do texto, podem ser usados, simultaneamente, mais de um procedimento técnico da tradução.

Os procedimentos supracitados foram tomados como base por Aubert (1998, *passim*) e adaptados com o intuito de descrever os produtos tradutórios e não os processos tradutórios. Por isso, ao invés de denominá-los de procedimentos, chamou-os de modalidades de tradução (*idem*, 1998, p. 103). Segundo o pesquisador, “o modelo de Vinay e Darbelnet, devidamente reformulado, é utilizado para fins descritivos que resultem na geração de dados quantitativos” (*op. cit.*). Tal reestruturação foi realizada buscando uma forma de “inserir dados *hard* a uma área de pesquisa considerada *soft*” (*id.*, 1998, p. 102).

Aubert (1998, p. 104) destaca que o modelo descrito por ele não tem implicações específicas sobre a natureza da linguagem e de cada língua investigada. De acordo com o pesquisador, esse deve ser entendido como uma das possibilidades de utilizar modelos práticos a fim de efetuar uma descrição comparada entre a estrutura de superfície dos textos fonte e meta.

As modalidades de tradução de Aubert (1998, p. 105-110) iniciam-se com a omissão, a qual ocorre quando um segmento textual e sua informação no texto fonte não podem ser recuperados no texto meta. Segundo o autor, ela pode ocorrer por censura, limitação de espaço ou irrelevância de tal informação no texto meta. Entretanto, essas podem ser consideradas questões de edição, uma vez que não cabe ao tradutor julgar quais segmentos são relevantes ou não no texto meta.

Um exemplo seria a tradução para o inglês do relatório da diretoria de um banco brasileiro, com o intuito de auxiliar a Receita Federal dos EUA, contendo informações sobre um fundo de investimento específico no qual não foi feita operação alguma por parte do banco estadunidense em que, portanto, esta informação poderia ser omitida, já que não seria pertinente⁴⁵.

Em seguida, faz-se uma divisão entre Tradução Direta e Tradução Indireta. No caso da Tradução Direta, estão englobadas as modalidades transcrição, que constitui o grau zero da tradução, incluindo segmentos que pertencem às duas línguas, tais como números e fórmulas, ou se no texto fonte houver uma palavra ou expressão emprestada na língua meta. Ocorre, também, quando há vocábulos que pertencem a uma terceira língua e são considerados empréstimos até mesmo no texto fonte. É o caso de frases e aforismos latinos, como, por exemplo, *alea jacta est* (“o dado foi lançado”, isto é, “a sorte está lançada”).

O empréstimo acontece quando um segmento textual do texto fonte é reproduzido no texto meta, com ou sem marcadores específicos, tais como aspas ou itálico. São mais comuns em nomes próprios, topônimos e termos de expressões de realidades étnicas. Algumas vezes, acabam por se tornar parte da língua, como no caso de *office-boy* e *outdoor*, não podendo mais ser classificados como empréstimos.

Ainda com relação à Tradução Direta, há o decalque, quando a palavra ou expressão emprestada da língua fonte sofreu adaptação gráfica e/ou morfológica, ou não se encontra registrada nos principais dicionários da língua fonte, como, por exemplo, “corporativo”, no sentido de societário, empresarial.

A tradução literal é aquela realizada com o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática e com as mesmas categorias gramaticais, contendo sinônimos interlinguísticos, considerada tradução palavra por palavra, como em *Her name is Mary* – “Seu nome é Maria”. Embora, pragmaticamente, tal exemplo se mostre ambíguo no português brasileiro, uma vez que o pronome possessivo “seu” pode se referir à terceira ou à segunda pessoa do singular nesta frase⁴⁶.

Por fim, a transposição ocorre quando pelo menos um dos três critérios da tradução literal deixa de ocorrer, isto é, todas as vezes em que há rearranjos

⁴⁵ Este e todos os demais exemplos de modalidades de tradução foram retirados de Aubert (1998, p. 105-110).

⁴⁶ Os exemplos citados em Aubert (1998) fazem parte de dados coletados em suas pesquisas acadêmicas relacionadas às modalidades de tradução.

morfossintáticos. Por exemplo, se duas palavras são fundidas em apenas uma / *visited* – “visitei”; ou, ao contrário, se uma palavra é desmembrada em vários vocábulos, como *kindergarten* – “jardim de infância”. Também ocorre se a ordem das palavras for alterada, como no caso de *remedial action* – “ação saneadora”, ou se houver alteração na classe gramatical, como, por exemplo, em *should he arrive late* – “se ele chegar atrasado”, ou a sua outra solução possível, que seria “no caso de ele chegar atrasado”. As transposições podem ser impostas pela estrutura sintática da língua alvo ou realizadas por escolha do tradutor.

Já nas modalidades de Tradução Indireta, tem-se a implicitação, quando informações explícitas contidas no texto fonte são identificáveis e se tornam implícitas no texto meta; e a explicitação, que ocorre sempre que as informações implícitas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta, como no caso de paráfrases, apostos e notas de rodapé. Por exemplo, em uma tradução do inglês para o português brasileiro não é necessário o seguinte aposto *Brasília, the Federal Capital of the country*, mas no caso da versão, isto é, a tradução na direção oposta, é conveniente explicitar a informação.

A modulação se caracteriza por um deslocamento perceptível na estrutura semântica da estrutura de superfície, mantendo o mesmo efeito de sentido no contexto e co-texto específicos. Em termos saussureanos, pode-se afirmar que os significados são parcialmente, ou totalmente, distintos, embora o sentido, em termos genéricos, seja o mesmo. Há vários exemplos de modulação, já que esta pode assumir formas diversificadas, dentre eles *deaf as a doornail* – “surdo como uma porta” ou *it’s very difficult* – “não é nada fácil”, apresentando variações pequenas. Há também casos em que a estrutura de superfície em nada lembra a sua equivalência tradutória, que só pode ser retomada no contexto, como, por exemplo, nas expressões *articles of association* – “contrato social” e *corporal imbecility* – “impotência”. Esta modalidade tradutória pode ser obrigatória, demandada pela língua, ou opcional, retratando uma questão estilística do tradutor.

Também está englobada na Tradução Indireta a adaptação, ou seja, a assimilação cultural com equivalência parcial de sentido. Estão incluídos nessa modalidade os falso cognatos culturais, como *hobgoblin* – “saci-pererê”, *squire* – “juiz de paz”, *sheriff* – “delegado de polícia” e *MA in Linguistics* – “Mestrado em Letras”.

Faz parte, ainda, a tradução intersemiótica, uma vez que, em alguns casos, os brasões, figuras, ilustrações e logomarcas vêm reproduzidos no texto meta como material textual, especialmente nas traduções juramentadas. Por exemplo, em uma tradução de um documento do inglês canadense para o português brasileiro é comum constar a seguinte informação por escrito “[No canto superior esquerdo, brasão da Província de Ontário]”.

Outras modalidades de tradução, que Aubert descreve à parte da classificação direta ou indireta, são o erro, considerado aqui somente nos casos evidentes de equívoco, não abarcando soluções tradutórias inadequadas; como em *only 20% from the schools make the grade*, trecho traduzido como *20% seulement des écoles conduisent leurs élèves au succès*; a correção, que consiste na melhoria do texto meta em relação aos erros do texto fonte, como em *the current US deficit amounts to several hundred million dollars* – “o déficit atual dos EUA monta a centenas de bilhões de dólares”; e o acréscimo, caracterizado como qualquer segmento textual incluído no texto meta pelo tradutor, dentre eles, comentários e paráfrases explicativas.

Este último não deve ser confundido com a explicitação, pois pode ocorrer na forma de comentários explícitos, a partir de uma informação que não pode ser inferida pelo leitor, por parte do tradutor. Como exemplo pode ser citado um texto fonte referindo-se à Cortina de Ferro como fato político contemporâneo, no qual o tradutor pode incluir a palavra “ex”, ou uma nota explicativa, a fim de elucidar as alterações políticas. Contudo, a primeira opção não seria a melhor solução, no caso supracitado, já que os textos são inseridos em uma época específica.

Aubert (1998, p. 110) explica que tais modalidades de tradução podem ocorrer de maneira isolada ou de forma híbrida. No segundo caso, podem ser computadas em separado, sob o rótulo de categorias híbridas. Entretanto, se o número de hibridismos for alto, é melhor que elas sejam agrupadas em categorias simples, incluindo as ocorrências sempre naquela mais distante do ponto zero, de acordo com a sequência apresentada.

Segundo Corrêa (2003, p. 99), analisar o grau de distanciamento e de proximidade em textos traduzidos permite “verificar a opção e a criatividade do tradutor na busca da transposição de certos elementos considerados de difícil compreensão para a cultura meta”. Aubert (1998, *passim*) salienta que o modelo pode ajudar a detectar estratégias preferenciais empregadas pelos tradutores para

lidar com problemas tradutórios específicos, como no caso dos termos culturalmente marcados.

De acordo com Aubert (1998, p. 126), as modalidades tradutórias são potencialmente relevantes para a constituição de uma ferramenta a fim de medir a proximidade/distância tipológica entre as línguas, bem como as flutuações no grau de proximidade/distância provocadas pela tipologia textual. Além disso, podem proporcionar uma análise de correlações entre tipologia textual e tipologia tradutória, verificando em que medida os diferentes tipos de texto afetam de modo significativo a maior ou menor incidência das diversas modalidades. Tudo isso, considerando a gradação de um a treze que demonstra a maior ou menor proximidade ao texto, à língua e à cultura fontes.

2.3.3 Pesquisas sobre interferências linguísticas e modalidades de tradução

Pesquisas anteriores abordaram o tema interferência linguística e tradução sob outros aspectos ou com enfoque em outras teorias linguísticas. No que diz respeito às modalidades tradutórias, diversos trabalhos abordam a questão do distanciamento ou proximidade dos textos fonte e meta, com relação à tradução de textos técnicos e também de textos literários. No caso destes últimos, é de grande interesse a tradução de termos culturalmente marcados.

Camargo (1999) analisa três traduções de “The Cask of Amontillado”, de Edgar Allan Poe, realizadas em tempos e locais diferentes, por tradutores distintos. Baseando-se nas modalidades tradutórias propostas por Aubert (1998), a pesquisadora conclui que a tradução literal e a transposição foram os itens mais utilizados em todos os textos (*id.* 1999, p. 29).

O estudo de Almeida (2001) trata a interferência como transferência linguística e investiga seus efeitos na tradução de neologismos, com o intuito de examinar os fatores extralinguísticos e estruturais, bem como os tipos de interferência mais visíveis e comuns, relacionadas à problemática tradutória. De acordo com o pesquisador, a integração ou adaptação de um termo estrangeiro ao sistema da língua de tradução obriga o tradutor a realizar ajustes. Entretanto, a

importação lexical permite uma maior eficácia e rigor comunicativo do que uma eventual tradução ou aproximação de sentido (*id.*, 2001, p. 109).

Investigando as modalidades tradutórias com relação à tradução de neologismos, Bastianetto (2002) analisa a legibilidade dos neologismos na tradução italiana de **Grande sertão: veredas**. Segundo o estudo, constata-se um alto índice de ocorrências de tradução literal. Nesse sentido, a pesquisadora “convida a reconsiderar as potencialidades da tradução literal” (BASTIANETTO, 2002, p. 99).

Corrêa (2003) realiza um estudo contrastivo de termos culturalmente marcados presentes em três romances escritos por Jorge Amado, com o intuito de verificar a proximidade/distanciamento tradutórios na versão, isto é, na direção português-inglês. Para tanto, utiliza as modalidades tradutórias de Aubert (1998) como forma de mensurar o grau de dificuldade tradutória de romances com enfoque regional.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, em **Dona Flor e seus dois maridos** e em **Teresa Batista cansada de guerra** ocorreram mais adaptações, seguidas por empréstimos. Já no livro **Tenda dos milagres**, houve mais ocorrências de empréstimos seguidos de adaptação. Segundo a pesquisadora, no que se refere a termos com uma forte carga cultural, o empréstimo, a adaptação, seguidos da explicação, da omissão, da tradução literal e do erro são as modalidades mais representativas (CORRÊA, 2003, p. 119-120).

Cintrão (2006) analisa a interferência a partir do distanciamento ou aproximação entre os idiomas, considerando as categorias de Aubert (1998) e traçando um paralelo entre as transferências linguísticas e a atividade tradutória envolvendo textos escritos em língua espanhola. De acordo com a autora, tanto na aprendizagem de L2 quanto no caso da tradução, a transferência negativa ou interferência recebe destaque como um fenômeno que leva a resultados indesejáveis (*idem*, 2006, p. 70).

Contudo, segundo Cintrão (2006, p. 99), “em tradução o aparecimento de elementos da L2 na produção em LM (língua materna) parece derivar sempre de problemas no processo de recepção do texto em L2” e acrescenta que “há maiores probabilidades de interferências sintáticas do que lexicais” (*op. cit.* – inserção minha).

Ao estudar as modalidades tradutórias presentes na tradução de **Macunaíma** para o francês, Zavaglia (2006) observa, com o auxílio do modelo de Aubert (1998),

como os argumentos estratégicos discursivos do tradutor classificados em modalidades marcam o distanciamento ou a aproximação linguístico-cultural entre o original e a tradução. Segundo a pesquisadora, considerando-se os casos de omissão, empréstimo, decalque e adaptação observados, “foi possível perceber que dependem dessa predominância as relações e distanciamento ou proximidade marcadas pelas modalidades” (*idem*, 2006, p. 242).

Martins e Camargo (2008) abordam a tradução de marcadores culturais em **Sargeant Getulio** em relação ao seu original **Sargento Getúlio**, livro escrito e traduzido por João Ubaldo Ribeiro. De acordo com os dados obtidos, observando-se a classificação das modalidades tradutórias de Aubert (1998), constata-se que na maior parte das vezes foram utilizadas as modalidades de tradução oblíqua, como modulação, explicitação e adaptação para traduzir os marcadores culturais analisados. Tais escolhas evidenciam uma preocupação com a fluência do texto meta, o que pode “propiciar uma maior aceitabilidade da obra na comunidade de chegada” (MARTINS e CAMARGO, 2008, p. 121).

Investigando as interferências na tradução para legendagem, Nobre (2012), adota os procedimentos técnicos da tradução postulados por Barbosa (2004), focalizando os aspectos culturais e as especificidades inerentes à atividade de tradução para legendas. De acordo com a pesquisadora, para a maioria dos espectadores e para todos os que desconhecem os procedimentos técnicos de tradução de legendas, o erro ocorre quando não há literalidade na tradução (*id.* 2012, p. 100). No entanto, “o processo de adaptação é uma etapa inerente à legendagem. Transformar as falas de personagens em legenda já é uma adaptação” (NOBRE, 2012, p. 101).

No que diz respeito às interferências linguísticas descritas por Weinreich (1970), não foram encontradas, em minhas buscas, quaisquer pesquisas que abordem o tema sob a ótica dos Estudos da Tradução, tampouco, relacionando-o às modalidades tradutórias propostas por Aubert (1998).

3 Metodologia

Neste capítulo são apresentados o *corpus* utilizado nesta pesquisa, as informações a respeito do autor e do tradutor das obras escolhidas para a investigação, bem como são descritos os procedimentos metodológicos utilizados na análise dos tipos de interferências linguísticas e de modalidades de tradução encontradas.

3.1 *Corpus*

O conto escolhido como *corpus* da presente pesquisa, “Tenth of December”, foi escrito por George Saunders, e sua tradução, “Dez de Dezembro”, foi realizada por José Geraldo Couto. Ambos foram publicados em livros com títulos homônimos. A obra, composta de dez contos, teve sua primeira publicação em língua inglesa no ano de 2013, alcançando sucesso entre o público e entre os críticos literários. No Brasil, a tradução foi lançada em maio de 2014. O referido conto foi publicado pela primeira vez em 2011, em uma edição do jornal **New Yorker** (LOVELL, 2013).

Os textos que integram o livro “formam um vasto painel da vida contemporânea, apresentando nossas loucuras, comédias de erros, relações amorosas fraturadas, paranoias e outros traços que compõem a realidade do século XXI” (DEZ DE DEZEMBRO, 2014, orelha). A revista **Veja** ressalta que o livro “apresenta, de forma sarcástica e divertida, os dramas e as maravilhas da classe média, a relação entre pais e filhos e suas crises existenciais” (VEJA, 2014).

De acordo com a crítica publicada no jornal **The Guardian**, “o leitor é conectado às cabeças dos protagonistas, às histórias contadas ou em primeira pessoa ou em segunda pessoa que se moldam em torno dos pensamentos dos personagens, assumindo suas vozes” (WOLF, 2013)¹. Em outra publicação, no jornal **The New York Times**, o crítico literário destaca que “apesar do surrealismo sujo e do desespero desvelado, **Dez de Dezembro** nunca sucumbe à depressão.

¹ Texto original: “the reader is wired into the protagonists' heads, the stories told either in the first person or in a third person that moulds itself around the characters' thoughts, taking on their voices”.

Isso ocorre em parte por causa do humor incansável de Saunders” (COWLES, 2013)².

O conto selecionado narra a história de dois personagens principais, Robin, um garoto que sonha com a aluna recém-chegada à sua turma e devaneia conversando com criaturas que vivem na mata – os Íferos – pensando ser herói; e Eber, um homem de meia-idade que luta contra um câncer. Grande parte da história se passa na mente desses personagens, enquanto eles rememoram ou imaginam acontecimentos. O cenário é uma floresta, na qual se encontra um lago congelado, onde a ação acontece.

Segundo Cowles (2013), esse conto, que encerra o livro, é bastante parecido com o inicial, já que ambos apresentam adolescentes sonhadores perdidos em suas fantasias até que o perigo físico aparece. Entretanto, de acordo com o crítico, a história termina com um tom de esperança, assim como várias outras que estão contidas na obra.

O livro foi laureado com o Folio, no ano de 2014. Os patrocinadores da premiação afirmaram, em entrevista concedida à agência de notícias **Reuters** e publicada na revista **Exame**, que o objetivo do prêmio literário é “reconhecer o valor da ‘melhor ficção de língua Inglesa de todo o mundo’ publicada na Grã-Bretanha, independentemente da forma e gênero ou da nacionalidade do autor” (RODDY, 2014).

Um aspecto bastante enfatizado pelos críticos literários é a linguagem utilizada no livro. No jornal britânico **The Guardian**, o jornalista afirma que “a primeira coisa que se percebe é a linguagem, a explosão estimulante de gírias, neologismos, nomes de produtos falsos”³ (WOLF, 2013). O jornal americano **The New York Times** enfatiza a “invenção linguística”⁴ (COWLES, 2013) e a revista **Veja** pontua que “seus contos [de George Saunders] são escritos com virtuosismo linguístico e formal e mesmo assim são intensamente divertidos” (VEJA, 2014 – inserção minha).

Uma vez que o objetivo da presente pesquisa é analisar as interferências linguísticas lexicais, geradas pelo contato entre os pares de idiomas envolvidos na

² Texto original: “despite the dirty surrealism and cleareyed despair, ‘Tenth of December’ never succumbs to depression. That’s partly because of Saunders’s relentless humor”.

³ Texto original: “the first thing you notice is the language, the exhilarating explosion of slang, neologisms, fake product names”.

⁴ Texto original: “linguistic invention”.

tradução do conto do inglês para o português, a escolha do conto supracitado se justifica por apresentar gírias, neologismos, inovações linguísticas e aspectos culturais que se configuram como uma fonte rica para as amostras que serão analisadas neste trabalho.

3.2 O autor: George Saunders

George Saunders, autor do livro de contos **Tenth of December**, nasceu em 1958, em Amarillo, Texas, Estados Unidos, e cresceu em Chicago. Estudou na *Colorado School of Mines*⁵, onde quase completou sua graduação em geofísica de exploração. Trabalhou como geofísico em Sumatra, quando, para cada duas semanas de folga, passava quatro semanas no campo de exploração petrolífera, em um local afastado da cidade. Segundo ele, foi nessa época que seus hábitos de leitura se iniciaram. Um ano e meio depois, desistiu desse emprego e voltou para Chicago.

Em 1986, ingressou na Universidade de Syracuse. Trabalhou como escritor técnico para empresas farmacêuticas e empresas de engenharia ambiental. Paralelamente, escreveu cinco livros não publicados e sua primeira obra divulgada é **CivilWarLand in Bad Decline**⁶, um de cujos contos foi impresso no jornal **The New Yorker**. Desde 1996, leciona escrita criativa na Universidade na qual se formou, escreve contos para o **New Yorker** e notas sobre viagens para a revista **GQ**.

Fazem parte de sua bibliografia, ainda, as coletâneas de contos **Pastoralia**, **In Persuasion Nation**, **Tenth of December**, os livros infantis **The Brief and Frightening Reign of Phil**, **The Very Persistent Gappers of Frip** e o livro de ensaios **The Braindead Megaphone**⁷. Algumas de suas histórias foram adaptadas para peças de teatro.

O autor foi mencionado pela revista **Entertainment Weekly** como uma das cem pessoas mais criativas do entretenimento, em 2001, como um dos melhores

⁵ Escola de Minas de Colorado.

⁶ TerradaGuerraCivil em Decadência Acentuada.

⁷ Títulos das obras citadas, respectivamente: Pastorália, Na Nação Persuasão, Dez de Dezembro, O Breve e Assustador Reino de Phil, Os Parasitas Superpersistentes de Frip, O Megafone do Morto Vivo (traduções de títulos minhas, com exceção de Dez de Dezembro).

escritores com menos de quarenta anos, pelo jornal **The New Yorker**, em 2002, e como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, em 2014. Em 2006, recebeu os prêmios *Guggenheim Fellowship*, concedido pela Fundação *John Simon Guggenheim* e *MacArthur Fellowship*, entregue pela Fundação *MacArthur*, ambas instituições de apoio à pesquisa e à criação artística. Em 2009 foi laureado com o prêmio da Academia Americana de Artes e Letras. Em 2014, ganhou o Prêmio Folio de literatura⁸.

O **The New York Times** destaca as qualidades literárias do autor e afirma que “se definimos ‘nosso tempo’ como estes dias, então George Saunders é o escritor para o nosso tempo”⁹ (LOVELL, 2013). Segundo críticos literários, “Saunders ergue com este livro [**Dez de Dezembro**] um cenário singular. A prova de gênio de um ficcionista necessário e inesquecível” (**DEZ DE DEZEMBRO**, 2014, quarta capa). A capacidade de inovação lexical e a criatividade literária do autor foram alguns dos fatores que fizeram com que o conto “Tenth of December” fosse escolhido como objeto de análise desta dissertação.

3.3 O tradutor: José Geraldo Couto

José Geraldo Couto foi responsável pela tradução da obra escolhida como *corpus* desta pesquisa, publicada em 2014 e intitulada **Dez de Dezembro**. Nasceu em 1957, em Jaú, interior de São Paulo. Tem formação em jornalismo e história pela USP e atua como tradutor do inglês e do espanhol, além de escrever críticas de cinema. Dentre os autores traduzidos por Couto, podem ser destacados Henry James, Saul Bellow, Norman Mailer, Truman Capote, Michael Cunningham e Martin Scorsese¹⁰.

O tradutor trabalhou no grupo Folha por mais de vinte anos, empresa na qual desempenhou trabalhos como colunista até fevereiro de 2011. Atuou como redator e

⁸ Essas informações sobre a biografia do autor foram extraídas de seu site oficial <<http://www.georgesaundersbooks.com/about/>>.

⁹ Texto original: “if we define ‘our time’ as these days, then George Saunders is the writer for our time”.

¹⁰ Informações obtidas no site da Companhia das Letras, empresa para a qual Couto trabalha <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13544>>.

editor assistente do **Cotidiano**, redator da **Primeira Página**, redator e repórter do **Mais!** e da **Ilustrada**. Além disso, cobriu diversos eventos esportivos, festivais de cinema e feiras literárias (FARIAS et al., 2011, p. 201). Também atuou como jornalista da revista **Set**, de cinema e vídeo, entre 1987 e 1990, como redator e editor-assistente (comunicação pessoal)¹¹.

Couto começou a trabalhar como jornalista quando ainda cursava a faculdade e, na época, desenvolvia tarefas de tradução de notícias de jornais estrangeiros. Em 2001, após se mudar para Florianópolis, continuou atuando como editor. Entretanto, começou a se dedicar mais aos projetos de tradução. Na Companhia das Letras, realizou trabalhos de redação e editoração, antes de iniciar a carreira como tradutor de livros de não ficção, dentre eles um livro sobre explorações do Polo Sul, um livro de memórias e um livro sobre o massacre étnico de Ruanda. Hoje, traduz diversas obras dos mais variados gêneros (COUTO, 2011, p. 202). Realiza traduções de artigos desde 1991 e de livros desde 1999 (comunicação pessoal)¹².

De acordo com o tradutor, em entrevista concedida à revista **In-Traduções**, algumas ferramentas são básicas e inerentes ao ato tradutório, como os dicionários. Além deles, “algumas vezes a gente pode recorrer a outras traduções a outras línguas, o que é sempre bom para cotejar e para ver como solucionaram problemas difíceis de tradução. Esse é um instrumento a mais que o tradutor tem e deve usar” e acrescenta que “também podemos usar traduções prévias para o português. Não há motivo para o tradutor não revisar essas traduções, até pelos erros, com os quais o tradutor aprende e os consegue evitar melhor” (COUTO, 2011, p. 205).

Ao ser questionado sobre um possível plano prévio de tradução, Couto (2011, p. 204) destaca que há opções importantes que o tradutor seleciona ao começar a traduzir um texto, dentre elas as questões relacionadas à fidelidade ao original e à adaptação do projeto à cultura e à língua meta, ou à manutenção das características da cultura e da língua fonte. Segundo o tradutor, estas respostas são obtidas de acordo com o conteúdo e a intenção de cada obra. Assim,

a tradução é ao mesmo tempo um trabalho e um aprendizado, nunca podemos nos sentir formados por completo porque a língua é um organismo vivo, que está em constante transformação e devemos estar abertos para a mutabilidade da mesma e para aprender, pesquisando nos contextos nos quais os discursos, literários ou não, foram produzidos. Entendendo melhor

¹¹ Informações fornecidas por José Geraldo Couto via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

¹² *Idem* nota anterior.

os contextos podemos entender o sentido do discurso, a sua beleza concreta, literária. É como se o tradutor precisasse saber melhor a própria língua que aquela de origem do texto, porque o difícil é expressar uma questão que captamos no texto original, mas não conseguimos trazer para a nossa língua. O tradutor deve estar disposto a um aprendizado permanente, de psicanálise, economia, do que for, e de assuntos específicos abordados nos livros a serem traduzidos (COUTO, 2011, p. 208).

Com relação à diversidade das obras traduzidas por ele, o tradutor afirma que “um livro de ficção contemporânea, um romance, um conto, um livro onde as personagens falem uma linguagem contemporânea, exige não só um conhecimento escolar da língua, senão um conhecimento da língua que se fala” (COUTO, 2011, p. 205). Dentro desta descrição, podemos relacionar o trabalho tradutório do livro **Dez de Dezembro**, já que, como afirmado por críticos literários, a obra escrita em língua inglesa apresenta diversos neologismos, criações linguísticas e aspectos culturais contemporâneos.

Nesse sentido, as opções tradutórias que se encontram no livro traduzido refletem a agenda e a ideologia de Couto, segundo o qual

na tradução literária, de contos, teatro, poesia nem se fala, o peso da linguagem, a materialidade das palavras, das construções e da organização desses signos, é muito grande e tão importante quanto o “conteúdo”. A ideia não é mais importante que as opções de linguagem adotadas, e devemos ter muito mais cuidado, e não trair o estilo do autor, o que pretendeu expressar em música, tom, inseridos nesse texto. Esse é o grande desafio, traduzir um livro dessa natureza sem fazer sumir ou diluir o estilo desse autor, ao mesmo tempo mantendo o sentido (COUTO, 2011, p. 204).

Com relação ao livro de contos **Dez de Dezembro**, o autor afirma que foi uma das traduções mais desafiadoras de sua carreira. Segundo ele,

diria mesmo que foi um dos livros mais difíceis que traduzi [...] no caso dos contos desse livro do George Saunders, mesmo quando a narração é feita em terceira pessoa, ela se “cola” em um ou outro personagem, assumindo sua linguagem própria, seu vocabulário, seu modo de ver o mundo. Muitas vezes, no interior de um mesmo conto, esse foco narrativo se desloca de um personagem para outro, mudando totalmente o tom, a “voz”. Para mim, esse foi o maior desafio. Encontrar essas várias vozes, realizar as passagens entre elas do modo mais próximo possível ao original (comunicação pessoal)¹³.

¹³ Informações fornecidas por José Geraldo Couto via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

Essas opções de tradução, desafiadoras e passíveis de interferências, são analisadas na presente pesquisa com relação às interferências linguísticas e às modalidades tradutórias.

3.4 Método

Foram coletados dados a respeito das interferências linguísticas, baseadas nos fenômenos linguísticos descritos por Weinreich (1970), e das modalidades de tradução, postuladas por Aubert (1998), no conto “Dez de Dezembro”, traduzido do inglês estadunidense por Couto (SAUNDERS, 2014) a partir do original intitulado “Tenth of December”, escrito por Saunders (2013), contidos nos livros homônimos, como apresentado anteriormente.

Com o intuito de preparar o *corpus* para a classificação, a anotação e a posterior análise, foi necessário executar a sua digitalização com o auxílio do programa *HP Scan*, da impressora *HP Deskjet 4640 series*, o qual permite converter documentos para arquivos OCR (*Optical Character Recognition*)¹⁴, possibilitando a transformação de imagens de texto, como documentos digitalizados, em caracteres reais editáveis. Em seguida, foram feitas a revisão manual e o alinhamento dos textos com o auxílio do programa *Wordfast Classic 6* – em *demo mode*, de uso gratuito, porém, limitado – em um arquivo de extensão DOC, do *Microsoft Word for Windows*.

No arquivo DOC os Sintagmas Nominais foram separados. Em seguida, foram realizadas as classificações e as análises das formas de interferência linguística e de modalidades de tradução em cada um deles. Na sequência, procedeu-se à conversão do arquivo para a extensão TXT, sem formatação alguma.

Após, o *corpus* foi anotado com os respectivos rótulos no programa *Notepad++* (extensão XML – *Extensible Markup Language*)¹⁵, *software* gratuito que se configura como um editor de textos e de códigos fonte, comportando diversas linguagens de programação e podendo ser utilizado em diversas áreas de pesquisa,

¹⁴ Reconhecimento ótico de caractere. Informações obtidas no site <<http://office.microsoft.com/pt-br/help/sobre-o-ocr-reconhecimento-otico-de-caractere-HP003081255.aspx>>. Acesso em 17 de outubro de 2014.

¹⁵ Linguagem de Marcação Extensiva.

com o intuito de obter a quantificação de dados¹⁶. Isso ocorre após a combinação do arquivo XML com um arquivo denominado folha de estilos, no qual se encontram as categorias devidamente anotadas, em forma de rótulos, em linguagem XSL (*Extensible Stylesheet Language*)¹⁷ (RODRIGUES, 2010).

Com relação às unidades textuais analisadas, Aubert (1998, p. 103) afirma que, ao se optar por unidades sintáticas, isto é, sintagmas e orações, poderia haver riscos, já que nenhum nível sintático fixo corresponde totalmente, em qualquer circunstância, à unidade de tradução operada pelo tradutor, pois esta “tende a flutuar em função de diversas variáveis: complexidade estilística, estratégias argumentativas e/ou descritivas, maior ou menor habilidade, ou, experiência do tradutor, etc” (*op. cit.*).

De acordo com Aubert (1998, p. 123), principalmente quando se pretende recorrer à quantificação de um *corpus* específico, a palavra gráfica é a opção mais adequada, uma vez que se apresenta como uma unidade de contagem com pouca ambiguidade. Entretanto, cada palavra do texto fonte deve ser considerada em seu contexto sintagmático, oracional e no contexto mais amplo em que ocorre, nunca como um vocábulo isolado, para depois ser buscada no texto traduzido. Ela pode reocorrer “de forma explícita, como palavra isolada, como sintagma nominal ou verbal, como morfema ou como paráfrase, ou ainda de forma implícita, condensada, sugerida por uma ou mais soluções na versão oferecida pelo tradutor” (AUBERT, 1998, p. 104). Ainda segundo o autor (1998, p. 125), o modelo das modalidades de tradução não é adequado para detectar marcadores estilísticos e tradutórios acima do nível frástico.

Nesta dissertação de mestrado, como já exposto, a quantificação dos dados foi propiciada pelo *software Notepad++* e pela folha de estilos (arquivo XSL). Portanto, seria inviável considerar cada vocábulo individualmente na anotação das categorias, pois resultaria em um arquivo XML demasiadamente longo. Tal extensão é utilizada no programa *Notepad++* por ser simples e legível tanto para os usuários quanto para o computador, além de possibilitar a criação de etiquetas ilimitadas (RODRIGUES, 2010, p. 74). Desse modo, as unidades analisadas foram os sintagmas nominais, uma vez que a pesquisa investiga as interferências lexicais.

¹⁶ Informações obtidas no site: <<http://notepad-plus-plus.org/>>. Acesso em 15 de julho de 2014.

¹⁷ Folha de Estilos de Linguagem Extensiva.

Castilho (2014, p. 451) define os sintagmas nominais como construções sintáticas que têm por núcleo um substantivo ou um pronome, “o primeiro, uma classe basicamente designadora, e o segundo uma classe dêitica/fórica/substituidora” (*op. cit.*). Dessa forma, segundo o autor, “o sintagma nominal é uma estrutura cujo núcleo vem preenchido pelo substantivo e por alguns pronomes, tendo por especificador o artigo e os pronomes, e por complementadores os sintagmas adjetivais e preposicionais” (CASTILHO, 2014, p. 252).

Os sintagmas nominais (SNs) foram isolados e classificados a partir do texto fonte. O dicionário **Oxford Advanced Learner’s Compass** define o sintagma nominal, ou, *noun phrase* como “uma palavra ou grupo de palavras em uma sentença que se comporta da mesma forma que um substantivo, isto é, como um sujeito, um objeto, um complemento ou como o objeto de uma preposição”¹⁸.

Assim, por exemplo, o sintagma adjetival *lucky*, traduzido como “uma sorte”, não foi computado, uma vez que não é SN no texto em inglês. Entretanto, alguns SNs em inglês estadunidense foram traduzidos como sintagma verbal ou sintagma adjetival no português brasileiro e foram computados como unidades de análise. Foram considerados trechos mais longos de SNs quando a oração apresentou mais de um SN em sequência.

A opção pela análise lexical do texto traduzido se justifica pelo fato de, segundo Weinreich (1970, p. 76), este ser o domínio de empréstimo por excelência. De acordo com o pesquisador, isso se deve ao fato de o léxico ser estruturado de forma menos rígida que os demais domínios linguísticos, isto é, fonético e gramatical, como apresentado na seção 2.3.1.

Entretanto, é importante salientar mais uma vez que neste trabalho as categorias de interferências linguísticas postuladas por Weinreich (1970), originalmente baseadas na descrição de dados produzidos por falantes bilíngues em situação de contato de línguas, estão sendo adaptadas ao estudo de um texto traduzido, ou seja, uma produção escrita, realizada por um falante multilíngue, porém, dirigida a leitores possivelmente monolíngues.

Desse modo, um trecho como *the pale boy*, ao ser traduzido como “o garoto pálido”, é interpretado como uma Reprodução, que se caracteriza pela alteração da ordem das palavras, como no caso de *conscientious objectors* e *objetores*

¹⁸ Texto original: “a word or group of words in a sentence that behaves in the same way as a noun, that is as a subject, an object, a complement, or as the object of a preposition”.

conscientes. Este último exemplo foi extraído de Weinreich (1970, p. 51). A descrição das categorias adaptadas a partir dos fenômenos linguísticos relatados pelo referido autor, seguidas por exemplificações, estão contidas no Anexo A, como mencionado anteriormente.

Os dados analisados foram anotados, de acordo com os rótulos de interferências linguísticas e de modalidades de tradução utilizados pelo tradutor. Rótulos são as abreviações dos nomes das categorias de interferências linguísticas e de modalidades de tradução, criados a partir de letras selecionadas contidas em cada um deles, *i. e.*; TE (Tradução de Empréstimo); OM (Omissão) utilizados na anotação a fim de possibilitar sua posterior quantificação.

Seguindo os procedimentos adotados por Rodrigues (2010) em sua tese de doutorado, ao classificar as traduções dos SNs, os rótulos foram colocados entre parênteses angulares <*>, por exemplo, <OM> no começo do sintagma nominal e </OM> em seu final. Tal anotação foi feita em um arquivo XML com o texto visualizado a partir do *software Notepad++*. De acordo com Rodrigues (2010, p. 78), é necessário iniciar a classificação com a abreviação da modalidade entre parênteses angulares e finalizá-la entre barra e parênteses angulares para que a quantificação seja possível. Isso se torna viável por meio de uma folha de estilos na qual os *tags*¹⁹ reconhecem as anotações.

Com o intuito de gerar dados quantitativos, é necessário abrir o arquivo XML na mesma pasta em que se encontra a folha de estilos (arquivo XSL), na qual só pode haver um arquivo de cada extensão (RODRIGUES, 2010, p. 78). Na sequência, caso não haja erros na anotação, ocorrerá a geração de um arquivo HTML (*HyperText Markup Language*)²⁰ com a quantificação das categorias do *corpus* (*op. cit.*). Não é necessário utilizar o programa *Notepad ++* para visualizar os dados finais.

Desse modo, ao ser combinada com a folha de estilos, as anotações dos textos geraram o número total de ocorrências de cada uma das categorias, em formato HTML, possibilitando quantificar o número de interferências linguísticas e de modalidades de tradução que ocorreram no texto traduzido, tanto em números absolutos como em números percentuais.

Os rótulos criados para as interferências linguísticas estão na Figura 1:

¹⁹ *Tags* são os rótulos que apresentam informações necessárias para que a folha de estilos, combinada com o arquivo XML, gere os dados quantitativos (RODRIGUES, 2010, p. 78).

²⁰ Linguagem de Marcação de Hipertexto.

Vocábulos Simples	Vocábulos Compostos ou Frases	Nomes Próprios	
Transferência Direta: <TD> </TD>	Transferência Analisada <TA> </TA>	Transferência: <TF> </TF>	Categorias Sobrepostas <CS> </CS>
Ajuste: <AJ> </AJ>	Reprodução <RP> </RP>	Tradução: <TRAD> </TRAD>	
Junção: <JN> </JN>	Tradução de Empréstimos: <TE> </TE>	Hibridismo: <HB> </HB>	
Desuso: <DS> </DS>	Rendição de Empréstimos: <RE> </RE>	Pseudotradução: <PT> </PT>	
Homonímia: <HN> </HN>	Criação de Empréstimos: <CE> </CE>		
Polissemia: <PL> </PL>	Transferência e Tradução: <TT> </TT>		
Cognato: <CG> </CG>	Transferência e Reprodução: <TR> </TR>		
	Transferência e Reprodução Simultânea: <TRS> </TRS>		

Figura 1: Quadro dos rótulos das interferências linguísticas

Essas categorias estão agrupadas em interferências possíveis no caso de vocábulo simples – Transferência Direta, Ajuste, Junção, Desuso, Homonímia, Polissemia e Cognato –, em interferências passíveis de ocorrerem com palavras compostas ou frases – Transferência Analisada, Reprodução, Tradução de Empréstimos, Rendição de Empréstimos, Criação de Empréstimos, Transferência e

Tradução, Transferência e Reprodução, e Transferência e Reprodução Simultânea –, além daquelas que podem ocorrer com nomes próprios, seja de lugares, seja de pessoas – Transferência, Tradução, Hibridismo e Pseudotradução. Há ainda a Categoria Sobreposta, criada para designar os casos de coocorrência de interferências.

Nesta dissertação, não houve a divisão entre as formas de interferências possíveis no caso vocábulos simples e de vocábulos compostos na classificação dos sintagmas nominais, já que algumas vezes os SNs compostos apresentaram interferências características de categorias apontadas por Weinreich (1970) como relativas a vocábulos simples. A classificação referente aos nomes próprios, no entanto, foi respeitada.

Com relação às modalidades de tradução, os rótulos estipulados estão expostos na Figura 2:

	Omissão: <OM> </OM>
Tradução Direta	Transcrição: <TC> </TC>
	Empréstimo:
	Decalque: <DC> </DC>
	Tradução Literal: <TL> </TL>
	Transposição: <TP> </TP>
Tradução Indireta	Implicitação: <IM> </IM>
	Explicitação: <EX> </EX>
	Modulação: <MO> </MO>
	Adaptação: <AD> </AD>
	Tradução Intersemiótica: <TI> </TI>
	Erro: <ER> </ER>
	Correção: <CO> </CO>
	Acréscimo: <AC> </AC>
	Sobreposição de Categorias: <SC> </SC>

Figura 2: Quadro dos rótulos das modalidades de tradução

Elas estão agrupadas em cinco categorias de Tradução Direta – Transcrição, Empréstimo, Decalque, Tradução Literal e Transposição –, cinco categorias de Tradução Indireta – Implicitação, Explicitação, Modulação, Adaptação e Tradução Intersemiótica –, e quatro categorias que não se enquadram em nenhuma das outras – Omissão, Erro, Correção e Acréscimo. Estas estão apresentadas seguindo uma ordem crescente do menor ao maior grau de distanciamento do texto fonte. Foi criado também o rótulo Sobreposição de Categorias, a fim de classificar os sintagmas que apresentaram mais de uma modalidade tradutória.

Aubert (1998, p. 107) classifica as categorias Implicitação e Explicitação na mesma posição, ocupando o sétimo lugar, perfazendo, no total, 13 categorias de modalidades de tradução. Com o intuito de criar rótulos distintos para a aplicação dos *tags* nos arquivos XSL e XML, as referidas modalidades foram desmembradas na presente dissertação. Portanto, neste trabalho há 14 categorias de modalidades de tradução.

A fim de ilustrar os procedimentos metodológicos descritos nesta seção, serão apresentadas, no Exemplo 1, as anotações da tradução de um trecho do conto “Dez de Dezembro”, com relação às interferências linguísticas, e no Exemplo 2, anotações relativas às modalidades tradutórias.

Exemplo 1:

Texto fonte	Texto meta
<i>The pale boy</i>	<RP> O garoto pálido </RP>
<i>unfortunate Prince Valiant bangs</i>	<TA> franja infeliz de Príncipe Valente </TA>
<i>clublike mannerisms</i> (SAUNDERS, 2013)	<TA> trejeitos de escoteiro </TA> (SAUNDERS, 2014)

Este excerto compreende os três primeiros sintagmas nominais do parágrafo inicial do conto. Nele é apresentado Robin, um dos personagens principais da história, um garoto que sonha ser super-herói. O trecho “o garoto pálido” foi classificado como Reprodução por apresentar apenas inversão vocabular. Os

sintagmas “franja infeliz de Príncipe Valente” e “trejeitos de escoteiro” foram classificados como Transferência Analisada por apresentarem o acréscimo da preposição “de”, além da alteração da ordem das palavras, adaptando os SNs às regras sintáticas da língua portuguesa.

Exemplo 2:

Texto fonte	Texto meta
<i>The pale boy</i>	<TP> O garoto pálido </TP>
<i>unfortunate Prince Valiant bangs</i>	<TP> franja infeliz de Príncipe Valente </TP>
<i>cublike mannerisms</i> (SAUNDERS, 2013)	<TP> trejeitos de escoteiro </TP> (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 2 apresenta o mesmo trecho do livro, porém, rotulado de acordo com as categorias de modalidades de tradução. Nesse sentido, os sintagmas acima descritos foram classificados como Transposição por apresentarem rearranjos morfossintáticos, isto é, alteração na ordem das palavras e acréscimo de preposições.

Na Figura 3, tem-se uma cópia da tela do *software Notepad++* contendo o arquivo de extensão XML correspondente à anotação da tradução supracitada com relação às interferências linguísticas, e na Figura 4, com relação às modalidades tradutórias. Estas figuras apresentam os sintagmas e seus respectivos *tags*.

```

1 <?xml version="1.0" encoding="ISO-8859-1"?>
2 <xml-styleSheet type="text/xsl" href="template.xsl"?>
3
4 <root>
5
6 <text>
7
8 <title> Dez de Dezembro </title>
9
10 <p>
11
12 <RP> O garoto pálido </RP >
13 <TA> Franja infeliz de Príncipe Valente </TA>
14 <TA> Trejeitos de escoteiro </TA>
15 <TA> O armário do vestibulo </TA>
16 <RP> Casaco branco do pai </RP>
17 <TA> Das botas </TA>
18 <DS> </DS>
19 <TA> A espingarda de chumbo </TA>
20 <RE> Uma mancada </RE>
21 <TE> Um presente </TE>
22 <TT> Tia Chloe </TT>
23 <TE> Ela </TE>
24 <TE> Ele </TE>
25 <TE> Ela </TE>
26 <RE> Um longo sermão </RE>
27 <TA> Os veios da madeira </TA>

```

change.log | Dez_anoitado_interferencias.xml

eXtensible Markup Language file | length: 47188 lines: 2110 | Ln: 1 Col: 1 Sel: 0 | 0 | ISO 8859-1 | Dos\Windows | INS

Figura 3: Categorias de interferências linguísticas anotadas no arquivo de extensão XML

```

1 <?xml version="1.0" encoding="ISO-8859-1" ?>
2 <!--xml-stylessheet type="text/xsl" href="template.xsl" ?-->
3
4 <root>
5
6 <text>
7
8 <title> Dez de Dezembro </title>
9
10 <p>
11
12 <TP> O garoto pálido </TP> >
13 <TP> Franja infeliz de Príncipe Valente </TP>
14 <TP> Trejeitos de escoteiro </TP>
15 <TP> O armário do vestíbulo </TP>
16 <TP> Casaco branco do pai </TP>
17 <TP> Das botas </TP>
18 <IM> </IM>
19 <TP> A espingarda de chumbo </TP>
20 <MO> Uma mancada </MO>
21 <TL> Um presente </TL>
22 <SC> Tia Chloe </SC> >
23 <TL> Ela </TL>
24 <TL> Ele </TL>
25 <TL> Ela </TL>
26 <MO> Um longo sermão </MO>
27 <TP> Os veios da madeira </TP>

```

Figura 4: Categorias de modalidades tradutórias anotadas no arquivo de extensão XML

A seguir, nas Figuras 5 e 6, há cópias das telas das folhas de estilos, em um arquivo de extensão XSL, nas quais se encontram as instruções necessárias para a quantificação de dados, quanto às interferências linguísticas e às modalidades de tradução, respectivamente.

```

111 <td>TD = <xsl:value-of select="count(TD)"/></td>
112 <td>AJ = <xsl:value-of select="count(AJ)"/></td>
113 <td>JN = <xsl:value-of select="count(JN)"/></td>
114 <td>DS = <xsl:value-of select="count(DS)"/></td>
115 </tr>
116 <tr>
117 <td>HN = <xsl:value-of select="count(HN)"/></td>
118 <td>PL = <xsl:value-of select="count(PL)"/></td>
119 <td>CG = <xsl:value-of select="count(CG)"/></td>
120 <td>TA = <xsl:value-of select="count(TA)"/></td>
121 </tr>
122 <tr>
123 <td>RP = <xsl:value-of select="count(RP)"/></td>
124 <td>TE = <xsl:value-of select="count(TE)"/></td>
125 <td>RE = <xsl:value-of select="count(RE)"/></td>
126 <td>CE = <xsl:value-of select="count(. //CE)"/></td>
127 </tr>
128 <tr>
129 <td>TF = <xsl:value-of select="count(TF)"/></td>
130 <td>TR = <xsl:value-of select="count(TR)"/></td>
131 <td>TRS = <xsl:value-of select="count(TRS)"/></td>
132 <td>TF = <xsl:value-of select="count(TF)"/></td>
133 </tr>
134 <tr>
135 <td>TRAD = <xsl:value-of select="count(TRAD)"/></td>
136 <td>HB = <xsl:value-of select="count(HB)"/></td>
137 <td>PT = <xsl:value-of select="count(PT)"/></td>
138 <td>CC = <xsl:value-of select="count(CC)"/></td>

```

length:10005 lines:311 Ln:1 Col:1 Sel:0 |0 DesfWindows UTF-8 w/o BOM INS

Figura 5: Folha de estilos relativa às interferências linguísticas (XSL)

```

96 <td>OM = <xsl:value-of select="count(OM)"/></td>
97 <td>TC = <xsl:value-of select="count(TC)"/></td>
98 <td>EM = <xsl:value-of select="count(EM)"/></td>
99 <td>DC = <xsl:value-of select="count(DC)"/></td>
100 </tr>
101 <tr>
102 <td>TL = <xsl:value-of select="count(TL)"/></td>
103 <td>TP = <xsl:value-of select="count(TP)"/></td>
104 <td>IM = <xsl:value-of select="count(IM)"/></td>
105 <td>EX = <xsl:value-of select="count(EX)"/></td>
106 </tr>
107 <tr>
108 <td>MO = <xsl:value-of select="count(MO)"/></td>
109 <td>AD = <xsl:value-of select="count(AD)"/></td>
110 <td>TI = <xsl:value-of select="count(TI)"/></td>
111 <td>ER = <xsl:value-of select="count(./ER)"/></td>
112 </tr>
113 <tr>
114 <td>CO = <xsl:value-of select="count(CO)"/></td>
115 <td>AC = <xsl:value-of select="count(AC)"/></td>
116 <td>SC = <xsl:value-of select="count(SC)"/></td>
117 <td></td>
118 <td></td>
119 <td></td>
120 </tr>
121 </table>
122 </td>
123 </tr>

```

change.log X template.xml
Arquivo Editar Localizar Visualizar Formatar Linguagem Configurações Macro Executar Plugins Janela ?
length: 7851 lines: 249 Ln: 1 Col: 1 Sel: 0 | 0
Dos\Window_segunda-feira, 12 de outubro de 2015
eXtensible Markup Language file

Figura 6: Folha de estilos referente às modalidades tradutórias (XSL)

A Figura 7 apresenta a quantificação dos dados em um arquivo de extensão HTML concernente às interferências linguísticas. Já a Figura 8 concerne às modalidades de tradução. A combinação de um arquivo de extensão XML com um arquivo de extensão XSL possibilita a geração de um arquivo HTML que contenha a quantificação dos dados, conforme se pode observar:



Figura 7: Quantificação de dados com relação às interferências linguísticas (HTML)

Dez de Dezembro														
tipo OM = 2 (0%)	tipo TC = 2 (0%)	tipo EM = 137 (7%)	tipo DC = 0 (0%)	tipo TL = 928 (44%)	tipo TP = 602 (29%)	tipo IM = 219 (10%)	tipo EX = 33 (2%)	tipo MO = 72 (3%)	tipo AD = 42 (2%)	tipo TI = 0 (0%)	tipo ER = 0 (0%)	tipo CO = 0 (0%)	tipo AC = 2 (0%)	tipo SC = 35 (2%)
<p>O garoto pálido Franja, infeliz de Príncipe Valente, Trejeitos de escoteiro, O armário do vestíbulo Casaco branco do pai, Das botas, A espingarda de chumbo, Uma mancada, Um presente, Tia Chloe, Ela, Ele, Ela, Um longo sermão, Os veios da madeira, A tarefa, O dique dos castores, Aquela espécie, Da velha barragem de pedra, Determinadas proporções, Essa, A metodologia deles, A autoconfiança dele, Ele, Disso -se, A espingarda de chumbo, Do uso, Deste utensílio humano, Blam!, Eles, Habitantes do Inferno, Os Infernos, Um estranho vínculo, Ele, Ele, Das feridas deles, Só por brincadeira, Um, o bicho, Na barragem de pedra, O animal ferido, Pessoa!, Minha bunda, O grupo, A bunda de Gzeemon, Olhares sombrios, Gzeemon, Pelos próximos nove milhões de anos, Pobre sujeito, Infernos, Aquele cara, Mary Poppins, Certos mistérios, Origem, mais remota, Terra -lo, Os Infernos, Ele, Abertura deles, na barragem de pedra, Eles, o Sua poção miniaturadora especial, Wham!, Ele, A corda antiquada deles, Seu autoinventado sistema de artes marciais, Toi, Foi, Também conhecido como, Abraços, Mortais, A porta, deles, Uma implacável rocha de sufocação -os, Na agonia da morte, Pena, Deles, a pedra, Minha nossa, Um deles, Obrigado, Chefe, Você, Um adversário de valor, Tortura, Eles, o de costas, as nuvens em movimento, o Maneiras, Ele, Os dentes dele, Ele, Nesse aspecto, Seu amigo, Sua,inhae, Ela, -os, Quantos, que, desenhava, na, mesa, morando,</p>														

Figura 8: Quantificação de dados referente às modalidades de tradução (HTML)

Os procedimentos metodológicos descritos nesta seção são necessários a fim de apresentar os resultados cujos dados coletados no *corpus* serão analisados, com o intuito de atingir os objetivos específicos da presente pesquisa.

4 Resultados

Neste capítulo são descritos os resultados obtidos nesta pesquisa, com relação às análises e às quantificações referentes às interferências linguísticas e às modalidades tradutórias, respectivamente. São discutidos os dados encontrados, bem como apresentadas as tabelas e os gráficos que demonstram a quantificação total e a porcentagem correspondente à manifestação de cada categoria.

4.1 Análise das interferências linguísticas

Esta seção apresenta os dados quantitativos gerados por meio da combinação do arquivo XML com o arquivo XSL após a separação dos sintagmas nominais – 2094 SNs no total – e sua classificação segundo as categorias de interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970). A partir da quantificação das categorias é possível tecer algumas considerações a respeito da direção das interferências, relacionando-as ao distanciamento ou a aproximação entre o português brasileiro e o inglês estadunidense.

A Tabela 1 demonstra o número total e percentual de cada categoria de interferência linguística encontrada no texto meta. As categorias não listadas na análise não estão contidas na tabela.

Tabela 1: Número total e percentual de manifestações das categorias de interferências linguísticas

Categorias	Número de ocorrências	Porcentagens
Tradução de Empréstimo <TE>	918	43%
Transferência Analisada <TA>	373	18%
Desuso <DS>	239	11%
Rendição de Empréstimo <RE>	169	8%
Transferência <TF>	148	7%
Reprodução <RP>	89	4%
Junção <JN>	39	2%
Categoria Sobreposta <CS>	30	1%
Tradução <TRAD>	28	1%
Pseudotradução <PT>	16	1%
Cognato <CG>	15	1%
Homonímia <HN>	13	1%
Transferência e Tradução <TT>	12	1%
Transferência Direta <TD>	5	1%

De acordo com os dados relatados na Tabela 1, a categoria de interferência linguística mais recorrente no *corpus* analisado é a Tradução de Empréstimo <TE>, caracterizada como tradução palavra por palavra. É mais próxima do texto fonte, contendo a mesma ordem de vocábulos. Apesar de ser classificada por Weinreich (1970, p. 50) como fenômeno comum a vocábulos compostos, é também utilizada para classificar vocábulos simples nesta pesquisa, já que se constitui como única categoria descrita como “tradução literal” pelo referido autor.

Assim, tal resultado se deve, em parte, ao elevado número de ocorrências de pronomes contidos no texto fonte, os quais foram isolados e computados, mesmo nos casos em que ocorreram em um sintagma verbal, adjetival, preposicional ou adverbial, pois são classificados como sintagmas nominais simples, formados apenas pelo núcleo pronominal (CASTILHO, 2014, p. 455). As únicas exceções foram as ocorrências contendo outro SN acompanhando o pronome. Nesses casos, os SNs foram considerados sintagmas compostos e os pronomes receberam a classificação relativa a todo o composto.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de Tradução de Empréstimo¹:

Exemplo 1:

Texto fonte	Texto meta
<i>Every time she came over</i>	Toda vez que ela vinha de visita
<i>Even THAT understood the deal</i>	Até isso ISSO compreendia o acordo tácito
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 1 apresenta casos de sintagma nominal simples. O primeiro trecho é composto pelo pronome pessoal “ela” e o segundo, pelo pronome demonstrativo “isso”, traduzidos de forma literal.

Exemplo 2:

Texto fonte	Texto meta
<i>His first thought was</i>	Seu primeiro pensamento foi
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 2 apresenta um sintagma nominal composto, o qual mantém o mesmo número de vocábulos, na mesma ordem, contendo sinônimos interlinguísticos. Esse poderia, por exemplo, por opção do tradutor, ser traduzido

¹ Os exemplos contidos nesta dissertação estão apresentados em sentenças, a fim de esclarecer o contexto em que ocorrem. Os sintagmas nominais investigados estão grafados em negrito, com o intuito de destacar o objeto analisado em cada situação.

como “o primeiro pensamento dele” construção possível em português brasileiro. Entretanto, a escolha foi por manter a mesma estrutura sintática do texto fonte.

A Transferência Analisada <TA> se constitui como a segunda categoria com mais ocorrências. Caracteriza-se como a adaptação aos padrões de formação de palavras ou às regras sintáticas da língua meta. Assim, casos de inserção de artigos preposições e conjunções fazem parte desse tipo de interferência linguística.

Exemplo 3:

Texto fonte	Texto meta
<i>This was just their methodology</i>	Era essa exatamente a metodologia deles
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 3, observa-se a inserção do artigo definido “a”. Neste caso, percebemos que a opção foi contrária à apresentada no Exemplo 2, já que seria possível traduzir tal trecho como “era essa exatamente sua metodologia”. Talvez, tal fato se deva à forte ligação, atualmente, do pronome “seu” tanto à segunda quanto à terceira pessoas do singular e à menor correspondência de tal pronome à terceira pessoa do plural, como é o caso. Tal solução poderia tornar o texto mais ambíguo e, conseqüentemente, dificultaria a compreensão. Assim, não foi essa a opção do tradutor. Desse modo, foi necessária a inserção do artigo, para que o sintagma nominal se tornasse adequado à língua meta.

Exemplo 4:

Texto fonte	Texto meta
<i>Allen had trown him a victory party</i>	Allen fez para ele uma festa da vitória
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 4 demonstra o acréscimo da preposição “de” contraída com o artigo “a”, necessário devido à inversão da ordem. Na língua inglesa o adjetivo, ou especificador, precede o substantivo. Segundo Swan (2009, p. 12), quando

acompanhado de um substantivo, o adjetivo normalmente é posicionado anteriormente, na chamada “posição atributiva”².

De acordo com os dados analisados, o uso da preposição parece apresentar uma grande diferença entre o inglês estadunidense e português brasileiro, tanto com relação à sintaxe de ambos os sistemas linguísticos, quanto em relação ao significado, pois, “cada preposição tem um sentido de base, de localização espacial ou temporal”. (CASTILHO, 2014, p. 583).

Exemplo 5:

Texto fonte	Texto meta
<i>Like a big sweet animal</i> (SAUNDERS, 2013)	Como um grande e dócil animal (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 5 apresenta a adição da conjunção “e”, importante para adequar o SN à língua meta, já que “como um grande dócil animal” não pareceria natural na língua portuguesa do Brasil, pois não parece ser uma construção muito comum no referido idioma.

Exemplo 6:

Texto fonte	Texto meta
So Mom could call the vet (SAUNDERS, 2013)	Para que a Mãe pudesse chamar o veterinário (SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 6, houve a adição do artigo “a” antes do substantivo “Mãe”, considerado um nome próprio no texto fonte, dada a grafia em caixa alta em todo o conto. Tal característica foi mantida no texto meta. Em inglês, não se utiliza o artigo *the* antes de nomes próprios no singular, salvo certas exceções (SWAN, 2009, p. 65). Já em português brasileiro, “do ponto de vista sintático, é indiferente a presença ou a ausência do artigo. Na maior parte dos casos, os sintagmas nominais sem artigo são

² Texto original: “attributive position” (SWAN, 2009, p. 12)

gramaticalmente aceitáveis” (CASTILHO, 2014, p. 491). No entanto, não pareceria uma produção usual sem o artigo em idioletos que parecem ser dominantes no mercado literário brasileiro, como as falas de moradores das regiões sul e sudeste. Entretanto, tal construção é a forma utilizada em estados do nordeste, como na Bahia.

O Desuso <DS> corresponde à terceira categoria mais recorrente. Essa trata, de acordo com a adaptação ao texto traduzido especificada no Anexo A, da implicitação ou da eliminação de um vocábulo dentro do sintagma, bem como da elipse do sujeito. A maioria das ocorrências referem-se à elipse do sujeito, uma vez que em português brasileiro tal sintagma nominal pode ser elidido (CASTILHO, 2014, p. 289). Tal operação não é gramatical no inglês padrão culto, pois, segundo Swan (2009, p. 428), os pronomes pessoais não podem ser excluídos, mesmo quando o significado apresenta-se de forma clara sem eles.

Exemplo 7:

Texto fonte	Texto meta
<i>Likely he would be detained by them</i>	Provavelmente seria impedido por eles
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 7, percebe-se a elipse do sujeito – o pronome pessoal *he* (“ele”) – no SN do texto meta, sem causar prejuízo à compreensão do texto.

Exemplo 8:

Texto fonte	Texto meta
<i>The paragon or the golden-boy type</i>	Como o protótipo do menino de ouro
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 8, o vocábulo *type* é eliminado do SN do texto meta. Nesse caso, não parece ter ocorrido prejuízo, pois o vocábulo “protótipo” pode englobar o significado expresso em “tipo”, palavra elidida.

Exemplo 9:

Texto fonte	Texto meta
<i>They had abandoned the switched spouses</i> (SAUNDERS, 2013)	Tinham abandonado as esposas (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 9 apresenta a implicitação do termo *switched*, o qual pode ser recuperado no texto, pois, a informação de que as esposas de Pai e *Kip* haviam sido trocadas por ambos aparece na sentença imediatamente anterior a essa.

A Rendição de Empréstimo <RE> representa a quarta categoria com mais ocorrências. De acordo com a adaptação ao contexto tradutório, contida no Anexo A, engloba o caso das expressões idiomáticas; a expansão no texto traduzido para mais de um sintagma; o acréscimo com intuito explicativo e a escrita por extenso de uma abreviação. Alguns exemplos são apresentados na sequência:

Exemplo 10:

Texto fonte	Texto meta
<i>It is not exactly my cup of tea</i> (SAUNDERS, 2013)	Não chega a ser exatamente um refresco (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 10 demonstra a adaptação da expressão idiomática *my cup of tea* (“minha xícara de chá”) – utilizada para se referir a algo que alguém não gosta de fazer – para “um refresco”, bastante comum para expressar situações de descanso e alívio na língua portuguesa do Brasil. Talvez essa não seja a expressão equivalente mais adequada, contudo a opção manteve os vocábulos no campo semântico das bebidas.

Exemplo 11:

Texto fonte	Texto meta
<i>Infuriating them with his snow angels</i>	Enfurecendo-os com os anjos que
	desenhava na neve/movendo
	braços e pernas
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 11 apresenta a expansão do SN *his snow angels* para outro sintagma no texto traduzido, o qual se constitui como sintagma verbal “movendo braços e pernas”, a fim de explicar como os anjos de neve eram desenhados, já que no Brasil não há neve. Tal fato, portanto, não é comum à cultura dos leitores da língua meta. Também houve a transformação do sintagma nominal em oração encaixada, com a adição do pronome relativo “que”, e a mudança da categoria do pronome possessivo *his* para artigo “o”.

Exemplo 12:

Texto fonte	Texto meta
<i>Like a corpse in a Brady photo</i>	Como um cadáver numa foto de
	Matthew Brady
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 12 trata de uma explicitação com intuito de adicionar a informação sobre o realizador da referida fotografia, Matthew Brady – conhecido como fundador do fotojornalismo e maior historiador fotográfico americano do século XX – o qual documentou a Guerra Civil Americana³. Provavelmente tal informação não seria detectada facilmente por um leitor brasileiro, que apenas apreenderia que a foto teria sido tirada por um certo Brady. Entretanto, de posse do nome completo do autor da foto, é possível pesquisar a respeito do mesmo e descobrir que suas fotografias de guerra apresentam vários corpos, relacionando a informação cultural e histórica implícita pelo autor do conto.

³ Informações obtidas no site: <<http://www.mathewbrady.com/about.htm>>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

Exemplo 13:

Texto fonte	Texto meta
<i>A.k.a., Deadly Forearms</i>	Também conhecido como
	Antebraços Mortais
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 13 demonstra a escrita por extenso da abreviação *a.k.a.* (*also known as*), a qual não teria sentido para o leitor brasileiro se fosse apenas reproduzida no texto fonte, uma vez que não corresponde às mesmas iniciais de “também conhecido como”.

A quinta categoria mais representada no *corpus* é a Transferência <TF>, caracterizada como a reprodução dos nomes próprios e topônimos do texto fonte no texto meta. Em seguida, são apresentados alguns exemplos:

Exemplo 14:

Texto fonte	Texto meta
<i>The Nether had indeed kidnapped</i>	Os Inferos talvez raptassem Suzanne
<i>Suzanne Bledsoe</i>	Bledsoe
<i>And headed up Lexow Hill</i>	E começaram a subir a Lexow Hill
<i>The bell he rang to call Molly</i>	A campanha que ele tocava para chamar Molly
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

Todos os SNs destacados no Exemplo 14 não seriam grafados da mesma forma no português brasileiro padrão, em princípio. Esse tipo de interferência linguística pode indicar a preferência pela manutenção dos nomes e topônimos do texto fonte no texto traduzido, a fim de demonstrar a origem linguística da obra e permitir a permanência de referências culturais do inglês estadunidense, caracterizando o texto como uma produção traduzida, isto é, proveniente de outro sistema linguístico e cultural.

Ocupando a sexta colocação no caso de ocorrências de interferências linguísticas, encontra-se a Reprodução <RP>. Trata-se da inversão da ordem sintática dos SNs compostos.

Exemplo 15:

Texto fonte	Texto meta
<i>There'd been a dying raccoon out there</i>	Tinha ali um guaxinim moribundo
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O excerto supracitado apresenta a inversão da ordem das palavras, de forma a tornar o texto mais adequado à língua meta, já que “um moribundo guaxinim” não representaria uma produção natural no português brasileiro. Isso se deve ao fato de que em inglês o adjetivo se antepõe ao substantivo, o que não é imperativo na língua portuguesa do Brasil, como explicado anteriormente.

Exemplo 16:

Texto fonte	Texto meta
<i>Bearing the simple gift of a coat</i>	Portando a dádiva simples de um casaco
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 16 demonstra a inversão por escolha estilística do tradutor, pois, se o SN fosse traduzido na mesma ordem do texto em inglês “portando a simples dádiva de um casaco” não causaria estranhamento ao leitor brasileiro. Contudo, tal opção apresenta uma sutil diferença estilístico-semântica, já que “dádiva simples” parece denotar algo singelo, já “simples dádiva” parece significar algo comum.

A Junção representa a sétima categoria com mais ocorrências no *corpus*. Caracteriza-se pela fusão de dois vocábulos em um. Alguns exemplos são apresentados na sequência:

Exemplo 17:

Texto fonte	Texto meta
<i>I'm so sorry for that poor old guy</i> (SAUNDERS, 2013)	Sinto muito por aquele pobre velho (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 17 retrata a junção dos vocábulos *old* e *guy* traduzidos apenas pela palavra “velho”. Não haveria necessidade de traduzir tal sintagma como “aquele pobre cara velho”, apesar de ser possível tal solução.

Exemplo 18:

Texto fonte	Texto meta
<i>She was faring with that little red-headed shit</i> (SAUNDERS, 2013)	Estava se virando com aquele merdinha ruivo (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 18 apresenta a fusão dos vocábulos *little* e *shit* na palavra “merdinha”, já que em português brasileiro o diminutivo é representado pelo sufixo “-inho/-nha”, e do composto *red-headed* como o vocábulo simples “ruivo”. Não seria natural na língua meta dizer “cabeça vermelha” para denominar uma pessoa ruiva, a não ser com o intuito de fazer uma brincadeira.

A oitava categoria mais representativa no *corpus* é a Categoria Sobreposta. Constitui-se como as formas de apresentação híbrida, como no caso de coocorrência de quaisquer das categorias baseadas em Weinreich (1970). Um exemplo é a ocorrência, em um mesmo SN, da Junção <JN>, da Transferência Analisada <TA> e da Reprodução <RP>, como observado no Exemplo 19:

Exemplo 19:

Texto fonte	Texto meta
<i>Coatless bald-headed man</i> (SAUNDERS, 2013)	Homem careca e sem casaco (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 19 ilustra a fusão <JN> dos vocábulos *bald-headed* como a palavra “careca”, pelo mesmo motivo discutido anteriormente no caso da palavra “ruivo”, a adição da conjunção “e” <TA>, por escolha do tradutor, já que não seria incomum produzir “homem careca sem casaco” em português brasileiro e a inversão da ordem das palavras <RP>, nesse caso, para tornar o sintagma adequado ao texto traduzido, já que em inglês os adjetivos são antepostos ao substantivo, como mencionado anteriormente.

Outras ocorrências englobam a Homonímia <HN>, a Transferência <TF> e a Transferência Analisada <TA>:

Exemplo 20:

Texto fonte	Texto meta
During which he and Mom looked at each other (SAUNDERS, 2013)	Durante o qual Eber e a Mãe olharam um para o outro (SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 20 há a substituição do pronome pelo nome ao qual ele se refere, *Eber* <HN>, além da transferência do referido nome, seguindo a agenda proposta pelo tradutor com relação aos nomes próprios <TF>, bem como a adição do artigo “a” <TA>, para tornar o SN mais natural no texto traduzido.

Houve também a manifestação de Reprodução <RP> com Transferência <TF>, como demonstrado no Exemplo 21:

Exemplo 21:

Texto fonte	Texto meta
Sometimes the gentle Allen would be <i>inside there</i> (SAUNDERS, 2013)	Às vezes o Allen gentil estava lá dentro dele (SAUNDERS, 2014)

Esse trecho apresenta a inversão dos vocábulos <RP> para tornar o SN adequado à língua meta, já que “o gentil *Allen*” não seria uma produção muito natural no português brasileiro, soaria um pouco irônica, e a transferência de *Allen*.

Também foram registradas Rendição de Empréstimo <RE>, Transferência <TF>, Reprodução <RP> e Transferência Analisada <TA>. No Exemplo 22, ocorre o acréscimo explicativo por parte do tradutor <RE> do vocábulo “chiclete” e a manutenção da marca desse – *Wrigley’s* <TF>. Tal inserção parece ter o intuito de esclarecer do que se trata, já que a referida marca não é comum a todos os leitores brasileiros. Além disso, foi feita a inversão da palavra “bolsa” <RP>, para que o SN ficasse adequado à língua meta e a adição da preposição “de” e da conjunção “com”, pelo mesmo motivo anterior.

Exemplo 22:

Texto fonte	Texto meta
<i>Her Wrigle’s-smelling purse</i>	Sua bolsa com cheiro de chiclete
(SAUNDERS, 2013)	Wrigley’s (SAUNDERS, 2014)

A grande quantidade de categorias híbridas que contém a classificação com <TA> e <RP> pode indicar a necessidade de adaptação sintática do inglês estadunidense ao português brasileiro, para além da diferenciação semântica. Já a ocorrência de categorias híbridas com a classificação <TF> parece indicar a manutenção das características culturais do texto fonte.

Também há ocorrências de Tradução <TRAD>, nona categoria mais representativa, caracterizada pela tradução literal dos nomes próprios para a língua meta. No *corpus*, nomes próprios com conotação sentimental – tais como *Mom* e *Dad* – considerados como o nome dos personagens, pois, todos os pais e mães do livro recebem o mesmo nome – e apenas esses grafados com letras maiúsculas – foram traduzidos como “Mãe” e “Pai”, respectivamente, em caixa alta. A opção pela tradução pode demonstrar o intuito de manter o efeito de aproximação que parece ser conferido pelo texto fonte. O mesmo aconteceu com nome de santos, como *Our Lady of Sorrows*, traduzido como “Nossa Senhora das Dores” e *God*, traduzido como “Deus”.

A Pseudotradução <PT>, décima categoria mais presente no *corpus*, trata da adaptação dos nomes próprios da língua fonte à língua meta, de acordo com a

adaptação das categorias explicitada no Anexo A. Todas as ocorrências referiram-se ao termo *Nethers*, nome dos monstros imaginários enfrentados pelo personagem *Rob*. Nesse caso, o tradutor adaptou o vocábulo para “Íferos”, com significado relacionado, já que *Nether* significa *lower*, “aquele que fica abaixo”, segundo o Dicionário *Oxford Advanced Learners*, e “ífero” significa “inferior, que fica por baixo” de acordo com o Dicionário Aurélio.

Os Cognatos <CG> constituem a décima primeira categoria mais recorrente no *corpus*. Correspondem a reproduções como empréstimos e onomatopeias, segundo a adaptação das categorias contida no Anexo A. Exemplos de onomatopeias reproduzidas são *Wham* e *Blam*. Entretanto, a maioria das ocorrências manifesta-se no empréstimo de palavras consideradas de baixo calão, a saber, *Cunt* e *Kant*, que têm o mesmo significado e as quais não foram traduzidas, mas receberam explicação por meio de uma nota de rodapé inserida pelo tradutor, na qual se lê “termo vulgar e agressivo para vagina, serve também como xingamento dirigido a alguém desprezível” (SAUNDERS, 2014, p. 145). Esse tipo de interferência linguística relaciona-se a uma das causas de empréstimo apontadas por Weinreich (1970).

A décima segunda categoria mais contida no *corpus* é a Homonímia <HN>, ou seja, a substituição do anafórico pelo substantivo que esse retoma, de acordo com a adaptação das interferências linguísticas apontada no Anexo A. Algumas ocorrências dessa categoria são citadas no Exemplo 23:

Exemplo 23:

Texto fonte	Texto meta
<i>Who hencerforth would limp for the rest of its days</i>	E o bicho dali em diante mancava pelo resto dos seus dias
<i>The Nether appeared to be carrying her</i> (SAUNDERS, 2013)	O Ífero estava carregando a garota (SAUNDERS, 2014)

A décima terceira categoria mais recorrente, Transferência e Tradução <TT>, configura a presença, no mesmo sintagma, de vocábulos traduzidos e nomes próprios transferidos. Seguem alguns exemplos:

Exemplo 24:

Texto fonte	Texto meta
<i>The Dad and Kip in his head</i> (SAUNDERS, 2013)	O Pai e Kip dentro da sua cabeça (SAUNDERS, 2014)

No Exemplo 24, houve a tradução do artigo “o” do substantivo “Pai” e da conjunção “e”, porém foi feita a transferência de nome próprio *Kip*, mantendo a coerência com relação aos nomes próprios, mencionada anteriormente.

Exemplo 25:

Texto fonte	Texto meta
<i>The studio portrait of</i> HimMollyTommyJodi (SAUNDERS, 2013)	A foto de estúdio em que EleMollyTommyJodi posavam (SAUNDERS, 2014)

No SN apresentado no Exemplo 25 houve a tradução apenas do pronome *he* e a transferência de *Molly*, *Tommy* e *Jodi*. Tal opção parece reforçar as características afetivas. Ao grafar todos os nomes sem espaço, o autor parece retratar a união dos personagens Eber, a esposa, o filho e a filha, respectivamente. Com a manutenção de tal característica gráfica, o tradutor preservou o possível intuito do autor do conto. Essa categoria de interferência linguística, provavelmente, pode objetivar a preservação das referências culturais e linguísticas do texto fonte, como já mencionado.

Todas as ocorrências descritas nesta seção concernentes a nomes próprios e topônimos podem ser relacionadas ao gênero literário conto, o qual apresenta diversos personagens e lugares, e, no caso do *corpus* analisado, também diversas expressões e neologismos.

A categoria menos recorrente no *corpus*, ocupando a décima quarta posição, porém também encontrada nas análises, é a Transferência Direta <TD>. Trata-se da adaptação fonêmica de um vocábulo. Caracteriza-se pela ocorrência de onomatopeias traduzidas a fim de se assemelharem à palavra no texto fonte, por exemplo, o vocábulo *Wow*, traduzido como “uau”.

Na Figura 9 é apresentado um gráfico contendo as porcentagens referentes à quantificação total de cada categoria de interferência linguística acima relacionada. Das dezenove categorias de interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970) mais a Sobreposição de Categorias, apenas seis não se manifestaram no texto traduzido.

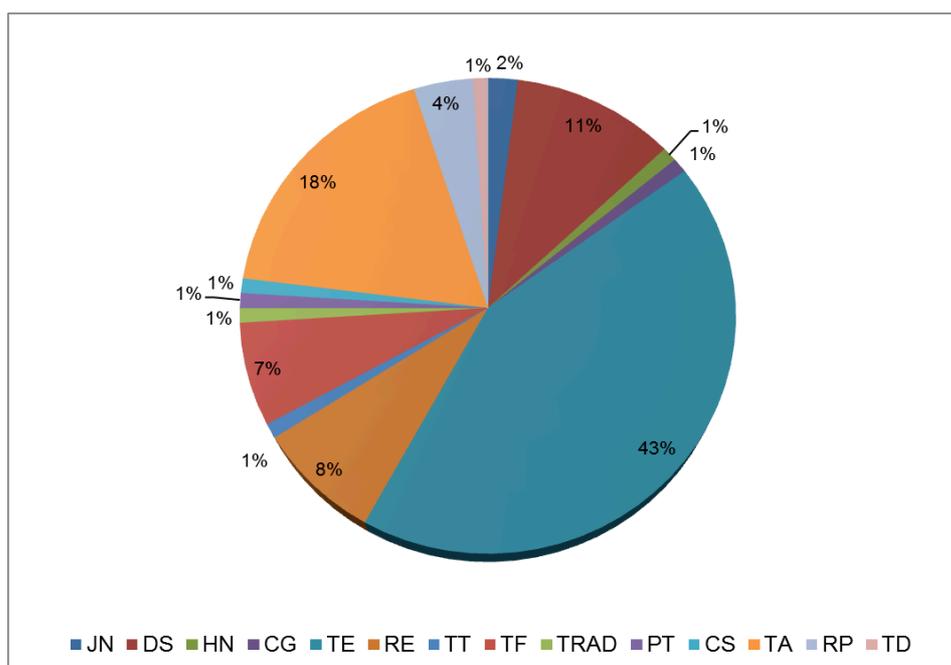


Figura 9: Gráfico com as porcentagens relativas às categorias de interferências linguísticas

Os resultados das análises corroboram o apontado por Weinreich (1970, p. 7), segundo o qual as interferências, isto é, os desvios da norma padrão de uma língua, são motivadas pelas similaridades existentes entre os idiomas. Ao considerarmos o inglês estadunidense e o português brasileiro, o distanciamento entre as formas linguísticas, tanto no que diz respeito à sintaxe quanto à morfologia e à fonologia, é elevado.

Portanto, são esperadas interferências menores da língua inglesa sobre a língua portuguesa em relação à forma lexical e ao significado semântico dos sintagmas nominais contidos na tradução, no que diz respeito ao desvio das normas padrão da língua portuguesa culta, assim como o ocorrido.

Grande parte das alterações, que não se constitui como interferências no sentido de desvio da norma culta, está relacionada a inserções ou alterações de preposições, artigos e conjunções, caracterizada pela categoria Transferência

Analisada (18%). Essas são referentes às questões sintáticas da língua. Desse modo, relaciona-se ao descrito por Almeida, segundo o qual “a adaptação de um termo estrangeiro ao sistema da língua de tradução obrigará o tradutor a ajustes ortográficos, morfológicos e sintáticos” (ALMEIDA, 2001, p. 109). Esse tipo de interferência demonstra a busca pela adequação à língua meta.

Outra interferência bastante recorrente refere-se à elipse do sujeito, também caracterizando uma adequação sintática à língua portuguesa, que permite – e algumas vezes até prefere – tal elisão, representada pela categoria Desuso (11%). Há ainda um elevado número de adaptações de expressões idiomáticas e inserções explicativas por parte do tradutor, como indica a categoria Rendição de Empréstimo (8%), bem como a ocorrência da inversão da ordem das palavras, segundo a categoria Transferência Analisada. Tais representações configuram a tentativa de adequar o texto à língua portuguesa brasileira, tornando-o mais natural na língua meta.

Pode ser menos esperado que, no caso de um conto traduzido, a categoria mais recorrente seja a Tradução de Empréstimo (43%), a qual é caracterizada pela reprodução palavra por palavra. Tal constatação pode indicar que o texto fonte e o texto meta têm certa aproximação em termos sintáticos e lexicais.

A pesquisa de Cintrão (2006) destaca que “quando a distância linguística é grande, os falantes tendem a descobrir a impossibilidade de valer-se de empréstimos, daí sua menor incidência neste caso e a conseqüente menor incidência de erros devidos a empréstimos inadequados.” (CINTRÃO, 2006, p. 73).

Essa afirmação é válida para o caso dos textos traduzidos, pois, segundo os dados obtidos, a maioria das ocorrências de empréstimos é relativa aos nomes próprios e topônimos. Os demais vocábulos foram traduzidos “literalmente” ou com pequenas modificações.

A presença de empréstimos representados principalmente pela categoria Transferência (7%), entretanto, aponta para o possível desejo de manutenção das referências culturais por parte do tradutor. Questões semânticas, como a reprodução dos nomes de ruas, pessoas e marcas permitem identificar o texto como uma produção traduzida. Além disso, questões pragmáticas, como a manutenção do cenário cheio de neve, apontam que a cena não se passa no Brasil, pois episódios climáticos cuja neve congela o lago não são comuns no país. Desse modo, parece

haver uma tentativa de aproximação entre as duas culturas ao serem apresentadas as características culturais do texto fonte aos leitores brasileiros.

As categorias Tradução Analisada, Desuso, Rendição de Empréstimo, Reprodução, Junção, Pseudotradução, Tradução e Homonímia parecem indicar a prevalência da interferência, no sentido amplo da palavra, na direção do português brasileiro, isto é, os sintagmas nominais classificados nessas categorias estão mais próximos da língua meta, uma vez que representam a adaptação sintática ou lexical a fim de tornar o texto traduzido mais adequado e natural à língua portuguesa do Brasil.

Já as categorias Tradução de Empréstimo, Transferência, Cognato e Transferência Direta parecem indicar uma maior interferência da língua fonte sobre o português brasileiro, pois se caracterizam como reproduções de nomes ou traduções literais, mantendo a mesma ordem sintática e a mesma característica lexical do texto fonte. A categoria Transferência e Tradução parece ocupar uma posição intermediária entre as duas línguas e culturas, já que apresenta vocábulos provenientes dos dois sistemas linguísticos no mesmo sintagma nominal.

Assim, considerando os resultados obtidos, pode-se afirmar que os tipos de interferência mais recorrentes, indicam a prevalência da interferência linguística – no sentido amplo da palavra, como explicitado anteriormente – na direção do inglês estadunidense, isto é, os sintagmas nominais com maior número de ocorrências no *corpus* estariam mais próximos da língua fonte. No entanto, a diferença em números percentuais se mostra pequena com relação às categorias mais aproximadas da língua meta, já que aquelas mais adjacentes ao inglês estadunidense somam juntas 52% e as mais próximas do português brasileiro totalizam 46%. Os demais 2% são atribuídos às categorias Transferência e Tradução, a qual apresenta neutralidade, e Categorias Sobrepostas, que é a junção de mais de uma das categorias acima relacionadas.

Desse modo, ao se compararem os números percentuais totais das interferências na direção da língua fonte e da interferência na direção da língua meta, é possível afirmar que há certa equivalência entre os sistemas linguísticos do inglês estadunidense e do português brasileiro no *corpus* analisado, uma vez que são mantidas as características sintáticas da língua fonte sem causar prejuízo às características lexicais e semânticas da língua meta.

4.2 Análise das modalidades de tradução

Após a classificação das modalidades tradutórias postuladas por Aubert (1998) e a posterior combinação dos arquivos XML e XSL, foi possível obter a quantificação das ocorrências presentes no *corpus*. Nesta seção, são discutidos alguns exemplos das categorias encontradas bem como são tecidas algumas considerações a respeito do distanciamento ou da aproximação entre o texto escrito em inglês estadunidense e o texto traduzido para o português brasileiro.

Na Tabela 2 encontram-se os números totais e percentuais de cada categoria de modalidade tradutória contida no texto traduzido. Aquelas que não tiveram ocorrência registrada não estão incluídas na tabela.

Tabela 2: Número total e percentual de manifestações das categorias de modalidades tradutórias

Categorias	Número de ocorrências	Porcentagens
Tradução Literal <TL>	928	43%
Transposição <TP>	602	28%
Implicitação <IM>	219	10%
Empréstimo 	157	7%
Modulação <MO>	72	3%
Adaptação <AD>	42	2%
Sobreposição de Categorias <SC>	35	2%
Explicitação <EX>	33	2%
Acréscimo <AC>	3	1%
Transcrição <TC>	2	1%
Omissão <OM>	1	1%

Segundo os números apresentados na Tabela 2, a categoria de modalidade tradutória mais recorrente no *corpus* é a Tradução Literal <TL>, que se configura como a tradução palavra por palavra, seguindo a mesma ordem sintática, apresentando a mesma classe gramatical, o mesmo número de vocábulos e sinônimos interlinguísticos.

A exemplo da categoria de interferência linguística Tradução de Empréstimo, tal fato está relacionado, em parte, à grande ocorrência de pronomes, comum a um texto literário narrativo, principalmente por se tratar de um texto fonte escrito em língua inglesa, a qual não permite a eliminação de pronomes pessoais (SWAN, 2009, p. 428). Como explicado na seção anterior, todos os pronomes foram isolados e computados, com exceção dos casos em que outro SN os acompanha.

De acordo com Gancho (2004, p. 15-16), não existe narrativa sem narrador, pois é ele quem estrutura a história. Sua função pode ser revelada por meio do foco narrativo ou do ponto de vista. Portanto, há dois tipos de narradores, que só podem ser identificados pelo pronome pessoal utilizado – a primeira e a terceira pessoas do singular. Os demais pronomes auxiliam na identificação dos personagens da história narrada (*op. cit.*).

A seguir, são apresentados alguns exemplos da referida modalidade:

Exemplo 1:

Texto fonte	Texto meta
<i>But wasn't this feeling of fear all heroes had to confront</i>	Mas aquela sensação de medo não era o que todos os heróis tinham que enfrentar
<i>Was maneuvering him into a maze of trees</i> (SAUNDERS, 2013)	Começou a conduzi-lo para dentro de um labirinto de árvores (SAUNDERS, 2014)

Nesses dois trechos do Exemplo 1 é observada a tradução contendo o mesmo número de palavras, na mesma ordem, com a mesma classe gramatical e com sinônimos interlinguísticos.

Exemplo 2:

Texto fonte	Texto meta
<i>They had a strange bond with him</i> (SAUNDERS, 2013)	Tinham um estranho vínculo com ele (SAUNDERS, 2014)

Assim como no Exemplo 1 é mantido o mesmo número de palavras, na mesma ordem, com a mesma classe gramatical. Entretanto, no Exemplo 2, percebe-se, que, mesmo não apresentando uma construção muito comum no português do Brasil, apesar de gramatical, o tradutor opta por manter o adjetivo anteposto ao substantivo, construção imperativa na língua inglesa.

Segundo Castilho (2014, p. 521), “dentro do sintagma nominal, o adjetivo também pode aparecer anteposto ao substantivo. Não se trata, pois, de uma ordem rígida, gramaticalmente fixa”. Tal colocação sugere um efeito semântico que não seria obtido caso o trecho fosse traduzido como “um vínculo estranho” o que denotaria uma relação incomum, esquisita, e não singular ou misteriosa, como parece ser o pretendido pelo texto fonte.

O número elevado de Tradução Literal, em um primeiro momento, pode parecer não esperado em um texto de literatura, como no gênero conto. Entretanto, pesquisas anteriores, como as de Camargo (1999) e Bastianetto (2002), já apontavam a Tradução Literal e a Transposição como uma das categorias mais utilizadas no caso de textos literários.

A segunda modalidade tradutória com maior número de ocorrências no *corpus* analisado é a Transposição <TP>, caracterizada por um rearranjo morfossintático do sintagma nominal, isto é, fusão de vocábulos, desmembramento de palavras, mudança da ordem sintática ou da categoria gramatical. Em seguida, são apresentados alguns exemplos:

Exemplo 3:

Texto fonte	Texto meta
<i>Jodi-Jode. Little freckle-face</i> (SAUNDERS, 2013)	<i>Jodi-Jode. Rostinho sardento.</i> (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 3 apresenta a fusão dos vocábulos *little* e *face* na palavra “rostinho”, uma vez que o diminutivo em português brasileiro é representado pelos sufixos “-inho/-inha”, como mencionado na seção anterior. Além disso, há a inversão da ordem dos vocábulos, devido à posição do adjetivo no referido SN, para adequá-lo à língua meta, já que não seria natural produzir “sardento rostinho” em português do Brasil.

Exemplo 4:

Texto fonte	Texto meta
<i>He heard her in the entryway</i> (SAUNDERS, 2013)	Ouviu-a na porta de entrada (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 4 apresenta a expansão do vocábulo *entryway* para “porta de entrada” que é um dos equivalentes no português brasileiro.

Exemplo 5:

Texto fonte	Texto meta
<i>He would just nurse their wounds</i> (SAUNDERS, 2013)	Ele simplesmente cuidava das feridas deles (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 5 demonstra a inversão da ordem das palavras, que pode ser imperativa do português brasileiro nesse caso, uma vez que o tradutor opta por traduzir *their* como “deles”. O referido adjetivo possessivo do inglês poderia ser traduzido como “suas” – “ele simplesmente cuidava das suas feridas”. No entanto, tal pronome possessivo pode se referir tanto à segunda quanto à terceira pessoas do singular e do plural, como discutido anteriormente, e até mesmo à você, senhor ou senhora. Nesse sentido, parece ter sido uma escolha de modo a não causar ambiguidade.

Exemplo 6:

Texto fonte	Texto meta
<i>Here was the old truck tire</i> (SAUNDERS, 2013)	Ali estava o velho pneu de caminhão (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 6 apresenta, além da inversão lexical, o acréscimo da preposição “de”. Em língua inglesa, os adjetivos precedem os substantivos, como mencionado anteriormente. No referido exemplo, não seria possível a construção *the old truck's*

tire, pois, desse modo estaria se referindo ao pneu de um caminhão específico, o que não é a questão. No português brasileiro, nesse caso, o especificador é posicionado após o substantivo, impondo o acréscimo da preposição, já que a construção “o velho caminhão pneu” não seria gramatical.

Exemplo 7:

Texto fonte	Texto meta
<i>A chance to say a proper good-bye</i>	Uma chance de dizer adeus
(SAUNDERS, 2013)	apropriadamente (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 7 ilustra a alteração da categoria gramatical do adjetivo *proper* para o advérbio de modo “apropriadamente”. Seria possível traduzir o SN como “um adeus apropriado”, nesse caso, “apropriado” seria um adjetivo, parecendo expressar uma forma de se despedir mais adequada à ocasião, talvez mais distante e fria. No entanto, parece que o sentido semântico pretendido ao utilizar o advérbio seria denotar uma despedida mais sentimental. Há, ainda, a elipse do artigo indefinido *a* no SN do texto meta devido à modificação gramatical, bem como a inversão da ordem vocabular.

Exemplo 8:

Texto fonte	Texto meta
<i>To repopulate their depleted numbers</i>	Para multiplicar sua população
(SAUNDERS, 2013)	depauperada (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 8 apresenta, além da inversão vocabular do substantivo e do adjetivo, com o intuito de tornar o SN mais natural na língua meta, a substituição do sinônimo interlinguístico de *numbers*, isto é, “número”, por “população”, provavelmente, com o objetivo de esclarecer a que números o texto se refere. Tal mudança não acarreta diferenciação significativa no conteúdo, entretanto, revela a interferência do tradutor para além de aspectos que são imperativos da língua meta.

A Implicação <IM>, ou seja, a ocultação no texto meta de vocábulos explícitos no texto fonte, configura-se como a terceira modalidade tradutória mais utilizada. Assim como a categoria de interferência linguística Desuso, o maior número de ocorrências se deve à elipse do sujeito no texto traduzido, já que, segundo Castilho (2014, p. 289), em português brasileiro o sintagma nominal representado por um pronome pode ser excluído. Assim como explicado anteriormente, essa opção não é própria da língua inglesa nas variantes cultas (SWAN, 2009, p. 428). Exemplos da referida categoria são expostos na sequência:

Exemplo 9:

Texto fonte	Texto meta
<i>We have your coordinates</i> (SAUNDERS, 2013)	Temos suas coordenadas (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 9 ilustra a elipse do sujeito *we*, que corresponde a “nós” no português do Brasil e está representado na designação número-pessoal expressa no verbo “temos”. Assim, não é realmente necessária a utilização do pronome, já que pode ser inferido pela desinência verbal.

Exemplo 10:

Texto fonte	Texto meta
<i>Good fellowship ahead</i> (SAUNDERS, 2013)	Companheirismo pela frente (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 10 demonstra a implicação do vocábulo *good*, o que parece não causar prejuízo à compreensão do texto traduzido, já que, em português brasileiro, *companheirismo* inclui a noção de algo bom.

O Empréstimo constitui-se como quarta categoria mais encontrada nas análises. A referida modalidade está relacionada à reprodução do vocábulo do texto fonte no texto meta, seja um nome próprio, seja um topônimo. Encontrado nos casos de onomatopeias como *Blam* e *Wham*; nomes próprios como *Suzanne*, *Allen* e *Molly* – que em português brasileiro, em princípio, não são grafados com duplo “n” ou

duplo “l” – além dos nomes *Geezmon*, *Kip*, *Jodi* e *Sasquatch* – não comuns à língua portuguesa do Brasil. Há ainda ocorrências de topônimos, tais como *Lexow Hill* e *Freno’s*. Também está computada a não tradução de palavras de baixo calão, como *Cunt* e *Kant*, as quais receberam uma nota explicativa, como apontado na seção anterior.

De acordo com Zavaglia (2006, p. 242), “do ponto de vista estilístico da relação entre línguas e tradução, o empréstimo aproximaria linguisticamente os textos por não requerer manipulações textuais por parte do tradutor”. Entretanto, segundo a autora, “do ponto de vista da relação entre tradução e cultura, no entanto, o empréstimo seria um indício distanciador, já que exotiza o texto traduzido” (*op. cit.*).

Segundo o tradutor do conto, José Geraldo Couto, a opção pela manutenção da palavra *cunt* deve-se ao intuito de preservar a homofonia com *Kant*, que está no texto original. Além disso, de acordo com ele, *cunt* pode ter uma dupla tradução, conforme explicitado na nota de pé de página, já que pode se referir à vagina em si, mas também ser usado como xingamento a uma pessoa, em geral a uma mulher. Nos dois casos, é um uso vulgar, obsceno e, no mais das vezes, sexista ou machista (comunicação pessoal)⁴.

A quinta categoria com maior número de ocorrências refere-se à Modulação <MO>, a qual se configura pela apresentação de formas parcialmente distintas e conteúdo com significado equivalente ou igual. No *corpus* analisado, está relacionada, em grande parte, às expressões idiomáticas traduzidas com sentido equivalente na língua meta. Alguns exemplos são apresentados na sequência:

Exemplo 11:

Texto fonte	Texto meta
<i>So she could make a big stink</i>	Para que ela pudesse fazer um longo sermão
<i>You have a big heart</i>	Você tem um bom coração
<i>Mom was a good egg</i>	A Mãe era gente boa
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

⁴ Informações fornecidas por José Geraldo Couto, via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

A tradução “literal” dos SNS contidos no Exemplo 11 seria “um grande fedor”, “um grande coração” e “um bom ovo”, respectivamente. Tais expressões não fariam sentido no português brasileiro se traduzidas de tal forma. O primeiro e o terceiro exemplos correspondem a expressões idiomáticas também na língua inglesa. Já no segundo exemplo, a modulação refere-se a uma escolha do tradutor, uma vez que a construção “você tem um grande coração” é comum e gramatical no português do Brasil, conotando o mesmo sentido de “um bom coração”.

A Adaptação <AD> ocorre quando há assimilação cultural com equivalência parcial de sentido. Corresponde à sexta categoria com maior número de ocorrências, devido, em grande parte, ao nome “Íferos” – adaptação do termo *Nethers*, como explicitado na seção anterior. Outros exemplos de assimilação com falsos cognatos culturais são apresentados a seguir:

Exemplo 12:

Texto fonte	Texto meta
<i>Duck thermometer read ten</i>	O termômetro de patinho marcava doze negativos
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 12 apresenta a temperatura na cultura estadunidense, calculada em graus Fahrenheit. Quando convertida para a escala de temperatura brasileira, correspondente a graus Celsius, é transformada em doze graus negativos.

Exemplo 13:

Texto fonte	Texto meta
<i>Eber would be a fox when he grew up</i>	Eber ia ser um gatão quando crescesse
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 13 apresenta a adaptação do animal *fox* pelo animal “gato”, já que, no Brasil, “raposa” tende a conotar esperteza e não beleza, como pretende o texto fonte. Assim, a adaptação para o animal escolhido pelo tradutor torna o termo mais adequado em termos semânticos.

Em sequência, a sétima modalidade mais recorrente é a Sobreposição de Categorias <SC>, caracterizada como a forma híbrida de representação das modalidades, *i.e.*, quando, no mesmo sintagma nominal, há a coocorrência de duas categorias simples.

A maior parte das ocorrências de tal modalidade refere-se à Transposição <TP> com Empréstimo , já que há um grande número de sintagmas que não apresentam a tradução com o mesmo número de palavras ou com a mesma ordem lexical e que contêm a manutenção do nome próprio ou topônimo em inglês. O Exemplo 14 ilustra a inversão vocabular <TP>, com o intuito de adequar o SN à língua meta, e a manutenção do nome *Gzeemon* <TF>:

Exemplo 14:

Texto fonte	Texto meta
<i>All would look at Gzeemon's butt</i>	O grupo como um todo olhava para a
(SAUNDERS, 2013)	bunda de Gzeemon
	(SAUNDERS, 2014)

Devido à assimilação cultural com equivalência parcial do nome *Nethers* ao substantivo “Íferos”, como já mencionado, o número de Transposição <TP> com Adaptação <AD> também é elevado. Um caso dessa Sobreposição de Categoria é ilustrado no Exemplo 15:

Exemplo 15:

Texto fonte	Texto meta
<i>Here the Nether's tracks departed from</i>	Ali as pegadas do Ífero se desviavam
<i>the path</i>	da trilha
(SAUNDERS, 2013)	(SAUNDERS, 2014)

O excerto supracitado ilustra a inversão de palavras <TP>, pelo mesmo motivo mencionado anteriormente, seguida da adaptação <AD> do vocábulo “Íferos”.

Há também ocorrências de Transposição <TP> com Explicitação <EX>, como demonstrado no Exemplo 16:

Exemplo 16:

Texto fonte	Texto meta
<i>It was due to Prominent Windspeed Velocity</i> (SAUNDERS, 2013)	Se devia à Sensação Térmica de uma Notável Velocidade do Vento (SAUNDERS, 2014)

O trecho exemplifica a inversão lexical <TP> com o acréscimo da preposição “de” contraída ao artigo definido “o”, imperativa do português brasileiro neste caso – “notável velocidade do vento”. Segue-se ainda a explicitação <EX> de uma informação implícita no texto fonte (“sensação térmica”), o que também ocasiona o acréscimo da preposição “de” e do artigo indefinido “uma” <TP>, a fim de tornar o SN uma produção natural no português brasileiro. Tudo isso promove também a alteração do número de palavras <TP>.

Ainda são registrados casos de Transposição <TP> com Modulação <MO>, como pode ser conferido no Exemplo 17:

Exemplo 17:

Texto fonte	Texto meta
<i>Did you, dear doctor/savior/lifeline, just say that?</i> (SAUNDERS, 2013)	E Eber tinha pensado: Querido doutor/salvador/estrela-guia , o senhor acabou de dizer isso? (SAUNDERS, 2014)

O sintagma acima retrata o desmembramento <TP> do vocábulo *lifeline*, que “literalmente” significaria “linha da vida”, para estrela-guia devido à modulação <MO> do referido termo, que se refere a uma expressão equivalente na língua fonte.

Diante desses dados é possível perceber que a modalidade Transposição costuma ocorrer de maneira híbrida. Se fosse computada somente como categoria isolada, apresentaria um número ainda mais expressivo.

Ainda são registrados casos de Tradução Literal <TL> com Empréstimo , quando o sintagma contém o mesmo número de palavras, nas mesmas ordem e classe gramatical, contendo sinônimos interlinguísticos, juntamente com a manutenção de nomes próprios ou topônimos em inglês, como no Exemplo 18:

Exemplo 18:

Texto fonte	Texto meta
<i>The Dad and Kip in his head</i> (SAUNDERS, 2013)	O Pai e Kip dentro da sua cabeça (SAUNDERS, 2014)

A oitava modalidade de tradução com maior número de ocorrências refere-se à Explicitação <EX>, ou seja, a elucidação de termos implícitos no texto fonte. Exemplos são apresentados a seguir:

Exemplo 19:

Texto fonte	Texto meta
<i>A P.O.W. abandoned at the barbed wire</i> (SAUNDERS, 2013)	Um prisioneiro de guerra abandonado perto da cerca de arame farpado (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 19 explicita a abreviação *P.O.W.* (*prisoner of war*) que não faria sentido aos leitores brasileiros se fosse mantida, já que não corresponde às iniciais do termo traduzido referente “prisioneiro de guerra”.

Exemplo 20:

Texto fonte	Texto meta
<i>Wearing those crazy aviators</i> (SAUNDERS, 2013)	Com aqueles óculos escuros malucos de aviador (SAUNDERS, 2014)

O Exemplo 20 elucida a informação implícita “óculos escuros”, a qual pode ser inferida no texto fonte. Entretanto, se tal informação não fosse acrescentada e o trecho fosse traduzido como Tradução Literal “aqueles malucos aviadores” teria um sentido totalmente distinto daquele do texto fonte, pois pareceria se referir aos profissionais de aviação.

A nona categoria mais representativa no *corpus* refere-se ao Acréscimo <AC>, caracterizado pela inserção de vocábulos com conteúdo não implícito por parte do tradutor, com intuito explicativo ou não. Um caso de adição foi a nota do tradutor referente ao vocábulo *Kunt*, mencionada anteriormente. Outra ocorrência é demonstrada no Exemplo 21:

Exemplo 21:

Texto fonte	Texto meta
The new girl in homeroom (SAUNDERS, 2013)	Sua nova colega de grupo na escola (SAUNDERS, 2014)

O excerto supracitado demonstra a inserção de uma informação não contida no texto fonte. O autor do conto apenas afirma que Suzanne é “a nova garota na sala de aula” e o tradutor opta por traduzir esse SN afirmando que ela e Robin são colegas de grupo, o que não pode ser inferido a partir do texto fonte.

A Transcrição <TC> constitui-se como a décima modalidade mais recorrente. Caracteriza-se pelo uso de expressões emprestadas de uma terceira língua, como no caso dos topônimos *El Ciro*, proveniente do espanhol, e *Santa Fé*, que, apesar de ser grafado como no português brasileiro, no conto analisado, refere-se a um vocábulo da língua espanhola.

Outra categoria presente no *corpus*, mas com apenas uma ocorrência, é a Omissão <OM>, a qual trata da eliminação de uma informação presente no texto fonte que não pode ser recuperada no texto meta, como apontado no Exemplo 22:

Exemplo 22:

Texto fonte	Texto meta
Were three beer cans and a wadded-up blanket (SAUNDERS, 2013)	Havia três latas de cerveja e um edredom (SAUNDERS, 2014)

Esse SN demonstra a omissão do termo *wadded-up*. Assim, no trecho em português brasileiro não é possível obter a informação sobre a forma como o edredom estava disposto dentro do pneu de caminhão, “enrolado”.

Na Figura 10 é apresentado o gráfico contendo as porcentagens relativas à quantificação total de cada categoria de modalidade de tradução. Das treze categorias propostas por Aubert (1998), mais aquela que foi desmembrada (Implicitação) e a Sobreposição de Categorias, apenas quatro não foram registradas.

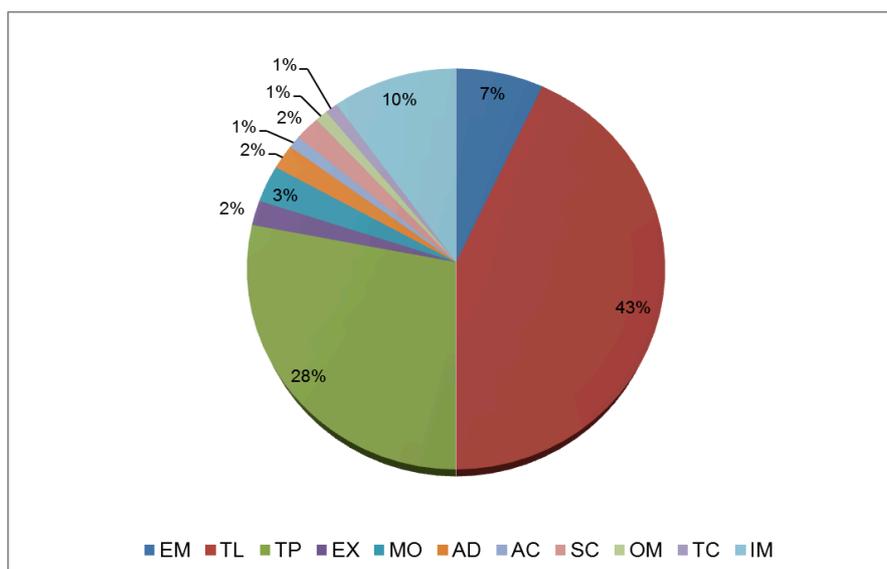


Figura 10: Gráfico com as porcentagens relativas às categorias de modalidades de tradução

Os resultados obtidos corroboram as constatações da pesquisa de Bastianetto (2002) com relação aos neologismos na tradução literária, a qual aponta maior uso das modalidades Tradução Literal – a mais recorrente nesta investigação – Transposição – segunda categoria mais representativa no *corpus* – e Modulação – quinta modalidade mais encontrada no texto traduzido. No entanto, estudos

relacionados especificamente aos marcadores culturais apontam as modalidades Modulação, Explicação, Empréstimo e Adaptação como as mais recorrentes (MARTINS e CAMARGO, 2008; AUBERT, 2003).

As categorias mais representativas estão em uma posição intermediária com relação à aproximação ou ao distanciamento dos textos fonte e meta. Em uma escala de um a treze (Aubert, 1998)⁵, a Tradução Literal e a Transposição encontram-se na quinta e na sexta posição, respectivamente. A Implicação ocupa o sétimo lugar e o Empréstimo, o terceiro lugar na escala.

A Modulação e a Adaptação são classificadas em nono e décimo lugar, respectivamente, e a Explicação ocupa a oitava posição. O Acréscimo é a modalidade tradutória que representa maior distanciamento do texto fonte, estando na última colocação. Já a Transcrição e a Omissão apresentam a maior proximidade do texto fonte, ocupando a segunda e a primeira classificações, respectivamente.

Nesse sentido, é possível afirmar que o *corpus* analisado sob a perspectiva dos SNs apresenta certa equivalência entre os textos, já que as duas categorias mais recorrentes – Tradução Literal e Transposição – somam juntas 71% do total de ocorrências e ocupam posições intermediárias na escala mencionada, não estando nem mais próximas do texto fonte nem do texto meta, embora sejam classificadas como Tradução Direta por Aubert (1998, p. 110), isto é, opções de tradução menos distantes do texto fonte.

O fato de a modalidade Tradução Literal ser a que apresenta maior número de ocorrências poderia parecer pouco provável, por se tratar de um texto literário, em especial, no caso do conto analisado, o qual possui grande número de neologismos e expressões idiomáticas. Tal resultado talvez fosse esperado no caso da tradução de textos técnicos. Entretanto, a comprovação numérica (43%) do grande uso dessa categoria pode indicar uma tendência à aproximação sintática entre ambos, sem, contudo, tornar o texto menos natural na língua meta.

No entanto, é importante registrar a busca do tradutor pela adequação dos sintagmas nominais à língua meta, já que a segunda modalidade mais recorrente (28%) é a Transposição, que se configura como um rearranjo morfossintático. A necessidade de realizar essas adaptações sintáticas demonstra a diferenciação entre o par linguístico que é objeto de estudo desta dissertação.

⁵ Cf. Anexo B.

O uso da modalidade Empréstimo – quarta mais recorrente (7%) – no que se refere a nomes e topônimos permite identificar a obra como uma tradução, proveniente de uma cultura distinta, qual seja, a estadunidense, denotando uma maior aproximação do texto traduzido ao texto fonte. Entretanto, ao se comparar com as ocorrências de Tradução Literal e Transposição, o número percentual de Empréstimos se mostra pouco expressivo.

Assim, parece haver uma busca pela adequação e pela equivalência dos textos, das línguas e das culturas fonte e meta por parte do tradutor. Como ele mesmo afirmou em comunicação pessoal, sua agenda seguiu duas vertentes, isto é, a tentativa de se aproximar mais da cultura estadunidense em que estão envolvidos os narradores e personagens do livro, e a busca pela sua correspondência no sistema linguístico-cultural brasileiro⁶. De acordo com os resultados obtidos, parece ter sido esse o efeito no texto traduzido.

4.3. Relações entre as interferências linguísticas e as modalidades tradutórias

Após a análise dos resultados obtidos, em termos qualitativos e quantitativos, parece ser possível traçar um paralelo entre a proximidade do texto traduzido e as ocorrências de interferências linguísticas.

Segundo o apontado em números percentuais, o conto traduzido está mais próximo do texto fonte, já que as duas modalidades mais recorrentes – Tradução Literal e Transposição – são classificadas como Tradução Direta (AUBERT, 1998). Portanto, parece haver uma relação coerente com as categorias de interferências linguísticas, pois a maioria das interferências demonstra ser direcionada ao inglês estadunidense, isto é, influenciada pela língua fonte, como mencionado na seção 4.1.

Do mesmo modo, como o texto traduzido encontra-se mais distante do texto meta – segundo a quantificação das categorias analisadas – as interferências no sentido de desvios da norma culta do português brasileiro não foram detectadas no *corpus*, pois essas são motivadas pela similaridade entre as línguas, segundo Weinreich (1970, p. 7).

⁶ Informações fornecidas por José Geraldo Couto, via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

Ao serem comparados com relação à diferenciação percentual entre as categorias de interferências linguísticas mais próximas da língua fonte e as mais próximas da língua meta, os resultados apontam, entretanto, para uma certa equivalência entre o par linguístico investigado. O mesmo ocorre com a comparação em termos de colocação na escala proposta por Aubert (1998), permitindo inferir que os textos fonte e meta têm certa equivalência na busca pela adequação sintática e cultural entre ambos, como discutido anteriormente. Os resultados qualitativos corroboram essa hipótese.

José Geraldo Couto, o tradutor do conto, afirma, em comunicação pessoal, que as diferenças entre o inglês e o português são grandes, sobretudo nos tempos verbais, nas conjugações, nas diferenças de gênero. No entanto, segundo ele, há semelhanças no que se refere à estrutura geral das orações⁷. Tal declaração parece confirmar a equivalência entre os sistemas linguísticos e os textos fonte e meta.

Assim, a partir das investigações realizadas, parece ser possível traçar um paralelo entre as ocorrências das interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970) e das modalidades tradutórias (AUBERT, 1998) manifestadas no *corpus*. Esse entrelaçamento proporciona tecer uma ligação entre a área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, e a área multidisciplinar do conhecimento, Estudos da Tradução.

Por meio da comparação entre as descrições das interferências linguísticas e das definições das modalidades tradutórias, baseando-se nos dados encontrados na pesquisa, pode-se afirmar que há uma relação entre as seguintes categorias expressa na Tabela 3.

É possível constatar que os números percentuais das categorias de interferências linguísticas e os das categorias de modalidades de tradução são correspondentes, em geral, na sua totalidade, já que algumas modalidades tradutórias correspondem a mais de uma categoria de interferência linguística. Além disso, a direção das interferências linguísticas também são correspondentes, em quase todos os casos, com a aproximação das modalidades de tradução em relação ao texto. Tais fatos parecem reafirmar os paralelismos existentes entre as categorias contidas no *corpus* analisado nesta dissertação.

⁷ Informações fornecidas por José Geraldo Couto, via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

Tabela 3: Relação entre as categorias de interferências linguísticas e as de modalidades tradutórias

Categorias de interferências linguísticas	Categorias de modalidades de tradução
Tradução Direta (LF ⁸ – 1%)	Transcrição (TF ⁹ – 1%)
Cognato (LF – 1%)	Empréstimo (TF – 7%)
Tradução de Empréstimo (LF – 43%)	Tradução Literal (TF – 43%)
Transferência (LF – 7%)	Empréstimo (TF – 7%)
Junção (LM – 2%)	Transposição (TF/TM – 28%)
Desuso (LM – 11%)	Implicitação (TM – 10%)/Omissão (TF – 1%)
Homonímia (LM – 1%)	Explicitação (TM – 2%)
Transferência Analisada (LM – 18%)	Transposição (TF/TM – 28%)
Reprodução (LM – 4%)	Transposição (TF/TM – 28%)
Rendição de Empréstimo (LM – 8%)	Modulação (TM – 3%)
Tradução (LM – 1%)	Tradução Literal (TF – 43%)
Pseudotradução (LM – 1%)	Adaptação (TM – 2%)
Transferência e Tradução (1%)	Sobreposição de Categorias (2%)

⁸ LF, na tabela acima, corresponde à língua fonte, isto é, ao inglês estadunidense. LM, por outro lado, corresponde à língua meta, ou seja, ao português brasileiro.

⁹ Na Tabela 3, TF refere-se ao texto fonte e TM ao texto meta.

5 Conclusões

De acordo com a Tabela 1, apresentada na seção 4.1, é possível constatar que as categorias de interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970) com maior número de ocorrências foram: Tradução de Empréstimo, Transferência Analisada, Desuso, Rendição de Empréstimo, Transferência, Reprodução, Junção, Tradução, Pseudotradução, Cognato, Homonímia, Transferência e Tradução, e Tradução Direta, respectivamente. As categorias Ajuste, Polissemia, Criação de Empréstimo, Tradução e Reprodução, Tradução e Reprodução Simultânea, e Hibridismo não tiveram manifestações registradas. A Categoria Sobreposta, criada com o intuito de relacionar casos de coocorrências das categorias acima listadas, ocupou a oitava posição dentre aquelas encontradas no *corpus*.

As categorias Tradução de Empréstimo, Transferência, Cognato e Tradução Direta configurariam interferências da língua fonte sobre a língua meta, uma vez que apresentam a reprodução de nomes, topônimos, onomatopeias, ou a manutenção da ordem das palavras e seus sinônimos interlinguísticos. Já as categorias Transferência Analisada, Desuso, Rendição de Empréstimo, Reprodução, Junção, Tradução, Pseudotradução e Homonímia parecem estar relacionadas à interferência da língua materna sobre a língua fonte, já que apresentam a adequação do SN à sintaxe e à gramática da língua portuguesa ou a adaptação dos sintagmas às questões linguístico-culturais do texto meta. A categoria Transferência e Tradução parece ser neutra, nesse sentido, já que apresenta vocábulos das duas línguas no mesmo sintagma nominal.

De acordo com os resultados obtidos, portanto, pode-se afirmar que as categorias mais recorrentes indicam a prevalência da interferência linguística – no sentido amplo da palavra – na direção do inglês estadunidense. Entretanto, a diferenciação em números percentuais se mostra pequena com relação às categorias de interferências linguísticas mais próximas da língua meta. Assim, comparando-se os números percentuais totais, pode-se afirmar que há certa equivalência entre os sistemas linguísticos do inglês estadunidense e do português brasileiro no *corpus* analisado nesta dissertação.

Desse modo, são corroboradas duas hipóteses de pesquisa apresentadas, já que por serem sintática e morfologicamente distantes, eram esperadas poucas interferências, no sentido de desvio padrão da norma culta da língua, de um idioma sobre o outro. Entretanto, houve a adequação dos SNs às questões linguístico-culturais, buscando mais aceitabilidade e adequabilidade à cultura meta.

Com relação às modalidades de tradução, segundo os resultados apontados na Tabela 2, aquelas que se manifestaram de forma mais recorrente no *corpus* analisado foram: Tradução Literal, Transposição, Implicitação, Empréstimo, Modulação, Adaptação, Sobreposição de Categorias, Explicitação, Acréscimo, Transcrição e Omissão, respectivamente. As modalidades Decalque, Tradução Intersemiótica, Erro e Correção não tiveram manifestações registradas.

Portanto, contrariando o que poderia ser pressuposto no caso de um texto literário do gênero conto, grande parte das ocorrências de modalidades tradutórias manifestadas – Tradução Literal e Transposição – são classificadas como Tradução Direta (AUBERT, 1998), apesar de se encontrarem em uma posição intermediária na escala de um a treze (*id.*, 1998) – isto é, na quinta e na sexta posições, respectivamente – indicando certa equivalência entre os textos fonte e meta.

Os resultados contrariam uma das hipóteses levantadas no início da pesquisa, já que era esperado o maior número de ocorrências das categorias Transposição, Modulação, Adaptação e Empréstimo, uma vez que o conto analisado é rico em expressões idiomáticas e referências culturais. Porém, foi demonstrado que as categorias Tradução Literal, Transposição, Implicitação e Empréstimo se configuram como as quatro mais recorrentes no *corpus*.

Tais constatações permitem traçar um paralelo entre a proximidade do texto traduzido ao texto fonte e a ocorrência das interferências linguísticas, pois grande parte delas estaria direcionada ao inglês estadunidense. Consequentemente, por estarem mais distante do texto meta, as interferências que se configuram como desvios da norma padrão da língua culta, motivadas pelas semelhanças entre os idiomas, não estão contidas no *corpus*.

A partir das investigações realizadas, parece ser possível traçar um paralelo entre as ocorrências das interferências linguísticas baseadas em Weinreich (1970) e das modalidades tradutórias (AUBERT, 1998) que tiveram manifestações no *corpus* analisado, como pode ser constatado na Tabela 3.

As relações referentes às interferências linguísticas e às modalidades de tradução proporcionam a esta dissertação tecer vínculos entre a área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, e a área multidisciplinar do conhecimento, Estudos da Tradução, que embora pareçam ser pouco estudadas em conjunto academicamente, têm uma ligação evidente e, por meio da investigação realizada, comprovada científica e metodologicamente.

Referências

ALFARO, C.; FREIRE, J. R. B. Bilinguismo, identidade e poesia. **Revista Abehache**, ano 2, n. 2, p. 65-88, 2012.

ALMEIDA, J. M. P. D. **A Transferência Linguística e a Tradução**: barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa(?). 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade do Porto, Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13030/2/3543TM01PJOSEALMEIDA000069253.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. 3, n. 1, p. 83-93, 2004.

ALVES, F. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (ed.). **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000. p. 113-128.

ANGELIS, G. de; DEWAELE, J-M. **New Trends in Crosslinguistic Influence and Multilingualism Research**. Bristol: Multilingual Matters. 2011. 128 p.

ARROJO, R. (org.). **O Signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 2003. 121p.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultado. **Tradterm**, v. 1, n. 5, p. 99-128, 1998.

AUBERT, F. H. Traduzindo as diferenças extralinguísticas: procedimentos e condicionantes. **Tradterm**, n. 9, p. 151-172, 2003.

BAKKER, P.; MATRAS, Y (ed.). **Contact Languages: A Comprehensive Guide**. Mouton: De Gruyter, 2013. 441 p.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2004. 128 p.

BASTIANETTO, P. C. J. P. Vinay; J. Dalbernet: Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction. In: VIEIRA, E. R. P (org.) **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 13-41.

BASTIANETTO, P. C. Reflexões acerca de uma composição de modalidades tradutórias para verter neologismos: literaridade com criação lexical. **TradTerm**, n. 8, p. 99-120, 2002.

BATALHA, M. C.; PONTES, G. Jr. **Tradução**. Petrópolis: Vozes, 2007. 120 p.

BELL, R. T. **Translation and Translating: Theory and Practice**. Essex: Longman, 1993. 298p.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961. 564 p.

BOYD, S. L. **Contact and context: Studies in language contact and literary strata in the Hebrew Bible**. 2014, 502 f. Dissertation (PhD in Linguistics) – The University of Chicago. Chicago. 2014.

BRITTO, P. H. Entrevista. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (org.). **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 89-98.

CALVET, J. L. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007. 166 p.

CAMARGO, D. C. de. As modalidades de tradução e o texto literário. **Tradterm**, n. 3, p. 27-33, 1999.

CARDOZO, M. M. Tradução, apropriação e o desafio ético da relação. In: OLIVEIRA, M. C. C. de; LAGE, V. L. C. **Literatura, crítica, cultura I**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008. p. 179-190.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. 768 p.

CATFORD, J. C. **Uma Teoria Linguística da Tradução: um ensaio de linguística aplicada**. Trad. Centro de especialização de tradutores de inglês da PUC-Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980. 123 p.

CHARDENET, P. Interlinguismo de alternância e interlinguismo simultâneo em trocas plurilíngues: por uma análise de um entre-os-sistemas. In: GIERING, M. E.; TEIXEIRA, M. **Investigando a linguagem em uso**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 78-105.

CINTRÃO, H. P. Competência tradutória, línguas próximas, interferência: efeitos hipnóticos em tradução direta. **TradTerm**, n. 12, p. 69-104, 2006.

COMPANHIA das Letras. **Tradutor**: José Geraldo Couto. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13544>>. Acesso em: 17 out. 2014.

CORRÊA, R. H. M. A. A tradução dos marcadores culturais extralinguísticos. **Tradterm**, n. 9, p. 151-172, 2003.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009. 192 p.

COUTO, J.G. Entrevista. In: FARIAS, A. C. et al. Entrevista a José Geraldo Couto. **Revista In-Traduções**, Santa Catarina, v. 3, n. 5, p. 199-207, 2011.

COWLES, G. 'Tenth of December' by George Saunders. **The New York Times**, New York, 1 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/02/03/books/review/tenth-of-december-by-george-saunders.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 17 out. 2014.

DAHLET, P. Línguas distintas e linguagem mútua. In: PRADO, C.; CUNHA, J. C. (org.). **Língua materna e língua estrangeira na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 33-54.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007. 458 p.

FARIAS, A. C. et al. Entrevista a José Geraldo Couto. **Revista In-Traduções**, Santa Catarina, v. 3, n. 5, p. 199-207, 2011.

FERREIRA, A. A. **Direcionalidade em tradução**: o papel da subcompetência bilíngue em tarefas de tradução L1 e L2. 2013.167 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, n. 19, p. 23-40, 2009.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Série Princípios, 2004. 43 p.

GOROVITZ, S. A tradução como contato de língua. **Revista Traduzires**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 74-85, 2012.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Trad. Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**, Goiás, ano X, n. 5, p. 163-176, 2008.

GROSJEAN, F. **Life With Two Languages**: An Introduction to Bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982. 370 p.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London and USA: Edward Arnold. 1985. 387 p.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. USA and Canada: Routledge (4th ed. – 1st ed. 1985). 2014. 808 p.

HAMERS J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. New York: Cambridge University Press, 1990. 324 p.

HAMERS J. F.; BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Québec and London: Cambridge University Press. 2nd ed. 2004. 468 p.

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced Learner's of Current English Dictionary**. 7th ed. New York: Oxford, 2010.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 16 ed. [1a. ed. 1974]. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999. 162 p.

LÖRSCHER, W. Bilingualism and Translation Competence: a Research Project and its Firsts Results. **Journal of Professional Communication**, n. 27, p. 3-15, 2012.

LOVELL, J. George Saunders Has Written the Best Book You'll Read This Year. **The New York Times**, New York, 3 jan. 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/01/06/magazine/george-saunders-just-wrote-the-best-book-youll-read-this-year.html?pagewanted=all&_r=1&.>. Acesso em: 17 out. 2014.

MARTINET, A. Preface. In: WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. 7^a. ed. Mouton: Den Haag, 1970, p. xii - ix.

MARTINS, E. V.; CAMARGO, C.C. A tradução de marcadores culturais em Sargento Getúlio à luz da linguística de *corpus*. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 118-132, 2008.

MCCLEARY, L. **Curso de licenciatura em Letras – Libras: Sociolinguística**. (apostila) Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. 58p. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MELLO, H. A. B. de. Examinando a relação L1-L2 na pedagogia de ensino de ESL. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 161-184, 2005.

MELLO, H. A. B. de. Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngue da zona rural de Goiás. **Revista Linguagem e Ensino**, v. 4, n. 2, p. 61-92, 2001.

MONTEIRO, J. L. Influências e domínio de uma língua sobre outra(s). **Matraga**, v.17, n.26, p. 58-71, 2010.

MOZZILLO, I., BERNARDI, P. Portugais et Français en contact en classe: l'interlangue à l'écrit. In: XIII Congrès National des Professeurs de Français, 2015, Buenos Aires. **Actes du XIII Congrès National des Professeurs de Français**. Buenos Aires: Editores Asociados, 2015. p. 125-135.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. USA and Canada: Routledge, 2012. 364 p.

NIDA, E. Principles of Correspondence. In: VENUTI, L; BAKER M. (ed.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge. 2004. p. 126-140

NOBRE, N. M. A legendagem no Brasil: interferências linguísticas e culturais nas escolhas tradutórias e o uso de legendas em aulas de língua estrangeira. **Revista Letras Escreve**, v.1, n.1, p. 91-108, 2011.

ODLIN, T. Cross-linguistic Influence. In: DOUGHTY C. J.; LONG, M. H. (org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Oxford: Blackwell Publishing. 2005. p. 333-369.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, M. (org.). **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis, SC: Insular, p. 100-112, 2000.

OTTONI, P. **Tradução manifesta: double bind** e acontecimento. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005. 198 p.

PAULASTO, H; MERILÄINEN, L.; RIIONHEIMO, H.; KOK, M. **Language Contacts at the Crossroads of Disciplines**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2014. 415 p.

POPLACK, S. The sociolinguistic dynamics of apparent convergence. In: GUY, G. R. (ed.). **Towards a Social Science of Language: Papers in Honor of William Labov**, (v. 2): Social Interaction and Discourse Structures. Amsterdam: John Benjamins, p. 285-309. 1997.

REVISTA VEJA. Dez de Dezembro. **Revista Veja**, 22 mai. 2014. Livros. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/imperdivel/livros/dez-de-dezembro/>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

RODDY, M. George Saunders ganha o prêmio Folio. **Exame.com**, 10 mar 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/americano-de-contos-ganha-o-premio-folio>>. Acesso em: 17 out. 2014.

RODRIGUES, R. R. **Tradução e apresentação do discurso: um estudo de Bliss**, de Katherine Mansfield. 2010. 226 f. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANKOFF, G. Multilingualism in Papua New Guinea. In: SANKOFF, G. **The Social Life of Language**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 95-132, 1980.

SAUNDERS, G. George Saunders. **About**. Disponível em: <<http://www.georgesaundersbooks.com/about/>>. Acesso em: 17 out. 2014.

SAUNDERS, G. **Dez de Dezembro**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 240 p.

SAUNDERS, G. **Tenth of December**. New York: Random House, 2013. 251 p.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, n. 3, p. 209-231, 1972.

SIEMUND, P.; KINTANA, N. **Language Contact and Contact Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2008. 341 p.

SOBRAL, A. Posfácio. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (org.). **Conversas com tradutores**: balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 201-214.

SWAN, M. **Practical English Usage**. 3rd. ed. Oxford and New York: Oxford, 2009. 634 p.

TYMOCZKO, M. **Enlarging Translation, Empowering Translators**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007. 353 p.

UCHÔA, L. M. V. A interferência da língua materna na competência comunicativa em francês língua estrangeira. In: MATTOS, M; THEOBALD, P. (org.). **Ensino de línguas**: questões práticas e teóricas. Fortaleza: UFC, 2008. p. 173-198.

VENTURI, M. A. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. In: DEL RÉ, A. **A aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006. p. 113-134.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London: Routledge, 1995. 353 p.

VENUTI, L; BAKER M. (ed.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2004. 524 p.

VIEIRA, J. R.; MOURA, H. M. de M. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, M. (org.). **O direito à fala**: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis, SC: Insular, 2000. p. 113-127.

VINAY, J. P. DARBELNET, J. A Methodology for Translation. In: VENUTI, L.; BAKER, M (ed.). **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2004. p. 84-93.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Findings and Problems**. 7^a. ed. Mouton: Den Haag, 1970. 149 p.

WOLF, D. Tenth of December by George Saunders – review. **The Guardian**. London, 6 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2013/jan/06/tenth-december-george-saunders-review>>. Acesso em 17 out. 2014.

ZAVAGLIA, A. A relação entre modalidades, línguas e cultura na versão de Macunaíma para o francês. **Tradterm**, n. 12, p. 229-245, 2006.

Anexos

Anexo A

Categorias de interferências linguísticas

(baseadas em Weinreich, 1970, p. 47-53)¹

Vocábulos Simples:

- Transferência Direta: o termo fica fonemicamente parecido com a palavra na língua meta (ex: *azzoraitti* em ítalo-americano para *that's all right* – “está tudo bem”) → <TD> </TD>.
- Ajuste: define a concordância com o sistema da língua estrangeira. Assim, a palavra adquire outras significações por causa da língua fonte (ex: *tahym* significava “nível” apenas quando se tratava de água em yakut e após a introdução do vocábulo russo *úvoren* está relacionado a qualquer tipo de nível) → <AJ> </AJ>.
- Junção: dois vocábulos da mesma língua se transformam em um, seguindo o modelo da língua fonte (ex: X e Y → Z – os semantemas ídiches para “ponte” e “chão” foram fundidos com *brik* aos moldes do bielorusso *most*, passando a expressar o conteúdo combinado. Como consequência, o primeiro vocábulo foi descartado) → <JN> </JN>.
- *Desuso: a significação anterior de palavras homófonas deixa de existir (ex: *fattoria* em italiano significava “fazenda”, atualmente, significa apenas “fábrica”) → <DS> </DS>.
- *Homonímia: quando há lacuna semântica nos semantemas homófonos, isto é, uma palavra passa a designar dois objetos distintos (ex: “manga da camisa”/ “manga fruta”) → <HN> </HN>.

¹ Com exceção dos exemplos de Homonímia, de Polissemia e de Transferência Analisada, bem como os das categorias adaptadas, todos os exemplos de interferências linguísticas foram retirados de Weinreich (1970, p. 47–53). Para obter exemplos em português, cf. 2.3.1 (p. 49-52).

- Polissemia: extensão gradual do significado, ou seja, uma palavra passa a ter múltiplos sentidos (“romper com alguém”/ “romper o silêncio” / “romper o selo”) → <PL> </PL>.
- *Cognato: uso de uma palavra na língua meta com a mesma raiz da língua fonte, sem mudança de significado (ex: *Europa*, do espanhol, passou a ser *Uropa* em Tampa, na Flórida) → <CG> </CG>.

Vocábulos Compostos:

- Transferência Analisada: elementos do composto ou frase são adaptados aos padrões de formação de palavras ou às regras sintáticas da língua meta (*taxi driver* traduzida como “motorista de táxi”) → <TA> </TA>.
- Reprodução: recomposição de elementos segundo as regras da língua destinatária (*conscientious objectors* foi tomado como empréstimo pelos falantes de espanhol da Flórida como *objetores conscientes* – “objetores de consciência”) → <RP> </RP>.
- Tradução de Empréstimo: reprodução palavra por palavra (ex: “estar direito” para *to be right*) → <TE> </TE>.
- *Rendição de Empréstimo: ocorre quando o composto fornece apenas indícios do empréstimo para a reprodução (ex: alemão *halb-insel* = “meio-ilha” baseado no latim *paen insula* = “quase ilha”) → <RE> </RE>.
- Criação de Empréstimo: geração de palavras novas na língua meta para atender uma designação disponível anteriormente apenas na língua fonte (ex: palavra ídiche *mitkind* estimulada por *sibling* – “irmãos” de sexos diferentes) → <CE> </CE>.
- Transferência e Tradução: transferência de um elemento e tradução de outro paralelamente (ex: *pelota de fly* para *fly ball* = “bola voadora”) → <TT> </TT>.

- Transferência e Reprodução: transferência da raiz e reprodução dos afixos derivados (ex: o francês-suíço *de-stopfe*, que significa “desplugar”) → <TR> </TR>.
- Transferência e Reprodução Simultânea: um único componente é transferido e reproduzido simultaneamente (*canabuldogga*, em ítalo-americano, para *bulldog* – transferência de *dog* e reprodução de *cana*) → <TRS> </TRS>.

Nomes Próprios:

- Transferência: transferência do nome da língua fonte (ex: o ucraniano *Vladimir* nos moldes do ídiche *Lúdmir*) → <TF> </TF>.
- Tradução: tradução literal do nome (ex: o inglês *Cape Town* para o africâner *Kap-stad*) → <TRAD> </TRAD>.
- Hibridismo: transferência de apenas um dos elementos e tradução de outros (ex: o nome alemão *Darkendorf*, no qual a primeira parte do vocábulo tcheco *Darkovice* foi adotada, porém, traduzindo o final para o alemão) → <HB> </HB>.
- *Pseudotradução: substituição de um nome por outro com a mesma consoante inicial (ex: o ídiche *Moshe* traduzido pelos equivalentes *Morris* e *Morlon* em inglês) → <PT> </PT>.

*As categorias marcadas com o asterisco e listadas abaixo, além de corresponderem ao descrito anteriormente, foram adaptadas a outras questões relacionadas às análises do texto traduzido, englobando, também, as seguintes situações:

Desuso <DS> → ocorre também quando há a implicitação ou a eliminação de um vocábulo dentro do sintagma, incluindo a elipse do sujeito (ex: *the switched spouses* = “as esposas”).

Homonímia <HN> → usado quando, dentro do sintagma, ocorre a substituição do anafórico pelo substantivo que ele retoma (ex: *who* = “e o bicho”).

Cognato <CG> → também usado no caso de reproduções como empréstimos e onomatopeias (ex: *Blam* = “Blam”).

Rendição de Empréstimo <RE> → inclui o caso de provérbios, expressões idiomáticas e cristalizadas (ex: *hoo boy* = “minha nossa”), ou a expansão, no texto traduzido, para mais de um sintagma (ex: *you never really got to save anyone* = “na verdade a gente nunca chegava a salvar/quem quer que fosse”), bem como a escrita por extenso de uma abreviação (ex: *a.k.a.* = “também conhecido como”) e o acréscimo de vocábulos com intuito de explicitação por parte do tradutor (ex: *and also yes to there being something to us* = “e também, sim, é verdade que existe algo entre nós”, com o acréscimo de “é verdade”).

Pseudotradução <PT> → também utilizada no caso da adaptação de nomes próprios à língua meta (ex: *The Nethers* = “os Inferos”).

Houve a ocorrência de categorias híbridas. A fim de não aumentar demasiadamente o número de categorias, incorrendo no risco de apresentar um valor não significativo de ocorrências em cada uma delas, optou-se por classificá-las sob o rótulo de Categorias Sobrepostas <CS> </CS>.

Anexo B

Categorias de modalidades de tradução

(Aubert, 1998, p. 105-110)¹

1 - Omissão: quando o segmento do texto fonte não pode ser recuperado no texto meta, por censura, limitação ou irrelevância (ex: a tradução para o inglês do relatório da diretoria de um banco brasileiro, com o intuito de auxiliar a Receita Federal dos EUA, contendo informações sobre um fundo de investimento específico no qual não foi feita operação alguma por parte do banco estadunidense, tal informação poderia ser omitida, já que não é relevante) → <OM> </OM>.

Tradução Direta:

2 - Transcrição: considerado o grau zero, engloba segmentos que pertencem às duas línguas, isto é, números, fórmulas, palavras ou expressões emprestadas de uma terceira língua, ou se no texto fonte houver palavras da língua meta (ex: *alea jact est*) → <TC> </TC>.

3 - Empréstimo: quando o segmento do texto fonte é reproduzido no texto meta, como no caso de nomes próprios, topônimos e termos étnicos. Quando se tornam parte da língua, deixam de ser considerados empréstimos, um exemplo disso é a palavra office-boy → .

4 - Decalque: adaptação gráfica ou morfológica da palavra emprestada da língua fonte, ou quando a palavra não está registrada na língua fonte (ex: “corporativo” no sentido de empresarial) → <DC> </DC>.

¹ Todos os exemplos de modalidades de tradução foram extraídos de Aubert (1998, p. 105-110).

5 - Tradução Literal: ocorre quando o segmento traduzido apresenta o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática e com as mesmas categorias gramaticais, com sinônimos interlinguísticos, considerada a tradução palavra por palavra (ex: *her name is Mary* = “seu nome é Maria”) → <TL> </TL>.

6 - Transposição: é caracterizada pela ausência de pelo menos um dos três primeiros critérios listados na tradução literal. Ocorre quando há rearranjos morfossintáticos, isto é, fusão (ex: *I visited* = “visitei”), desmembramento (ex: *kindergarten* = “jardim de infância”), alteração na ordem (ex: *remedial action* = “ação saneadora”), ou alteração gramatical (ex: *should he arrive late* = “se ele chegar atrasado”) → <TP> </TP>.

Tradução Indireta:

7 - Implicitação: quando o termo explícito no texto fonte é identificável e se torna implícito no texto meta (ex: em uma tradução do inglês para o português brasileiro não é necessário o seguinte aposto: Brasília, *the Federal Capital of the country*) → <IM> </IM>.

8 - Explicitação: quando a informação implícita no texto fonte é explicitada no texto meta por meio de paráfrases, apostos e notas de rodapé (ex: considerando o exemplo anterior, porém, com a tradução para a direção contrária, isto é, do português brasileiro para o inglês, a adição do aposto seria importante) → <EX> </EX>.

9 - Modulação: é caracterizada por apresentar significados parcialmente distintos e sentido genérico ou igual (ex: *deaf as a doornail* = “surdo como uma porta” / *it's very difficult* = “não é nada fácil” / *corporal imbecility* = “impotência”) → <MO> </MO>.

10 - Adaptação: assimilação cultural com equivalência parcial de sentido, engloba os falsos cognatos culturais (ex: *hobgoblin* = “saci-pererê” / *sheriff* = “delegado de polícia” / *MA in Linguistics* = “Mestrado em Letras”) → <AD> </AD>.

11 - Tradução Intersemiótica: reprodução de figuras como material textual, ou seja, brasões, ilustrações, logomarcas descritas por extenso (ex: na tradução de um documento do inglês americano para o português brasileiro apresenta-se a seguinte informação por escrito: “[No canto superior esquerdo, brasão da Província de Ontário]”) → <TI> </TI>.

***Categorias à parte da classificação em Tradução Direta ou em Tradução Indireta

12 - Erro: relaciona casos de erros evidentes, não engloba soluções inadequadas (ex: *only 20% from the schools make the grade = 20% seulement des écoles conduisent leurs élèves au succès* – “apenas 20 % das escolas conduzem seus alunos para o sucesso”) → <ER> </ER>.

13 - Correção: melhoria em relação ao texto fonte (ex: *the current US deficit amounts to several hundred million dollars* = “o déficit atual dos EUA monta a centenas de bilhões de dólares”) → <CO> </CO>.

14 - Acréscimo: inclusão de segmento que não era implícito ou recuperável no texto meta por parte do tradutor, envolve paráfrases, comentários e notas explicativas (ex: em um texto fonte referindo-se à Cortina de Ferro como fato político contemporâneo o tradutor pode incluir a palavra “ex”, ou uma nota explicativa, a fim de elucidar as alterações políticas) → <AC> </AC>.

Houve a manifestação de modalidades híbridas. Com o intuito de não apresentar um número muito elevado de categorias, incorrendo no risco de obter uma quantidade não significativa de ocorrências em cada uma delas, optou-se por rotulá-las como Sobreposição de Categorias <SC> </SC>.

Obs: Aubert (1998) classifica as categorias Implícitação e Explicitação na mesma posição, ocupando o sétimo lugar. Assim, são treze no total as modalidades de

tradução propostas pelo autor. Com o intuito de criar rótulos distintos para a aplicação dos *tags* nos arquivos XSL e XML, as referidas modalidades foram desmembradas nesta dissertação.

Anexo C

Entrevista com José Geraldo Couto¹

1) Quais são os idiomas com os quais você trabalha? Dominar mais de uma língua influencia no momento da tradução? Isto é, ao traduzir do inglês para o português, por exemplo, o espanhol causa alguma interferência?

R: Traduzo do inglês e do espanhol. Penso que quanto mais línguas o tradutor conhecer, melhor, mas teria dificuldade em explicar por quê. Provavelmente, porque o conhecimento de outras línguas amplia a sensibilidade do leitor/tradutor para outras formas de construção, além de aumentar o vocabulário de um modo geral.

2) Na tradução de textos literários do inglês para o português, quais são as principais diferenças encontradas entre esses pares de idiomas? Existe alguma semelhança?

R: Puxa, é difícil responder essa pergunta em poucas palavras. Se entendi bem, a pergunta é sobre as diferenças entre o inglês e o português. São imensas, claro, sobretudo nos tempos verbais, nas conjugações, nas diferenças de gênero. As semelhanças estão na estrutura geral das orações. Por contraste, podemos pensar na estrutura das frases em alemão, que é bastante diferente. Nas línguas orientais, então, nem se fala. Além disso, há entre o inglês e o português um extenso vocabulário comum ou semelhante, pois boa parte do inglês provém do latim. Isso ajuda e, ao mesmo tempo, pode ser um perigo, por causa da armadilha dos falsos cognatos.

3) Em sua opinião, a distância sintática entre a língua inglesa e a língua portuguesa facilita ou dificulta a tradução? De que forma? (Cite alguns exemplos).

¹ Entrevista concedida por José Geraldo Couto, via correio eletrônico, em 31 de maio de 2015.

R: Em geral essa distância (que nem é tão grande assim, como vimos na resposta anterior) dificulta mais do que ajuda. Difícil citar um exemplo assim, de chofre. Mas posso lembrar o *present perfect*, que é um tempo verbal que não tem correspondente exato em português. Em alguns casos, convém traduzi-lo pelo pretérito perfeito simples (mesmo que a ação ainda não tenha terminado completamente); em outros, pelo pretérito perfeito composto. Exemplos, respectivamente: *She has broken the window* = “Ela quebrou a janela”; *I have worked hard since I got this job* = “Tenho trabalhado duro desde que consegui este emprego”. Outro caso infernal é o dos *phrasal verbs*, que praticamente não temos na nossa língua. Cada verbo pode assumir os sentidos mais variados, dependendo da preposição que o acompanha. Em alguns casos é simples (*get out, come back* etc.). Mas como traduzir *blot out* ou *suck under* com a mesma concisão e precisão do original?

4) No caso da tradução do livro de contos *Dez de Dezembro*, quais foram as principais dificuldades ao realizar a tradução?

R: As dificuldades foram imensas. Diria mesmo que foi um dos livros mais difíceis que traduzi. Vou tentar explicar por quê. Uma das maiores dificuldades para a tradução de obra de ficção é encontrar a “voz” do narrador, o que inclui seu tom, seu ritmo, seu humor etc. Pois bem, no caso dos contos desse livro do George Saunders, mesmo quando a narração é feita em terceira pessoa, ela se “cola” em um ou outro personagem, assumindo sua linguagem própria, seu vocabulário, seu modo de ver o mundo. Muitas vezes, no interior de um mesmo conto, esse foco narrativo se desloca de um personagem para outro, mudando totalmente o tom, a “voz”. Para mim, esse foi o maior desafio. Encontrar essas várias vozes, realizar as passagens entre elas do modo mais próximo possível ao original.

5) Parece ser perceptível na obra traduzida a busca pela manutenção do estilo do autor, suas gírias e neologismos. Quais são as ferramentas e métodos utilizados neste tipo de tradução?

R: Um tradutor deve usar todas as ferramentas disponíveis, dos dicionários de gírias e de frases idiomáticas à consulta a falantes nativos da língua de origem, passando

pelo Google, pelas letras de canções, diálogos de filmes e tudo o mais que possa ajudar a encontrar o sentido e o tom exato de uma fala, de um parágrafo, às vezes de uma única palavra. O objetivo é chegar o mais próximo possível não só do sentido literal do que é dito, mas do tom, do humor, da música do original. Claro que sempre será uma tentativa fracassada, que haverá sempre um grau de perda e de traição nessa passagem, mas penso que devemos nos esforçar ao máximo para que essa perda e essa traição sejam as menores.

6) Como foi a experiência de traduzir o conto Dez de Dezembro? Você buscou, na agenda específica deste trabalho, se aproximar mais da língua e da cultura inglesa ou do sistema linguístico-cultural brasileiro?

R: Foi uma experiência muito rica e exaustiva, pelo que eu disse acima. Quanto à segunda parte da pergunta, houve as duas coisas: a tentativa de me aproximar mais da cultura norte-americana em que estão envolvidos os narradores e personagens do livro, e de buscar sua correspondência no sistema linguístico-cultural brasileiro. Por exemplo: no primeiro conto, “No colo da vitória”, em que boa parte do relato é visto pelos olhos (e pela linguagem) de adolescentes contemporâneos, foi preciso buscar como se expressam os adolescentes brasileiros da mesma faixa etária, camada social, inserção cultural etc.

7) Em praticamente todos os contos do livro aparecem palavras de baixo calão que foram traduzidas. No caso do conto “Dez de Dezembro”, o vocábulo *cunt* não foi traduzido, entretanto, recebeu uma nota do tradutor explicando seu significado. Por que foi essa a sua opção?

R: Esta resposta é mais simples. Mantive a palavra *cunt* para preservar a homofonia com *Kant*, que está no texto original. Além disso, *cunt* pode ter uma dupla tradução, conforme tentei explicar na nota de pé de página: pode se referir à vagina em si, mas também ser usado como xingamento a uma pessoa, em geral a uma mulher. Nos dois casos, é um uso vulgar, obsceno e, no mais das vezes, sexista ou machista.

8) O conhecimento linguístico e cultural do par de idiomas e das sociedades envolvidas estão em contato no momento da tradução. Tal fato pode causar algum tipo interferência/influência no texto traduzido? De que modo?

R: Penso que o conhecimento linguístico e cultural tanto do idioma de partida como no de chegada só pode ter uma influência positiva. Isto é, quanto mais o tradutor conhecer a cultura e a língua que produziram a obra original, mais estará apto a compreendê-la em sua plenitude e desdobramentos. Quanto maior o seu conhecimento da cultura e da língua de chegada, mais apto estará a expressar de modo satisfatório a obra.